Diário de Lisboa

ANO 84 N.º 21 590

Outubro de 1984
Sábado

20

30$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Entrevista com Vasco Gonçalves

Começou por uma breve conversa telefónica, transformou-se numa entrevista de fundo: Vasco Gonçalves lembra que não está «na reserva da vida», fala do presente... e do futuro. **Página 10**

OPERACIONES SICOLOGICAS EN GUERRA DE GUERRILLAS

Uma bala na cabeça para cada sandinista

Eis a capa do manual da CIA, especialmente concebido para as guerrilhas antisandinistas da Nicarágua: em cada cabeça, um buraco de bala... A divulgação do manual é uma prova do envolvimento directo americano na «guerra suja» nicaraguana. **Mais notícias na Pág. 11**

Bispo de Santarém também vê fome

Pág. 9

Coelho e perdiz: caça abre amanhã

Pág. 7

Duelo à vista

Pintasilgo confirma intenção de se candidatar a Belém

Era o segredo mais bem guardado até à entrevista que o «Expresso» hoje publica, mas tinham também o sabor de um «segredo de Polichinelo»: Maria de Lourdes Pintasilgo confirma, de forma indirecta embora, a sua intenção de candidatura. Entretanto, como era de esperar, já há sondagens a dizer que ela «desceu»....

Pág. 5

O Primeiro-Ministro e a ex-primeiro-ministro: duelo para Belém

Tengarrinha e Cunhal: questão de diálogo

MDP deu ao Governo pretexto para afivelar "máscara dialogante"

— diz o PCP

«Desta vez é a proposta do MDP que dá ao Governo o ensejo e o pretexto para tentar afivelar uma máscara dialogante», diz a Comissão Política do PCP sobre a «impossibilidade de diálogo com o Governo», numa nota ontem distribuída. Na mesma nota, o PCP «repudia energicamente a acusação de que a sua actividade se caracteriza por uma posição meramente negativista». **Pág. 5**

Trégua primaveril favorece treinos

Pilotos melhoram tempos

«São Pedro gosta de Fórmula Um», dizia-se esta manhã no Autódromo do Estoril, onde o piso secou e se vive uma trégua primaveril que se deverá manter até amanhã, dia do Grande Prémio. O piso seco já permitiu aos pilotos melhorar os seus tempos de ontem, com destaque para Prost, que fez, hoje, a volta mais rápida em 1.22,002, sendo muito aplaudido por Stephanie do Mónaco, uma sua «fã» que não larga as «boxes» da McLaren. A grelha da partida depende dos treinos desta tarde. Entretanto, como a foto mostra, os mecânicos não páram de «tirar a febre» aos pneus, para estudarem as reacções do «calçado» dos «bólides» à pista – novinha em folha – do Autódromo.

Págs. 15, 16 e 17

Em visita a fábrica de periféricos de computadores

Eanes defendeu investimento estrangeiro que propicie benefícios recíprocos

o Presidente da república sublinhou ontem a importância de uma estratégia industrial bem caracterizada que defina as grandes opções estruturais, as vias do esforço industrial prioritário e as suas condições de realização.

Falando em Palmela, nas comemorações do décimo quinto aniversário da instalação no nosso país de uma fábrica da multinacional da indústria de computadores Control Data, Ramalho eanes frisou que «as condições hoje existentes em Portugal em relação ao investimento estrangeiro, o elevado nível de especialização dos nossos quadros técnicos e a qualidade dos trabalhadores portugueses, representam uma retribuição ajustada para que venham a registar-se, com maior frequência exemplos idênticos ao que aqui viemos encontrar».

Referindo-se ao investimento estrangeiro, Eanes defendeu que a sua estabilidade e rentabilização assenta na troca recíproca de benefícios.

Abordando o caso concreto da Control Data, que iniciou a sua actividade em 1969 com 60 trabalhadores e emprega actualmente mais de 900, o Presidente da República observou que o desenvolvimento da empresa se processou no «período chamado revolucionário» da vida portuguesa, sem que esse factor tivesse intervido negativamente.

Eanes disse que se a empresa proporciona benefícios aos responsáveis pelo capital também os proporciona aos trabalhadores portugueses e a Portugal, permitindo que o país tivesse acesso a novos conhecimentos e tecnologias.

O Presidente da República considerou que este exemplo de cooperação entre Portugal e os EUA serve para mostrar as potencialidades do mercado português de trabalho.

Durante a sua visita às instalações da magnética Peripherals – a subsidiária da Controlo Data estabelecida em Palmela – Ramalho Eanes falou demoradamente com numerosos trabalhadores da empresa ficando a saber, por exemplo, que uma empregada do sector de controlo de qualidade com quinze anos de casa recebe 31 500 escudos ilíquidos por mês.

O Presidente da República teve também a oportunidade de ouvir um velho trabalhador em idade de reforma que continua ao serviço por sua vontade e que disse a Eanes desejar acima de tudo o «progresso da companhia» porque ele significa o progresso de todos os que nela trabalhavam. Curiosamente, o ministro do Trabalho que também participava na visita comentou que «é extremamente agradável ouvir um discurso desta natureza na boca de um trabalhador do distrito de Setúbal...»

No almoço comemorativo do aniversário da empresa, o presidente da Companhia de Produtos Periféricos da Control Data, Gordon Brown, destacou a excelente qualidade de trabalho dos operários portugueses observando que a exportação da fábrica de Palmela é o melhor teste à sua produtividade e qualidade.

Acompanharam o Presidente da República na visita às instalações da fábrica o ministro do Trabalho, Amândio de Azevedo e os secretários de Estado da Indústria, Trabalho, Comunicações e Ensino Superior.

Concentração de trabalhadores

Antes da chegada do Presidente da República e membros do Governo as organizações representativas dos trabalhadores de cerca de dezena e meia de empresas do distrito de Setúbal concentraram-se à entrada daquela fábrica para chamarem a atenção para o problema dos salários em atraso e entregarem um documento ao Presidente da República e ministro do Trabalho.

Ramalho Eanes deslocou-se fora da empresa onde um dirigente da União dos Sindicatos de Setúbal considerou que o distrito está «à beira da calamidade pública», sublinhando que desde o início do ano o número de empresas com salários em atraso aumentou de 44 para 110 no distrito, estando 25 mil trabalhadores naquela situação.

O Presidente da República afirmou que sente a questão dos salários em atraso e comprometeu-se a abordá-la ontem mesmo numa reunião semanal com o Primeiro-Ministro.

Os dirigentes sindicais enviaram o documento ao ministro do Trabalho, que permaneceu dentro das instalações da Control Data.

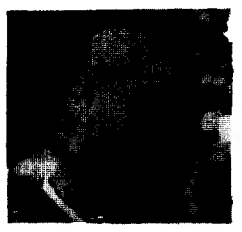
10 milhões de contos de exportações

A Magnética Peripherals fabrica diariamente 50 a 60 unidades de memória de disco para computadores e cerca de 3 mil cabeças magnéticas. A produção destina-se essencialmente à exportação e serve os maiores construtores mundiais da indústria informática, entre os quais se encontra a própria Control Data.

Este ano prevê-se que as exportações da empresa para 98 clientes, em 20 países, atinjam os 10 milhões de contos.

Mais de 20 por cento do pessoal trabalha na área da engenharia e controlo de qualidade, usando para este último processos altamente sofisticados.

A incorporação nacional, em mão-de-obra e materiais, é superior a 60 por cento.



Antunes da Silva

Telegramas

O meu amigo Cassiano Vilalva, após ter bebido o último gole de café, atirou-me com esta, de riso escancarado nas faces de querubim:

– Gostas ou não gostas do Carlos Lopes?

– Que ideia é essa? – redargui, mais ou menos neutro.

– Responde!

– Até gosto! – disse, nas calmas.

– Como homem ou como atleta? – exigiu o Cassiano, passando lentamente a língua pelos lábios.

– Hã? Como atleta, sim, embora me pareça também que é um tipo porreiro!

– Só porreiro?

– Que diabo de interrogatório é esse?! Pois, um gajo fixe!

– E quanto ao Fernando Mamede? – questionou o meu querido amigo, afagando os queixos. – Gostas dele?

– Claro!

– Mesmo com as negativas e estranhas peculiaridades que exornam o seu comportamento?

– Exacto!

– Mas gostas mais de um que do outro, diz lá!

– Aprecio os dois da mesma forma, já disse!

– Ou será só por o Mamede ser alentejano, apesar de fazer aquela triste figura nos Jogos Olímpicos?

– Não, pá, estás enganado! Gosto dele por todos os motivos e mais um: é que apesar de todos os defeitos que lhe querem assacar, o meu patrício bateu ali na Suécia o **record** do Mundo dos dez mil metros, o que muita gente já se esqueceu, como também se esqueceu que ganhou à frente do Carlos Lopes!

2

As pessoas que não apreciam aprofundar determinados exercícios da inteligência, pensam, nas suas, que redigir um trecho de prosa ou compor uma poesia é o mesmo que promover a caiação de uma casa, por exemplo, embora honrado e nobilitante seja o ofício de caiador, note-se!

Mas não queiramos ser mais papistas que o Papa! Desenhar belas histórias é fazer pedagogia, urdir versos nítidos é fazer pedagogia, adiantar as folhas íntimas de um **diário** é palpar os próprios nervos e os do nosso carissimo semelhante. Creiam que tudo tem os seus custos naturais de angústia, azedume de outros pelos lapsos que porventura tenhamos, desânimos, paixões à flor da nossa memória, porque a faz dilatar e cumprir-se como impulso educativo das multidões. É isto que penso neste instante: ser escritor é um ofício com imensos riscos, e, em certa medida, maldito. Tem muitos invejosos e trastes abocanhando a índole do artista. Mas não se pode escolher outro, mesmo fugidiamente que seja, desde que a fonte nasça e jorre da nossa intimidade mais secreta.

Cinema de Paris

'Woody, Woody, Woody!

WOODY ALLEN é um solitário necessariamente acompanhado, como todos os solitários autênticos. Desta vez, ou mais uma vez, a companhia chama-se Mia Farrow e o resultado do casal em pânico é cómico e doloroso no seu humor sem piedade. Piedade de quem, perguntaria (e pergunta) Woody nos seus apólogos? Não de certo, de si próprio – quer dizer deste empresário infeliz de artistas sem talento, troçado ou atraiçoado no seu ofício. «Broadway Danny Rose» é a história simples e sem crédito de tal personagem, em suas aventuras cómicas à força e serem trágicas, ou vice-versa.

Trata-se, em suma de um filme de Woody Allen, em que a história conta menos que as suas peripécias, e nelas se dissolve, contadas a uma mesa de «pub», em grandes risos de seus falsos amigos. Que importância, porém? O que os outros lhe não dão, encontra-o ele em si próprio, mesmo sem nisso (e sobretudo) acreditar. A filosofia da vida de Woody está nessa situação ao mesmo tempo ingénua e estoica, optimista finalmente – se quisermos. Querê-lo-emos, porém?...

O ser capaz de desejo, no absurdo total da exxistência de que o próprio Woody Allen algures falou, numa espécie de existencialismo incrédulo – de «aceitar, perdoar, amar», em preceito de um dos seus tios, evocado em tranquila situação, de vítima. Vítima de tudo e de todos, não deixa ele, porém, de transferir essa qualidade a outros, em cenas de frustração e riso. Um dos seus contratados não consegue fazer acordar uma espectadora do sono hipnótico em que a mergulhou? A consolação está na boca do empresário que logo promete ao marido da dama, caso ela não acorde mais, convidá-lo a um bom jantar em restaurante à sua escolha: «o senhor gosta de cozinha chinesa?»... Não há, no fundo da sua consciência, marido que resista! Porque, para ele também, como para todos os espectadores do filme, a ciência da vida reside, fundamentalmente, a saber «como chegar a casa às seis horas» da tarde – neste mundo impossível de cidades e multidões.

Para cultivar seu jardim, certamente. Só que o jardim de Woody nos aparece mais uma vez, neste seu último filme, cheio de plantas imaginosas, ou loucas, ou tristes, à sua imagem de jardineiro. Quero dizer (mais uma vez) de cineasta genial...

J. A. França

Jorge Luis Borges outra vez em Lisboa

Na segunda-feira, dia 22, pelas 18 horas, realiza-se na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Alameda da Universidade, Campo Grande) uma sessão com o escritor Jorge Luis Borges que será apresentada pelo dr. Alçada Baptista. Estará presente o ministro da Cultura, dr. António Coimbra Martins. A entrada é livre.

Na foto: Jorge Luis Borges, depois de ter recebido o doutoramento «honoris causa» pela Universidade de Roma

1984 ou O Funcionário

Rui Zink

NO OUTRO DIA, saiu-me a sorte grande. Encontrei, à saída do teatro, um antigo professor que agora é secretário de Estado, não sei de quê, mas sei que o é. Folgou muito de ver-me com bom aspecto, perguntou-me o que é que andava a fazer e eu aproveitei logo para meter a devida colherada: que andava à procura de emprego.

Já não ando. Saiu-me a sorte grande.

O meu professor, ainda o trato assim, é a força do hábito, exclamou que calhara bem o nosso encontro porque, confidenciou-me, iam abrir um novo gabinete no ministério, para estudar não sei o quê, e necessitavam precisamente de um **rapaz de confiança.** Eu exultei e apressei-me logo a dizer que «rapaz de confiança» não havia senão eu. O professor aprovou com um aceno de cabeça.

Ficámos de nos encontrar daí a dois dias no ministério. A princípio combináramos para o dia seguinte, mas depois ele viu que não podia ser, tinham uma reunião importante.

No ministério

INFORMEI que tinha uma entrevista com o secretário de Estado, e mandaram-me subir ao quinto andar.

A secretária do secretário não estava, pelo que não tive outro remédio senão anunciar-me a mim próprio. Bati à porta.

O meu mecenas disse «entre!» e eu assim fiz. Dentro do gabinete estava também um outro senhor que eu não conhecia.

– Ah, é você, Rui – disse o meu ex-professor, com afabilidade – Olhe, se não se importa, espere só um pouco na sala, que eu agora estava aqui a acabar de conversar com o doutor Costa...

Eu ia já a fechar a porta, respeitosamente, quando o secretário de Estado mudou de ideias:

– Pensando bem entre. Já agora apresento-o. Doutor Costa, este é o jovem de quem lhe falei...

Trocámos os cumprimentos, com sorridente cortesia. O doutor Costa demorou-se apenas mais alguns minutos, findos os quais eu e o secretário ficámos sós para podermos tratar dos nossos assuntos.

A questão era simples. Ia ser formado um novo gabinete de estudos de problemas relacionados com a emigração, só que este abordaria os problemas sobretudo de um ponto de vista diacrónico, histórico. A coordenação estaria a cargo de apenas três altos funcionários. Um deles, o último a entrar no projecto, seria eu. Os outros dois eram, por acaso, respectivamente do filho do professor, formado em biologia, e um sobrinho do dr. Costa, ex-instrutor de ginástica no ISEF. Eu sou licenciado em literaturas modernas.

– Como vê – sublinhou o secretário de Estado – Tivemos a preocupação de escolher pessoas aptas a elaborar uma abordagem interdisciplinar dos problemas.

Eu assenti. Que isso era mais que evidente. O resto da entrevista correu às mil maravilhas. Comecei a tratar da papelada no dia seguinte.

Ao fim de uma semana

Recebi um telefonema do secretário de Estado, a dizer que tinha urgência em falar-me, se eu podia aparecer de tarde no ministério. Fiquei assustado. Teria o emprego ido por água abaixo? Ainda por cima agora que eu já dissera a toda a gente...

Uma vez no gabinete, enquanto me oferecia um café, entretanto trazido por um contínuo, o secretário sossegou-me que quanto a **isso** estava tudo em ordem.

– O seu lugar está assegurado. o assunto porque o chamei é outro.

Emitiu um suspiro.

– Posso ser franco consigo?

E explicou-me então o que se passava. Certamente que eu não ignorava que estávamos (estamos) numa época de crise e grandes decisões. Embora estivesse (esteja) firme e consolidado, este governo tinha inúmeros inimigos, não sendo mesmo de excluir conspirações estrangeiras.

– Não é preciso dizer nomes, estamos entre pessoas inteligentes e você sabe tão bem como eu que isto é verdade e quais as forças que estão contra este governo e contra a democracia.

Ora nesta fase da vida nacional em que forças nacionais e mesmo potências estrangeiras conspiravam contra este governo e **portanto** contra a democracia, o Primeiro-Ministro exigia o máximo de coesão e solidariedade possível da parte de todos – mas mesmo todos – os serviços.

– E no fundo é compreensível que o governo queira confiar nas pessoas que com ele trabalham, a quem ele vai dar dinheiro, não lhe parece?

Parecia-me.

– Pois é precisamente por essa razão que este governo quer ter pessoas de confiança em todos os departamentos e, naturalmente, sobretudo nos novos gabinetes que se vão formar, pois se nos outros já haverá infiltrações, inevitáveis e talvez mesmo insolucionáveis, ao menos que estes escapem a essa lepra.

Não lhe parece?

Parecia-me.

Ao fim e ao cabo

O que o Primeiro-Ministro queria era ter a certeza de que não ia patrocinar a infiltração de extremistas em postos-chave da administração pública.

– E você bem sabe – observou-me o secretário de Estado, didáctico – que na administração pública todos os postos são postos-chave. Um simples porteiro pode acumular um poder enorme, pelo simples facto de que frequentemente se aguenta mais tempo no activo do que vinte ministros juntos. Em suma, todo o cuidado é pouco. Está a seguir o meu raciocínio?

Eu estava a seguir. Só não compreendera ainda era onde queria o meu benfeitor chegar.

– Ora, meu caro Rui, diga-me cá: qual seria, na sua opinião, a melhor maneira de nos certificarmos da, digamos, fidelidade e gratidão de uma pessoa? Não, não responda já. Deixe-me antes auxiliar mais um pouco a sua reflexão. Você conhece-me. Sabe que sempre fui (e serei) independente. No entanto, também sabe o partido em que tenho a honra de estar filiado. porque ao contrário dos outros, é um partido democrático que admite a liberdade de tendência e opinião, mesmo – e até sobretudo (é importante sublinhar isto) – no seu seio. daí, dessa liberdade que todos os que nele estamos inscritos sentimos, advém a nossá unidade. Nesta época de crise e confrontos, todos devemos estar solidários. Sozinhos, que apenas estejam os extremistas.

O secretário de Estado fez uma curta pausa. Finda a qual acrescentou, não sem um certo tom dramático:

– E não queria, meu jovem amigo, estar sozinho nesta jornada.

Engoli em seco. Estava não só a concordar, mas também a começar a compreender. O secretário encolheu os ombros.

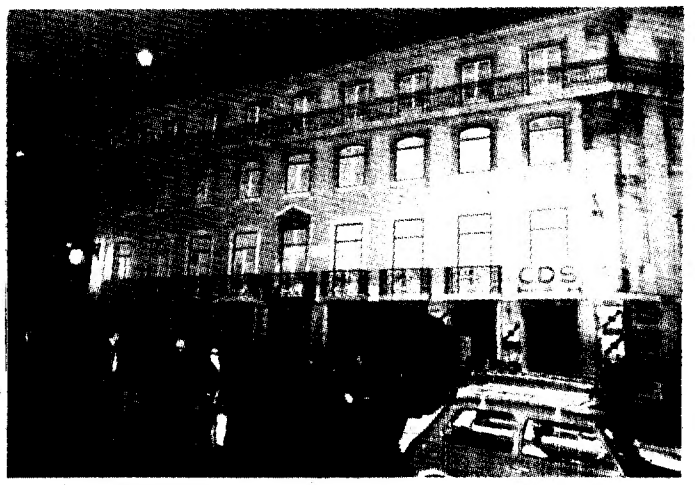
– A última palavra, como é natural, é sua e só sua. Que fique bem claro que ninguém o está a coagir a nada. O lugar, asseguro-lhe, é seu, seja qual for a sua decisão. Simplesmente aceleraria o processo e criaria talvez um melhor ambiente de trabalho, sem que desagradáveis suspeitas pudessem um dia (e repare que falo hipoteticamente) recair sobre ninguém. E o que nós queremos é trabalhar bem, não é verdade?

«E afinal de contas, bem vistas as coisas as suas ideias são as nossas. Todos cremos na Democracia, todos queremos construir um País em Paz e Liberdade. E você não será um mero militante. Ficará **evidentemente** no sector intelectual. Tudo pessoas excelentes.»

PS) Inscrevi-me e não me arrependi, a minha vida anda a correr bem.
Não posso é continuar a falar-vos. É que tenho o avião da Lufthansa daqui a uma hora e um problema: ainda não descobri onde meti o «dossier» da viagem. Sempre fui muito esquecido.

ponto a ponto

● O actual ministro do Exército do Brasil General Walter Pires, deverá ser o **novo embaixador deste país em Lisboa,** afirma a Imprensa brasileira. Os jornais sublinham que o general Walter Pires gostaria de continuar no seu cargo de ministro do Exército até ao final do governo Figueiredo. O seu nome poderia, no entanto, ser apresentado ao Senado Federal antes do início das férias parlamentares, a 5 de Dezembro. Círculos políticos citados pela Imprensa apontam que o general Walter Pires poderia assumir as funções de embaixador na primeira quinzena de Março de 1985, antes do presidente Figueiredo terminar o seu mandato.



● A Comissão directiva do CDS considerou que **o debate sobre o Orçamento suplementar** «constituiu o dobre de finados do Governo em matéria de política económica». Num comunicado divulgado após a sua reunião, a Comissão Directiva afirma que «ficaram, ao mesmo tempo, sem sentido os sacrifícios pedidos ao povo português desde o início deste governo, a dependência aceite em relação ao Fundo Monetário Internacional e às solenes garantias de rigor na administração dos dinheiros públicos». No plano político. A comissão democrata-cristã analisou aquilo que chama de «criação de um clima de diálogo entre o MDP/CDE e o Governo» e, ainda, o desenvolvimento da situasção política do País nomeadamente na perspectiva das próximas eleições autárquicas e presidenciais.

● A acção solidária com os presos antifascistas (ASPA), lamentou que tenha sido necessária **a pressão da opinião pública** e da Comissão de Direitos, Liberdades e Garantias do Parlamento para que a lei prisional fosse cumprida. «A ASPA responsabiliza o Governo pelas graves consequências que teve para a saúde física e psíquica dos presos tão prolongada greve da fome, exigindo que sejam facultados todos os meios para evitar lesões irrervesíveis» – salienta ainda um comunicado ontem distribuído por aquela organização.

● O Secretariado Nacional da JS pronunciou-se ontem em comunicado, contra a **burocracia que sufoca as Universidades**, as Associações de Estudantes e o Ensino Superior». A JS manifesta-se contra a demora na concessão de subsídios, contra a demora da defiição da autonomia universitária e na resolução dos problemas existentes em torno dos serviços sociais universitários. Finalmente a JS solicita que o Governo, «no seu todo, assuma alguns sinais evidentes de maior abertura e maior sensibilidade para com as associações de estudantes».

● O ministro dos Negócios Estrangeiros afirmou ontem que «o Governo português continua a seguir com atenção a **luta do povo palestino** pelo direito a uma nação e a uma pátria». Jaime Gama fez esta declaração durante um almoço com os cinco embaixadores dos pa ises árabes acreditados em Lisboa, designadamente de Marrocos, Egipto, Líbia, Iraque e Argélia. O titular da pasta dos Negócios Estrangeiros sublinhou «o reforço que o actual Governo tem implementado nas relações políticas, económicas e comerciais com os países árabes». A este propósito, salientou o facto de ter sido recentemente nomeado para Marrocos um conselheiro cultural, Rui Rasquilho.

● A Comissão Política Distrital da Área Oeste do PSD, manifestou-se solidária com a decisão da Comissão Política Concelhia de cortar relações políticas, a nível local, com o PS. A decisão foi tomada na sequência da **reprovação pelo PS,** na Assembleia Municipal, ao pedido de autorização para erigir um monumento à memória de Sá Carneiro na praça que tem o seu nome, em Torres Vedras. A Comissão Distrital expressa o seu «mais veemente protesto não só por esta inqualificável atitude, como também, pela forma indecorosa, grosseira e atentatória à figura ímpar do estadista e patriota».

● INICIATIVAS editoriais em curso procedentes de diversas origens permitirão, em breve, o lançamento de **obras já esgotadas e inéditas de Raul Proença** – foi ontem revelado nas Caldas da Rainha. Falando numa sessão solene integrada nas Comemorações do Primeiro Centenário do nascimento do escritor, que estão a decorrer no Museu «José Malhoa» daquela cidade e que à noite tiveram a presença do Chefe do Estado e do ministro da Cultura, o presidente da Fundação Gulbenkian afirmou que esta instituição está a proceder à reedição de diferentes textos de Raul Proença, entre os quais volumes esgotados do Guia de Portugal.

● O Comando Naval dos Açores homenageia amanhã **o comandante Carvalho Araújo,** que há 66 anos morreu em combate naval ao largo da ilha de S. Miguel. Carvalho Araújo comandava o draga-minas «Augusto Castilho», afunbdado a 14 de Outubro de 1918 entre as ilhas de S. Miguel e Santa Maria, após fazer frente a um submarino alemão. O «U-139», um dos mais poderosos submarinos alemães da I Guerra Mundial, atacou, a 276 milhas de Ponta Delgada, o paquete português «S. Miguel», que tinha a bordo mais de duas centenas de pessoas. O «S. Miguel» emitiu um SOS captado pelo draga-minas português que não era mais do que um pesqueiro adaptado a unidade da Marinha.

Um recado para as Câmaras Municipais

"Reservado o direito de admissão não tem existência legal"

— Trata-se de um abuso de todo o tamanho, uma prepotência dos "chicos-espertos-à-portuguesa"

Fernando Grade

QUE quer dizer «reservado o direito de admissão»? Em conformidade com a lei que está em vigor, não passa de uma figura de estilo, um decorativismo como outro qualquer. Isto é, em termos legais, «reservado o direito de admissão» não existe. Aliás, não houve, no País, nem mesmo no tempo do fascismo salazaróide, qualquer lei ou postura camarária que permitisse seleccionar os cidadãos de forma a que este ou aquele indivíduo pudesse entrar em determinado estabelecimento comercial (os restaurantes e as chamadas casas nocturnas não passam de unidades de exploração comercial iguaizinhas a tantas outras...) e o seu vizinho ficasse à porta do dito, a chuchar nos dedos mindinhos.

Há cerca de seis anos, passou-se, com o autor destas linhas e mais os seus três acompanhantes e amigos de Torres Vedras, uma parte curiosa no que se refere ao ilegal, ridículo (num Estado que se diz democrático...) e pretenso «direito de admissão». A cena decorreu no limiar de um «dancing» da zona do Campo Grande, é para aí uma hora da manhã. Temos, então, o porteiro (outra ilegalidade gritante, porque, se a tal discriminação social é ofensiva e inexistente em termos jurídicos portugueses, ainda é mais ilegal, se possível, a existência de mantenedores ostensivamente públicos dessa macacada), temos o porteiro, dizíamos, e, à bebida, o polícia, decerto remunerado pela casa comercial em referência (o «dancing»).

Ao cruzarmos a porta, o porteiro informa-nos que não podemos entrar porque «a casa está cheia...» Trata-se um moço de vinte e poucos anos, encorpado, mais alto do que eu, e este reclamador de agora (embora não seja um gigantone) passa um tanto por calmiças, num país onde os homens ainda têm a estatura média de 1,62 metros. Digo-lhe, na passada, que a casa não deve estar tão cheia como isso, porquanto os utentes não chegam à porta... Era notório que se tratava da típica esperteza saloia, à lusitana, e a manipular, em termos eufemísticos, o piramidal «direito de admissão». O rapaz porteiro não deveria ter gostado, porventura, das minhas barbas à Velho Testamento, nem das barbas à passa-piolho do outro camarada... e, julgando-se com a faca e o queijo na mão, pretendeu cortar à medida dos seus palatinos e embocadura... Resolvi divertir-me à grande e à francesa (a situação dava-me uma enorme vontade de rir), mas contive-me: falei sempre a sério. E continuei:

— Olhe, já agora, não se importa de chamar o gerente... ou o dono...

— O patrão não está... foi ao Algarve... — qual Algarve, qual carapuça!!!, pensei com os meus botões. Isto é um país a armar ao fino: o palavrão Algarve funciona como palavra mágica, bicha de rabear, pingarelho... Algarve tanto é a aldeola serrana, ainda às escuras, como as lantejoulas e o «golf» da Penina... E disse:

— Então, vossemecê mostre-me o alvará da casa...

Quanto ao polícia — nem chus nem bus.

O porteiro retorquiu:

— Eu não sei nada dessas coisas... Estou aqui a desenrascar... O meu patrão foi ao Algarve...

— Já sei que o casaca foi ao Algarve... Mas, se você não sabe..., que está aqui a fazer? Diga-me, ao menos, uma coisa: esta casa é um estabelecimento comercial ou é um clube? Se se trata de um clube, ou melhor, de uma sociedade de cultura e recreio que terá, obrigatoriamente, estatutos idênticos ao Sport Lisboa e Benfic, à Associação Portuguesa de Escritores, ao Paio Pires, ao Ténis do Estoril ou ao defunto Carcavelinhos, se

Continua na pag 4

SPORTING C.P. DINAM. MINSK

Assista ao desafio de futebol entre o Sporting C.P. e o Dínamo de Minsk e aproveite para conhecer a U.R.S.S.

02/11 a 13/11 - MOSCOVO/KIEV/MINSK/LENINEGRADO
Esc.: 82.500$00

Este preço inclui:
- Viagens e estadia em hoteis de 1ª. Classe;
- Todas as refeições incluídas;
- Transfers Aeroporto/Hotel/Aeroporto e Hotel/Estádio/Hotel;
- Bilhete para o desafio;
- Assistência (opcional) às Comemorações do 7 de Novembro;

Com o Apoio Técnico da:

ASSOCIAÇÃO PORTUGAL URSS
Rua de S. Caetano N.º 30 1200 Lisboa
Tels. 60 11 99 - 60 10 99

MUNDIRAMA
AGENSE TURISME LDA

Um acto de comédia em situação dramática e absurda

António Modesto Navarro

O «discurso à região» que o então governador civil de Bragança pronunciou na sessão de abertura do 3.º Encontro de escritores e jornalistas transmontanos, no passado dia 26 de Setembro, naquela cidade, foi afinal o **canto do cisne** de alguém que não seguia Mota Pinto com a fidelidade brutal e canina assumida por outras figuras do PSD.

Telmo Moreno, médico radiologista em Bragança, apresentou um «projecto desenvolmentista» da região aos escritores e jornalistas presentes, que não coincide, apesar de feito numa perspectiva meramente capitalista e até demagógica, com os objectivos de paralisia total da vida do interior, defendidos e praticados pelo actual Governo Mota Pinto/Mário Soares.

«Libertar» as populações da agricultura, na perspectiva da criação de «empresas modernas» e da destruição da pequena e média agricultura actual (objectivo primeiro do Plano de Desenvolvimento Rural Integrado de Trás-os-Montes e Alto Douro elogiado pelo governador civil...), «fomentar a produção alimentar», reconverter o Complexo Agro-Industrial do Cachão, pagando a tempo aos agricultores fornecedores de matérias-primas, promover a indústria extractiva e dinamizar uma produção de energia que sirva a região, captar as remessas de emigrantes para o desenvolvimento regional e outras propostas constantes do discurso de Telmo Moreno não vão afinal ao encontro da política do actual Governo e, sobretudo, dos interesses dos grandes capitalistas mais interessados na sobreexploração do litoral industrializado e consumidor, desejosos de conservar o interior do País apenas como reduto de votos, de ignorância e atraso.

Substituir os presidentes das Câmaras já...

Telmo Moreno foi substituído por um advogado de Macedo de Cavaleiros, que naturalmente não vai ser incómodo para este velho projecto dos sucessivos Governos de direita e dos grandes capitalistas. Mota Pinto era homem para substituir também os actuais presidentes das Câmaras do distrito de Bragança, eleitos pelo PSD, se pudesse – e já. Ele sabe que os autarcas do Nordeste estão afogados em dívidas e compromissos, por erros de gestão e por estrangulamento financeiro do Poder Local levado a cabo pelos Governos de direita. São homens desesperados, que precisam de fazer alguma coisa para não perderem o comando da vida nos concelhos. Precisam de fazer algumas obras, de dar trabalho e de arranjar mais empregos para amigos e afilhados.

Se a paralisia local continuar a fazer-se sentir, em breve eles pensarão em deixar os cargos. Entretanto, são cada vez mais incómodos para um Governo incapaz de dar resposta mínima aos anseios das populações e apostados em destruir o que resta do que foi realizado depois de 25 de Abril de 1974.

Nenhum autarca do Nordeste defende hoje o Governo Mota Pinto/Mário Soares. Os presidentes das Câmaras são cada vez mais críticos, nas suas intervenções em sessões de Assembleias Municipais e noutras situações, movidos evidentemente por interesses pessoais e pela pressão de promessas e «entendimentos» que não poderão cumprir. Mota Pinto tem um projecto, com Mário Soares. É o projecto de fazer regressar o interior à destruição e à morte de antes do 25 de Abril. Se pudessem, nomeavam em directo e privado os presidentes das Câmaras, como o fascismo fazia. Se pudessem e as populações deixassem, acabavam de vez com o que resta por exemplo das estruturas do ensino e da saúde e regressava-se à situação querida do salazarismo.

Telmo Moreno defendia para o Nordeste Transmontano a criação de uma «Sociedade de Desenvolvimento» que captasse as remessas dos emigrantes e os depósitos da região. Na sua «tese», avançava que essa «Sociedade», por não poder pagar juros ao nível da banca nacionalizada, deveria ser financiada pelo Governo, que reporia a diferença entre o juro possível de pagar pela «sociedade de Desenvolvimento» e o que a Banca paga... Ou seja: A «Sociedade» seria autónoma e privada, destinar-se-ia em primeiro lugar a combater a banca nacionalizada, mas, se calhar, seria a esta que o Governo iria buscar o dinheiro para repor a diferença dos juros, para favorecer e impulsionar uma «Sociedade» utópica, querida de uns tantos que pretendem dominar a vida económica, política e social do Nordeste.

Em cada região há hoje um conjunto de «líricos» ambiciosos que querem ir longe. Quando não aceitam os espartilhos do Governo Central, não é por amarem muito a sua terra e pretenderem libertá-la e desenvolvê-la de facto. O caso do Nordeste Transmontano é típico e merece estudo aprofundado. Governadores civis e autarcas que deixam encerrar vias férreas, assinando protocolos de extinção com o Governo e a CP, como aconteceu em Março passado com a linha do Sabor e já acontece por etapas com a linha do Tua, homens que deixam estrangular a pequena e média agricultura por exemplo na região demarcada do Douro, onde muitos milhares de agricultores perdem «benefícios» de produção de Vinho do Porto em favor de transnacionais como a Cockburn e a Sandeman, gente que não dá um passo para defender o aproveitamenteo do ferro de Moncorvo e outras riquezas regionais, estão apesar de tudo na mira de um Governo apostado em quebrar toda e qualquer resistência ao seu projecto de regresso ao 24 de Abril mais negro e destruidor.

Cobertura a autarcas

Recentemente, averiguámos junto do Governo Civil de Bragança porquê o então governador Telmo Moreno não dava resposta aos pedidos de inquérito às actividades de certos presidentes de Câmaras do dstrito, como por exemplo os de Vila Flor e Mirandela. Foi-nos respondido que o governador tinha despachado os processos para o Conselho Distrital, órgão consultivo previsto e já instalado noutros distritos. Só que a proposta de instalação do Conselho Distrital de Bragança está há muito tempo no Conselho de Ministros e ainda não foi homologado por este Governo. O que tem permitido ao governador civil escapar à tomada de resoluções sobre os inquéritos pedidos, que até são vários, no dizer do secretário do Governo Civil.

Não há Conselho Distrital e, como não há este órgão, os inquéritos não avançam. O inquérito pedido pela APU ao presidente da Câmara Municipal de Vila Flor data de 5 de Janeiro de 1982 e ainda não obteve resposta. Assim vão a «legalidade» democrática, os abusos e a corrupção livre e serena no distrito de Bragança.

Resta acrescentar que, com Telmo Moreno ou sem Telmo Moreno, a região do Nordeste apenas poderá contar com as suas potencialidades e populações, por enquanto, num processo de resistência que a vai destruindo e que também a clarifica, quanto ao papel das personagens locais e dos governos de direita. Para tornar mais completo e complexo o retrato da situação actual em Bragança, acrescentamos que no final do 3.º Encontro de escritores e jornalistas transmontanos o então governador civil dez-se representar por um falcão local, que fez o discurso mais antiquado do Encontro. Retorno às raizes, elogio passadista e «independentismo» da região foram tónicos de uma intervenção para esquecer. Na realidade, pode dizer-se que muito rapidamente os «extremos» se tocam, ou, como dizia o poeta, mas com melhor intenção, «isto anda tudo ligado»...

Sobre Bragança, depois do 3.º Encontro de Escritores e Jornalistas, cai o manto pesado do frio e também a «mão-de-ferro» de Mota Pinto. O Governo que ele comanda executa rapidamente a substituição do governador civil. Passo de comédia numa situação cada vez mais dramática e absurda.

CÂMARA MUNICIPAL DA MOITA

MOÇÃO

Continuando selvaticamente a política de destruição do País, no ataque desenfreado às conquistas alcançadas após o 25 de Abril, com fortes medidas restritivas sobre os trabalhadores e a população que o «des»governo Soares/Mota Pinto pretende impor através da chamada «Lei de Segurança Interna», a aplicação da revisão das leis laborais, a alta brutal do custo de vida, os despedimentos, insegurança no trabalho, o ataque às nacionalizações e à Reforma Agrária.

Vem agora numa medida monstruosa a «des»coligação PS/PSD no poder, pretender dar forte machadada na LISNAVE (um dos maiores estaleiros do mundo) e nos seus trabalhadores, através do acordo com a administração presidida por José Manuel de Melo considerando a LISNAVE em situação económica difícil, apontando para o despedimento cerca de 2000 trabalhadores que dizem estar a mais, quando na empresa proliferam os subempreiteiros.

Em reunião no dia 12 de Outubro de 1984 a Assembleia Municipal da Moita decide:

1.º Repudiar a política de desastre Nacional levada a efeito pelo PS/PSD a desgovernar o nosso País.
2.º Repudiar o acordo firmado entre o Governo e a Administração da LISNAVE que prevê o despedimento de cerca de 2000 trabalhadores.
3.º Exigir do Governo o diálogo com os trabalhadores que na realidade pretendem participar na resolução dos problemas que afectam gravemente a vida financeira, económica e social do nosso País, com propostas alternativas para a saída da crise.
4.º Levar aos camaradas da LISNAVE o testemunho da forte solidariedade que caracteriza os trabalhadores portugueses e a sua disposição para as formas de luta necessárias para que este monstruoso projecto não seja posto em prática.
5.º Continuar a exigir e a lutar dentro do quadro da Constituição para que no mais breve espaço de tempo o Governo Soares/Pinto vá para a Rua.

PELA DEFESA DOS POSTOS DE TRABALHO!
NÃO AOS DESPEDIMENTOS!
NÃO AO DESMEMBRAMENTO DO S.E.E.!
GOVERNO PARA A RUA!

A Mesa da Assembleia Municipal
O Presidente
Joaquim Martins Gonçalves)

Reservado o direito de admissão

Continuação da pág. 3

isto é um clube, repito, e todos os clubes são entidades privadas, pertencem aos sócios e apenas estes podem frequentar, por direito próprio, as instalações sociais, nesse caso, e como nós não somos associados, está correcto você impedir-nos a entrada. Todavia... das duas, uma: se não constitue um clube..., com sócios, com a estrutura de uma colectividade de cultura e recreio, e não existe outra estrutura na lei portuguesa, estamos na presença de um estabelecimento comercial, e daqui não se pode sair, chame-se-lhe «dancing», charcutaria, loja de secos e molhados ou botica, ou restaurante de luxo, ou loja de fazendas. Nesse caso, você não tem competência para impedir a nossa entrada. Você está, certamente, e sem o saber, a produzir discriminação social. E a colocar-se, de uma vez por todas, fora da Lei...

— Mas o senhor entre..., os senhores entrem... — ripostou, pacífico, o porteirinho.

— Não se fala mais nisso... Façam o favor de entrar.

O polícia?... Ultra silencioso.

Por essa altura, eu era uma autoridade administrativa de uma Câmara Municipal do Distrito de Lisboa. Era vereador. Mas não me identifiquei. Essas funções não eram para ali chamadas..., porque não me encontrava no meu concelho.

Respondi:

— Mas como quer você, agora, que nós entremos..., se a casa ainda está à cunha?!... O quê!, não me diga que já está vazia?!... Então, foi bruxedo!!!

— Os senhores entrem ..., os senhores entrem... — insistiu o porteirote.

Acabei, acabámos em beleza, perdidos de gozo:

— Não. Pensando melhor, estávamos, com certeza, enganados. A sua casa não tem a categoria e a qualidade necessárias... Não passa de uma reles leitaria! Seja feliz, portanto, guarde bem a chafurdice... E dê cumprimentos nossos ao patrãozinho dos Algarves.

O porteiro ficou amarelo.

O guarda — neutro. Incomodado — via-se-lhe nos olhos. Este tipo de argumentação destroça-va-lhe, decerto, as meninges...

E nós, os quatro, voltámos as costas, superiores, como num desplante em relação a um toiro, que se baba... Cidadãos de outro planeta...

DIVERSAS CHINESICES

A esta hora, alguns leitores são bem capazes de colocar, a si mesmos, certas questões: e o sistema dos «cartões de amigo»?, e o consumo obrigatório?... Vamos por partes: os chamados «cartões de amigo» constituem, igualmente, uma prepotência, uma fantochada. São ilegais. Regressamos à vaca fria: se se trata de um clube ou de uma colectividade, a direcção pode agir de maneira que apenas os sócios entrem... Está no seu pleno direito. Se estamos em presença de uma casa comercial nocturna ou diurna (e seja qual for o seu estilo de actividade), os casacas, ao emitirem esses «cartões» selectivos, estão a fazer discriminação social, idêntica ao «reservado o direito de admissão». Isto dá azo a que se marginalizem os cidadãos por serem negros ou monhés, usarem ou não gravatinha, e por fazerem a barba de oito em oito dias, como acontecia (e ainda acontece?) com os operários rurais da Beira Baixa. Mesmo, no caso dos portadores dos tais «cartões de amigo» pagarem uma mensalidade pelo uso dessa «credencial», o ilícito mantém-se, porque os «dancings» em referência não mudaram de estatuto, continuaram à mesma a ser casas de comércio e não possuem personalidade jurídica de agremiações ou clube.

O consumo obrigatório, praticado em muitas boîtes e discotecas, é legal, na sua essência. Esses estabelecimentos devem descontar para as Finanças, em função do n.º de entradas. À semelhança dos teatros e cinemas. Agora..., se descontam ou não em moldes quantitativamente correctos, se existe vigilância pertinente sobre essa prática por parte do fisco, essas dúvidas ultrapassam a possibilidade informativa do meu artigo. Mas..., repita-se: o consumo obrigatório existe legalmente.

No que diz respeito aos restaurantes, o «reservado o direito de admissão» ainda é mais pateta, se possível, do que noutras actividades comerciais. As casas de pasto são locais públicos de serventia. De primeira necessidade. É tão público o Tavares Rico, mesmo com porteiro falsa e ilegalmente intimativo à porta, como a Adega Friagem onde o poeta Fernando Pessoa se suicidava, a bagaço rijo, bebido em garrafas médias de cervejola. O que os restaurantes não podem deixar de afixar, à porta, e bem escarrpachado — para que a Lei seja cumprida — é a ementa da casa e os respectivos preços. Para evitar que os comensais tímidos, depois de sentados, se vejam coagidos, em face da sua pouca descontracção, a suportar preços que consideram exorbitantes ou pratos não desejados. Estando o preçário na porta que dá para a rua, como a Lei obriga, as pessoas decidem, em boa consciência, se pretendem frequentar ou não a referida casa de pasto.

Pintasilgo admite candidatura à Presidência da República

● *É contra o aborto a favor da renegociação da dívida externa portuguesa e contra o modo como está a ser negociada a adesão portuguesa à CEE*

Maria de Lourdes Pintasilgo admitiu, em entrevista ao semanário «Expresso», a sua candidatura às eleições presidenciais, negando contudo qualquer «ligação ao chamado partido eanista».

Lourdes Pintasilgo, consultora do Presidente da República e dirigente do MAD, considera na entrevista hoje publicada que «há necessidade de candidaturas que sejam suprapartidárias», de «pessoas que não só não são filiadas em partidos, mas também não são emanações de partidos».

A sua candidatura – disse – «tentaria procurar as grandes zonas de entendimento à volta dos prob' mas fundamentais da vida portuguesa», constituindo-se como candidatura «independente e credível».

O chamado partido eanista – acrescentou – está a nascer fora de Lisboa e possui uma movimentação própria», tendo «possibilidades de possuir aspectos diferentes, e por isso mesmo é possível que venha a transformar a cena político-partidária».

«Mas, de qualquer modo, é um partido» adiantou – e «não sou pessoa para me filiar num partido».

Lourdes Pintasilgo afirmou ainda que o facto de o seu nome surgir em primeiro lugar em recentes sondagens na lista das personalidades presidenciáveis significa «da parte dos portugueses, a escolha, ou o desejo, de que se apresente uma candidatura fora do quadro partidário».

«Desde há algumas semanas – referiu – tem havido um contacto muito intenso de portugueses, de cidadãos que não conhecia, de vários sítios do país, propondo e insistindo para que me candidate».

Lourdes Pintasilo salientou ainda ser «fundamental os portugueses continuarem com um presidente que esteja acima dos partidos, sem de modo nenhum menosprezar a sua actuação».

A sua candidatura – disse – seria no sentido de «superar a constante polarização da sociedade portuguesa», salientando existir actualmente «uma excessiva partidarização da vida portuguesa».

Considerou também que o presidente Eanes tem desempenhado de uma forma perfeitamente cabal e consequente, dentro do quadro actual, a sua função».

Lourdes Pintasilgo afirmou ainda que o bloqueio principal do desenvolvimento da sociedade portuguesa é o facto de «o desenvolvimento não estar presente nos programas políticos do Governo».

Salientou também ser contra o aborto, de uma forma «clarissima e evidente».

Defendeu a renegociação da dívida externa portuguesa, a permanência de Portugal na NATO com contrapartidas, a desburocratização e a regionalização que – disse – «nenhum governo efectivou até agora».

Considerou «normal» a adesão de Portugal ao Mercado Comum, referindo que «o processo está em curso».

No entanto – acrescentou – «não estou de acordo de modo nenhum nem com a filosofia subjacente, nem com o processo como a adesão está a ser negociada».

«A filosofia de alguns governos – como se a adesão fosse uma batalha da qual depende o nosso futuro como nação – considero-a atentatória da nossa dignidade nacional e inadmissível».

Lourdes Pintasilgo manifestou-se contra a dicotomia esquerda-direita, salientando contudo pensar que «muita gente» a vê como pertencente à esquerda».

PCP critica disponibilidade do MDP para dialogar com o Governo

O PCP assinalou ontem, através de um comunicado da Comissão Política, que a declaração do MDP, no Parlamento, manifestando a sua disponibilidade para iniciar um diálogo com o Governo, dá a este «o ensejo e o pretexto para tentar afivelar uma máscara dialogante e assim contrariar o seu isolamento crescente».

A propósito da declaração do MDP, a Comissão Política do PCP acusa o Primeiro-Ministro, Mário Soares, de «ter aproveitado a ocasião para atacar as «outras oposições» e tentar apresentar-se hipocritamente como campeão do «diálogo»

Por outro lado, o PCP «repudia energicamente a acusação de que a sua actividade se caracteriza por uma «posição meramente negativista». «Como é sabido — afirma-se na nota — o PCP a par do combate que desenvolve contra a política antipopular, antidemocrática e antinacional do Governo PS/PSD, tem apresentado insistentemente as grandes linhas de uma política alternativa e as medidas necessárias para a sua concretização».

Segundo o PCP, «a resposta à questão de saber se se pode esperar alguma coisa de positivo do Governo PS/PSD e se se pode fazer alguma coisa com este Governo. Em benefício do nosso povo, do nosso país e do regime democrático saído do 25 de Abril, foi dada há muito e é negativa». Para os comunistas, foi a «própria prática do Governo» que deu resposta aquela questão, prática que «tem as suas expressões mais vivas nos salários em atraso, no crescimento do desemprego, na redução do poder de compra, na degradação acentuada em todos os domínios sociais (...) na lei dos Serviços de Informações e na proposta de lei de Segurança Interna, nos planos de criação de um estado totalitário, na submissão crescente ao imperialismo e no envolvimento cada vez maior nas aventuras belicistas dos Estados Unidos e da NATO».

«Foi a actuação política do Governo que colocou na ordem do dia a reclamação da sua demissão», frisa o comunicado, para acrescentar que «qualquer atitude, acto ou iniciativa que, de uma maneira ou de outra, possam ser interpretadas como significando o benefício da dúvida para com o Governo é susceptível de facilitar as manobras demagógicas que está a desencadear, de reavivar ilusões em alguns sectores e de contrariar o desenvolvimento do processo social, político e institucional no sentido da demissão e substituição do Governo».

O PCP insiste que a «tarefa central e fundamental dos democratas, de todos os trabalhadores, de todos os portugueses que querem contribuir para a saída da crise não é certamente buscar soluções com o Governo (...), mas seguramente intensificar com todas as energias a luta pela sua demissão.»

«Neste caminho, o PCP continuará a reforçar a sua actividade para, com o indispensável, se melhorar a cooperação e assegurar a unidade com todas as forças democráticas, especialmente com aquelas com quem tem relações mais amistosas, como o MDP, com vista à concretização de uma alternativa democrática e à salvaguarda do regime democrático saído do 25 de Abril», conclui o comunicado.

PSD debate propostas destinadas ao OGE 85

A Comissão Permanente do PSD acaba de debater propostas que pretende ver contempladas no Orçamento do Estado para 1985 – disse à ANOP o secretário-geral.

Antunes da Silva explicou que o Partido Social-Democrata pretende que em 1985 o Orçamento do Estado seja «um instrumento de invocação» fundamentalmente no sector empresarial do Estado e da Administração Pública.

O secretário-geral do PSD disse ainda que o seu partido irá abster-se por uma maior racionalização do sector empresarial do Estado durante o próximo ano.

Entretanto, reúne-se esta tarde a Comissão Política do partido alargada aos presidentes das Comissões Políticas Distritais e a representantes do PSD no Governo, destinada a articular «uma melhor ligação entre as estruturas partidárias, a direcção do partido e o Governo», segundo uma fonte social-democrata.

Comissão de Estratégia Autárquica

Entretanto, a Comissão Estratégica do PSD para as autarquias reúne-se no próximo dia 23 – confirmou a ANOP junto daquele partido.

A Comissão foi criada na reunião da Comissão Política de 12 de Setembro passado e é composta pelo secretário-geral, Antunes da Silva, pelo líder parlamentar, António Capucho, pelo ministro da Justiça, Rui Machete, e ainda por Ângelo Correia, Calvão da Silva, Fernando Nogueira, Olívio Borges, Torres Pereira e Duarte Lima.

A principal tarefa desta Comissão será apresentar uma proposta de estratégia a adoptar pelo PSD nas próximas eleições autárquicas.

O documento terá de ser apresentado até 12 de Novembro à Comissão Permanente do partido.

Comissão Permanente do PS

Proposta reflexão conjunta sobre a situação política das Regiões Autónomas

A Comissão Permanente do PS convidou as Direcções Regionais do Partido «a uma reflexão conjunta sobre a situação política nas Regiões Autónomas e sobre a dinamização das actividades do Partido, na perspectiva dos próximos actos eleitorais.»

Aquele órgão socialista, que ontem reuniu, saudou «os socialistas dos dois arquipélagos que militantemente se empenharam nas actividades eleitorais, das quais o PS veio a obter uma consolidação de posições com ligeira tendência para o crescimento».

Os socialistas analisaram também a evolução da situação política e ponderaram «as suas implicações no âmbito da coligação PS/PSD, tomando sobretudo em consideração o comportamento político e a solidariedade da maioria no início de nova sessão legislativa.»

Consideraram «indispensável o desenvolvimento de um clima de boa cooperação entre os Grupos Parlamentares do PS e do PSD, tendo em vista a coordenação das suas iniciativas, o apoio consequente ao novo Governo e o cumprimento dos objectivos nacionais da coligação».

Para além disso, a Comissão Permanente tomou conhecimento das diligências de reestruturação em curso no Grupo Parlamentar socialista, designadamente no que se refere à próxima eleição do novo Secretariado do grupo, à dinamização da actividade dos deputados socialistas e à racionalização geral da actividade parlamentar na sequência do novo Regimento, em aprovação na Assembleia da República».

Por fim, a Comissão Permanente do PS tomou conhecimento, com profundo pesar, da morte do dr. Arnaldo Sampaio, «ilustre figura da medicina portuguesa e antigo presidente da Assembleia Municipal de Sintra, eleito na lista do PS», pelo que apresenta à sua família, e em especial ao seu filho e dirigente nacional do PS, Jorge Sampaio, as mais sentidas condolências.

Entrevista da mãe do Presidente da República

"O António não é pela ruptura"

O «António não é pela ruptura, sempre tentou a concertação», afirmou a mãe do Presidente da República, general Ramalho Eanes, em entrevista ao último número do semanário regional «Repórter de Setúbal» hoje conhecido pela ANOP.

Maria do Rosário Ramalho, 77 anos, admitiu ao semanário setubalense que a forma de o Presidente da República «estar na política é um pouco a sua forma de estar na família».

«Sempre lutou para que a harmonia entre a família fosse possível a todo o tempo. Por isso está permanentemente disposto a dialogar sobre os problemas da família para evitar as discussões tantas vezes vãs mas que levam em alguns casos ao avolumar de problemas perfeitamente evitáveis», disse a mãe do Presidente.

O facto de o seu filho ser Presidente da República – afirmou – não lhe causa «qualquer vaidade», antes lhe tem «dado muitas lágrimas» pois nenhuma mãe «gosta de ver o seu filho hostilizado injustamente».

Para Maria do Rosário Ramalho, o seu filho vale «apenas enquanto filho generoso, atencioso, simples e exigente consigo próprio» e o facto de ele ser o Presidente da República «não trouxe quaisquer benefícios à família e muito menos a ele próprio».

«A noção que ele tem da vida é a de uma permanente entrega, um constante esforço para fazer mais e melhor (...) e agarra o sentido do dever e da disciplina como valores a defender», disse ao semanário de Setúbal a mãe de Ramalho Eanes.

Na entrevista, inicialmente com o objectivo de conhecer as opiniões de Maria do Rosário Ramalho sobre os problemas da terceira idade, a mãe do Presidente disse que os seus filhos gostariam que ela «fosse para casa deles», mas enquanto puder não sai de casa mantendo com eles uma relação de independência «numa base de permanente solidariedade».

Defendendo a permanência dos idosos nas suas próprias casas, advogou a existência de serviços de apoio: «O idoso não é arrancado do seu cantinho e recebe aquele apoio social, económico e higiénico que lhe permite superar as dificuldades que de certo modo são em certos casos verdadeiramente dramáticas».

«Nos últimos anos, apesar de muita coisa estar por fazer, muita coisa tem sido feita no que toca ao apoio à terceira idade».

"Barco da Paz"

O Movimento Democrático de Mulheres (MDM), realiza, depois de amanhã, um percurso fluvial («Barco da Paz»), com partida da Estação Sul e Sueste, às 15 e 30. Objectivo: mais um passo na luta pelo desarmamento e pela defesa da paz, «responsabilidade que é de todos nós».

"Caminho" lança colecção policial e científica

Da responsabilidade de António Belmiro Guimarães, a Editorial Caminho acaba de lançar os primeiros dois volumes de uma nova colecção, designada por «Caminho de Bolso».

«Caminho de Bolso» irá apresentando, ao longo de todos os meses romances policiais e de ficção científica. No decurso de um almoço, os representantes dos órgãos de Informação receberam já os dois primeiros livros: «Memórias encontradas numa banheira», do escritor polaco Stanislaw Lem, numa tradução da edição francesa de Manuela Alves, e «Morte de um inglês», de Magdalen Nabb, escritora inglesa, em tradução de Daniel Gonçalves.

Aos jornalistas foram anunciados já os próximos lançamentos: «Cenários Trucados», do francês Jean-Pierre Andrevon (tradução de Fernanda Pinto Rodrigues), «A Bela Adormecida», do norte-americano Ross MacDonald, traduzido por Mariana Pardal Monteiro e «As Crisálidas», do britânico John Wyndham, posto em português por Fernanda Pinto Rodrigues.

Zeferino Coelho, director da editora, em breves palavras, chamaria a atenção também para o facto de a Caminho se ter distinguido já como a editora que incentiva a criação de obras destes géneros, em português, particularmente de ficção científica.

Lembrou a propósito o «Prémio Caminho» em 1982, para o referido género literário, iniciativa que permitiu revelar dois autores: João Aniceto, com «Os caminhos nunca acabam», e Daniel Tércio, com «A vocação do círculo». Até 31 de Março de 1985, e prosseguindo na iniciativa («Prémio Caminho»), novos autores se lhes juntarão.

A apresentação da nova colecção à Imprensa contou com a presença de parte dos tradutores e de alguns membros do júri do primeiro «Prémio Caminho», como, por exemplo, Fernando Assis Pacheco.

Refira-se, por fim, que as capas são de Henrique Cayate.

Associação dos Médicos Portugueses para a Prevenção da Guerra Nuclear

Está constituída, e em actividade, a «Associação dos Médicos Portugueses para a Prevenção da Guerra Nuclear» que é a correspondente portuguesa da Associação Internacional fundada, em 1980, por médicos americanos e soviéticos. Esta Associação – a IPPNW –, cujo 4.º Congresso teve lugar em Helsínquia, em Junho passado, adoptou o dia 1 de Outubro como a data em que anualmente se faria ouvir a voz dos médicos de todo o mundo contra a guerra nuclear.

A Associação dos Médicos Portugueses para a Prevenção da Guerra Nuclear, nessa ocasião e integrando-se na celebração internacional, emitiu uma mensagem da qual destacamos: «A Organização Mundial de Saúde considerou a ameaça nuclear como o maior perigo para a vida. Do mesmo modo não podem deixar de considerar todas as Associações Médicas. A Associação dos Médicos Portugueses para a Prevenção da Guerra Nuclear, recém-filiada na sua Organização Internacional, não podia também deixar que, neste coro pelo vida humana, pela sobrevivência da espécie humana na Terra, ameaçadas pelo holocausto nuclear, não estivessem presentes médicos portugueses que, fiéis ao verdadeiro espírito de Hipócrates, também alertam para **a defesa da paz, única alternativa à destruição**, «à epidemia final», horizonte negro da guerra nuclear.

«Consideramos que é indispensável criar um tão forte movimento de opinião que se imponha aos políticos e os coloque perante as trágicas responsabilidades desta era nuclear: A guerra nuclear seria sempre uma catástrofe global, nunca uma guerra limitada. As consequências ecológicas de uma guerra nuclear, noite e inverno nucleares tornariam duvidosas as possibilidades de manutenção de vida humana na Terra».

Curso de iniciação à Arqueologia Industrial

A Associação de Arqueologia Industrial da Região de Lisboa (AAIRL) promove, com início no dia 23 de Outubro, o 1.º Curso de Iniciação à Arqueologia Industrial. O Curso está organizado em dois níveis. No nível 1, a lição inaugural, «Introdução Paisagens», será proferida pelo dr. Jorge Custódio (da UNL e da AAIRL), seguidamente, no dia 25 de Outubro, falará a dr.ª Luísa Ribeiro; no dia 30 de Outubro, usarão da palavra a dr.ª Isabel Ribeiro, dr. António Nabais, dr. Jorge Custódio. No dia 31 de Outubro o dr. Jorge Custódio versará o tema «Da Pronta Industrialização à Fábrica». No dia 6 de Novembro o prof. dr. Jaime Reis tratará de «Revolução Industrial e Industrialização». Este 1.º Nível do Curso de Iniciação à Arqueologia Industrial prolonga-se até Dezembro com o seguinte calendário e distribuição: **Organização do Assunto** NOV.8, Fontes e Materiais. dr.ª Luísa Santos – da AAIRL e dr.ª Isabel Ribeiro – da AAIRL; NOV.27, Cartografia, dr. Manuel B. Antunes – do LGG do IPED/UA; NOV.15, Iconografia, José Luís Madeira – do IPPC; NOV.20, Técnicas de Escavação, dr. Cláudio Torres – da FLL e da AAIRL; NOV.22, Inquérito Oral, dr. Duarte Nuno Pimentel – do ISCTE; NOV.24, **Trabalho de Campo**: Habitação Operária; arq.º Nuno Teotónio Pereira – da AAIRL; dr.ª Luísa Teotónio Pereira – da AAIRL; NOV.27, Fontes manuscritas e impressas, dr. Gilberto Gomes – da AAIRL, dr. Luís Silveira – insp. sup. Bibliotecas e Arquivos; **Áreas Complementares;**NOV. 29, Tecnologia, dr. Ernesto Veiga de Oliveira – do Museu de Etnologia; DEZ.4, Arquitectura, arq.º Braizinha – da ESBAL; DEZ. 7, **Trabalho de Campo**: Arqueologia Industrial em Coimbra dr. Amado Mendes – da FL de Coimbra; DEZ. 11, Património Industrial, Hugues de Varine – director do Instituto Franco-Português; DEZ. 14, **Trabalho de Campo**: Museologia I, pintor José Guerra Soares – da AAIRL; dr. António Nabais – do Ecomuseu do Seixal e da AAIRL.

No Nível 2 do Curso serão versados os seguintes temas: **Organização do Assunto**; Métodos e técnicas da Arqueologia Industrial, dr.ª Luísa Santos – da AAIRL, dr.ª Isabel Ribeiro – da AAIRL, dr. Jorge Custódio – da UN e da AAIRL; Elaboração de Fichas e Categorias Industriais dr. Paulo Oliveira Ramos – da AAIRL; Meios audiovisuais, dr. Paulo Oliveira Ramos – da AAIRL; Manuel José da Palma – do Instituto José Figueiredo.

Complementares, Tecnologia II, sr. Eurico da Fonseca; Urbanismo, arq.º José Manuel Fernandes – da ESBAL; Engenharia, eng.º Mário Mariano – da EDP; Antropologia, dr. Mário Moutinho – da UNL; Arte e Design, dr. Rio de Carvalho – da FLL; História do Movimento Operário, dr. Pacheco Pereira – do ISCTE. **Trabalho de Campo**: Bairro Industrial, Membros da AAIRL; Itinerário, Membros da AAIRL; Museologia II, pintor Victor Belém, dr. António Nabais – do Ecomuseu do Seixal e da AAIRL.

Os pequenos e médios agricultores e a política agrária no período 1960-1975

O Centro de Estudos de Economia Agrária, do Instituto Gulbenkian de Ciência, editou a obra de Agostinho de Carvalho «Os Pequenos e Médios Agricultores e a Política Agrária no Período 1960-1975 – Perspectivas de desenvolvimento da Agricultura». Um volume com cerca de 500 páginas, dividido em três partes e oito capítulos, em que se estudam as «Transformações técnicas, económicas e sociais da Agricultura da Sub-Região de «Torres», no período 1960-1973, «Os Pequenos e Médios Agricultores familiares e a política Agrária na Região a Norte do Tejo nos anos de 1974 e 1975» e as «Perspectivas de desenvolvimento da Agricultura».

Este trabalho que o autor apresentou como dissertação para doutoramento em Agronomia teve o apoio institucional do Centro de Estudos de Economia Agrária da Fundação Gulbenkian e a cooperação de diversas pessoas. Trata-se de um meritório trabalho de estudo aprofundado dos problemas de Agricultura que se reveste do maior interesse face aos problemas desse sector da vida nacional, constituindo uma valiosa contribuição do autor. Nos diferentes capítulos da obra, Agostinho de Carvalho debruça-se sobre alguns temas dos mais importantes da Agricultura portuguesa.

O engenheiro agrónomo Agostinho de Carvalho procurou efectuar uma análise crítica das concepções que presidiram ao desenvolvimento da Agricultura portuguesa nos últimos vinte anos, e, para tal, escolheu dois períodos, o de 1960-1973 (regime ditatorial) e 1974-1975 (vigência do regime democrático».

Edição do Instituto Gulbenkian de Ciência (Centro de Estudos de Economia Agrária), Oeiras, 1984.

Vai ser criada Fundação Europeia para as Ilhas

A criação de uma Fundação Europeia das Ilhas, proposta pelo presidente do Governo Regional dos Açores, Mota Amaral, foi ontem aprovada pela conferência dos Poderes Locais e Regionais da Europa.

O presidente do Governo Regional dos Açores apresentou na reunião um relatório sobre a segunda Conferência das Regiões Insulares efectuada nos Açores.

Ao defender a sua proposta de criação da Fundação Europeia das Ilhas, Mota Amaral disse que ela tem como objectivo «encorajar a preservação e o desenvolvimento dos patrimónios culturais insulares e difundir sobre o continente europeu as riquezas destes patrimónios insulares e fomentar a cooperação entre as regiões insulares.

Simultaneamente, propôs a criação de um fundo para a criação da fundação e de uma rede de teleinformática insular.

Durante a reunião que decorreu em Estraburgo, Mota Amaral envolveu-se num incidente com o ministro francês dos Assuntos Europeus, Roland Dumas, quando se opôs à separação do debate relacionado com as questões locais, no que se refere às questões regionais, contestando assim o governante açoriano. Salientou que apenas a França, a Itália, a Espanha e a Bélgica têm verdadeiras regiões, pelo que a câmara destinada a debater os seus problemas específicos seria pouco participada em termos europeus.

A omissão de Portugal ou melhor dos Açores e da Madeira, foi o suficiente para que Mota Amaral ficasse ofendido. Considerou as afirmações do ministro francês como «lamentáveis» e isso mesmo foi dizer ao ministro francês e ao embaixador da França no Conselho da Europa. Mais tarde, em declarações aos jornalistas, disse que o esquecimento de Roland Dumas parecia, no caso dos Açores, uma «desconsideração». Isto dado o nível das relações entre Portugal e a França e tendo em conta que há um tratado luso-francês sobre a concessão de facilidades militares nas Flores.

GRANDE OPORTUNIDADE

ADQUIRA A SUA CASA COM UMA ENTRADA DE APENAS 10 000$00

USUFRUA DAS MESMAS VANTAGENS DA HABITAÇÃO EM LISBOA

Facilidades de Transportes — Utilização de PASSE SOCIAL

APROVEITE O FINANCIAMENTO COM JURO BONIFICADO

Deste modo a sua nova habitação, construída ao abrigo de um Contrato de Desenvolvimento poderá ser paga em mensalidades actualmente inferiores à renda OFICIALMENTE fixada.

VALORIZE O SEU DINHEIRO

Localizada em zona residencial em expansão a sua casa valorizar-se-á aceleradamente.

NÃO PERCA TEMPO E BENEFICIE

OFERTA TEMPORÁRIA DAS DESPESAS DE REGISTOS E ESCRITURAS
ISENÇÃO DE SISA E CONTRIBUIÇÃO PREDIAL

CONSULTE-NOS NO LOCAL

SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES ERG, LDA.

TORRE 4, R/C A — TELEFONE 988 09 44
SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS

TRATAMOS DE TODA A DOCUMENTAÇÃO

Lic. Construção n.º 671 de 11/8/82 – Processo n.º 34312/ CP da CM de Loures

VIAJE VERDE

Viaje de comboio
nos PERÍODOS VERDES
Viaje a preços reduzidos

Os **períodos verdes** correspondem aos momentos em que o tráfego ferroviário é de menor intensidade. Isto é, cerca de 2/3 do ano! Viajar de comboio nestas circunstâncias representa, portanto, um acréscimo de tranquilidade, conforto, prazer. E, significa, também, beneficiar de preços reduzidos muito vantajosos.
Agora, programe as suas viagens de comboio em função dos **períodos verdes.**

Pense verde! Viaje verde!

CP
Comboio, a opção inteligente

CP/Design

Época de caça vai começar amanhã já com protestos

Apenas duas das mil coutadas abertas para atirar ao coelho e à perdiz

● *'guardas da Venatória em greve*

Com os guardas venatórios em greve inicia-se amanhã em todo o País a caça ao coelho e à perdiz, não se cofirmando, no entanto, ao que apurou o «DL» junto do Ministério da Agricultura, Florestas e Alimentação (MAFA), a abertura de quarenta das cerca de mil coutadas existentes em todo o País. Segundo a mesma fonte, apenas se encontra previsto o franqueamento de duas coutadas não especificadas «para evitar grandes aglomerações de caçadores, nos concelhos do Alandroal e do Redondo ou de Reguengos de Monsaraz, ambas localizadas no Alto Aalentejo.

Os guardas venatórios, de acordo com um porta-voz do Sindicato da Função Pública, a que a classe se encontra adstrita, reclamam a negociação do caderno reivindicativo apresentado «há mais de um ano» aos responsáveis de então do MAFA (Soares da Costa foi entretanto substituído por Álvaro Barreto), a fixação da duração do horário de trabalho semanal, a criação de horários de trabalho especiais com jornada contínua ou por turnos e a remuneração do trabalho nocturno e extraordinário.

Quanto à abertura da caça às chamadas espécies indígenas segue-se à autorização, desde Setembro passado, do abate às aves migratórias, mas continua a excluir a lebre, cuja caça permanece proibida, com base na alegada escassez de exemplares.

Na óptica do MAFA, Portugal, em relação à caça, encontra-se presentemente numa situação indefinida, uma vez que «a emigração votou ao abandono largos espaços do tecido agrícola, permitindo, assim, uma maior à-vontade para as espécies animais, às quais são oferecidos largos «desertos», sobretudo no interior do País». Mas – refere o MAFA – a falta de cultura faz escassear alimentos e a multiplicação das espécies tem em conta essa carência, por um processo natural». Por outro lado, o MAFA considera que «os caçadores das grandes cidades do Litoral, facilmente mobilizados, efectuam razias de fim-de-semana nas áreas onde a caça ainda existe, ultrapassando os abates às necessidades de repovoamento em condições naturais».

Com as coutadas, a substituírem os antigos «aramados», a caça tende a ser de novo um «desporto» para as élites

Ainda segundo o MAFA, «as comissões venatórias não possuem pessoal controlador e os caçadores profissionais, fornecedores de grandes restaurantes abundam». A título de exemplo, poderemos dizer que, na época passada, podia comer-se num restaurante de Lisboa uma perdiz por cerca de 1700 escudos e um prato de coelho bravo nunca ficava por menos de uma nota de conto, tudo indicando que este ano os preços ainda irão ser superiores.

Américo Tomás e Nabais da Cunha

Mas apesar das «boas palavras» do MAFA que, possuindo mil coutadas apenas abre duas, há quem diga (e apresente provas) que as coutadas estão muito longe de ser reservas «ingénuas» para preservação de espécies em vias de extinção, tendendo, pelo contrário, a transformar-se em «campos de tiro reservados» às classes económica e socialmente privilegiadas, como era lei no antes-25 de Abril. Quando Américo Tomás e a sua comitiva demandava, por exemplo, Cuba (do Alentejo) e disparavam a esmo sobre tudo aquilo que se movia, fosse lebre ou pirilampo, passe o exagero da comparação. Com o almirante, «rabulista militante» (na linguagem de Odorico) a contabilizar os «troféus» que atiradores camuflados no matagal alvejavam anonimamente.

'Tornando assim cada vez mais saudoso, e actual, o paladino anticoutadas e aramados (sinónimos de latifúndios), o colaborador do «DL» Nabais da Cunha, falecido em 1975, no Sobral da Adiça, onde se fixara já na fase de reforma de funcionário da CML, para se dedicar a tempo inteiro ao seu «passatempo» favorito. Um Nabais da Cunha, que se fosse vivo, não deixaria de denunciar o pretenso espírito ecologista dos responsáveis do MAFA que, em nome da preservação das espécies, estarão a reservar para «parentes e amigos» (tal como acontece com as reservas subtraídas às UCP's) as cerca de mil coutadas, deixando para os caçadores de «pé-descalço» apenas duas. Mas que grande «chumbada», não deixaria de comentar, a propósito, Nabais da Cunha se ainda estivesse entre nós!...

Manuel Geraldo

A democracia em causa

Ameaças levam autarca à demissão em Braga

O presidente da Junta de Freguesia de S. Julião de Passos, em Braga, apresentou em carta dirigida ao presidente da Câmara daquela edilidade, a sua demissão, devido a ter sido vítima de «ameaças de Morte» e «insultos e quase agressão corporal».

O autarca considera ainda «não haver segurança para democraticamente (e não anarquicamente) exercer o poder concedido aos autarcas».

João José Pereira, na carta dirigida há três dias a Mesquita Machado, relata como foi interpelado pelo filho de Ilídio Gomes Pereira, por causa de um desaterro feito num caminho público, tornando-o intransitável em qualquer dos sentidos e pondo em risco a segurança de pessoas e bens no caso de chuvas fortes.

«No dia 16 de Outubro, quando me dirigia de carro para Braga, fui forçado a parar e ameaçado de morte pelo filho do proprietário em causa, que após me ter dirigido insultos e quase agressão corporal, me perseguiu até à Câmara, onde voltei a ser ameaçado». A cena foi presenciada por três testemunhas, – acrescenta o autarca.

No final da carta, aquele presidente da Junta solicita «o processamento judicial do autor da proeza, porque tais atitudes são um atentado ao poder democraticamente instituído».

Entretanto, o presidente daquela Junta vai reunir depois de amanhã, às 9 e 30, com a população da Freguesia de S. Julião de Passos, para dar conhecimento da situação.

Há estradas intransitáveis

Fafe corta com a JAE

Devido ao estado degradado das estradas do concelho e enquanto se mantiver esta situação a Câmara Municipal de Fafe decidiu suspender todos os contactos com a Junta Autónoma das Estradas (JAE) admitindo ainda que «os utentes se levantem contra este estado de coisas e se decidam pelos meios legítimos ao seu alcance a adoptar formas de luta que entendam mais convenientes para que se exija que a única responsável, a JAE, cumpra as suas obrigações».

«Insistentes diligências» daquela Câmara têm sido feitas e «quatro meses consecutivos de contactos a todos os níveis» passaram sem que houvesse qualquer resposta da JAE para a premente reparação das estradas Fafe-Felgueiras, Fafe-Póvoa de Lanhoso e Fafe-Cabeceiras de Basto.

Estradas cuja impraticabilidade actual leva a que seja «impossível circular sem graves prejuízos e riscos físicos e materiais, mesmo em velocidades reduzidas» levando para já as transportadoras a reduzir as circulações e a própria Câmara terá que suspender alguns serviços, entre os quais a recolha do lixo.

Uma vez que «as referidas vias, nos perímetros dos concelhos vizinhos, já foram reparadas, tendo os trabalhos cessado ao entrar-se no concelho de Fafe» conforme consta.

Ou na alternativa, aquela Câmara é posta perante o problema de saber qual a razão de tal procedimento. A edilidade fafense adiantou que sendo «conhecida publicamente a sua filiação política e o sentido maioritário de voto desta autarquia, é legítimo que se interrogue sobre se não haverá propósitos políticos nesta actuação, quando é certo que os concelhos beneficiados têm coloração política diferente deste e mais se identificam com o director da JAE».

Resta convencer as autarquias

Governo propõe-se municipalizar todos os transportes urbanos

Todos os transportes urbanos devem ser municipalizados e, no futuro, essa opção será consumada «em benefício da economia global das regiões» – disse o secretário de Estado dos Transportes.

Murteira Nabo, em declarações à NP referiu que vai regulamentar até ao fim do ano a Taxa Municipal de Transportes, instrumento que «possibilitará arregimentar os meios financeiros para cobrir os custos de exploração de uma gestão integrada dos Planos Regionais de Transportes».

Aquele membro do Governo salientou que a taxa poderá situar-se entre os 0,5 e os 1,5 por cento.

Murteira Nabo disse que, a partir de 6 de Dezembro, vai iniciar uma campanha de sensibilização para congregar a «anuência dos municípios que ainda têm reticências quanto ao projecto».

Neste âmbito, situa-se ainda a Lei-Quadro dos Transportes Regionais e Locais, que permitirá a transferência de competências para os municípios, actualmente da responsabilidade da Direcção-Geral dos Transportes Terrestres e que se referem às tarifas, carreiras internas, percursos e configuração dos Planos Regionais de Transportes.

Albufeira põe as mãos pela água

O presidente da Comissão Instaladora da Administração Regional de Saúde de Faro assegurou que «a situação sanitária das águas de Albufeira está perfeitamente normalizada».

José Castelo Branco contrariava, assim, a opinião de um relatório, «que não foi encomendado pelas autoridades portuguesas», da autoria de Rodney Cartwright, em que se sublinhava «o aparente fracasso das medidas de controlo tomadas com vista a reduzir a incidência de doenças gastrointestinais» naquela área.

Castelo Branco informou que o especialista britânico «fora apenas solicitado a elaborar um estudo acerca da doença do legionário e não sobre a salubridade das águas da região».

Adiantou que Cartwright esteve de 6 a 9 de Setembro no Algarve, por conta própria, ocasião em que «a situação ainda não estava totalmente controlada».

«Neste momento, posso assegurar que a situação está normalizada e que os testes de cloreto das águas, feito diariamente, revelam níveis normais, bem como no controlo estreito, também diário, a nível bacteriológico, em todas as captações de água de Alfufeira» – sublinhou aquele responsável.

Vítimas de "espiões" e "piratas"

Inventores portugueses queixam-se de não ser aproveitados por cá

A indústria nacional não apoia a criatividade dos portugueses e a maioria dos seus inventos são aproveitados por outros países – afirma Jaime Filipe, presidente da Associação Portuguesa de Criatividade (APC).

Os inventoires portugueses «não podem fazer mais nada do que conquistar medalhas nos salões internacionais» – acrescentou.

Considerou prioritária a criação de um departamento oficial «onde uma ideia fosse estudada, pensada por pessoas competentes e se admitisse as hipóteses de ser ou não industrializada em Portugal».

A criatividade em Portugal, para Jaime Filipe, é ainda encarada com algum ridículo. O inventor é um «maluquinho, um minhoca», para a maioria dos cidadãos.

Jaime Filipe entende que muitos dos inventos portugueses que vão aos salões internacionais «são muito bons e poderiam ser resolvidos e fabricados em Portugal».

Jaime Filipe considera como metas prioritárias da Associação Portuguesa de Criatividade a investigação científica, apoio à criatividade, presença de Portugal nos salões internacionais e introdução de novas tecnologias para deficientes.

Também a estimulação da criatividade portuguesa no âmbito da reabilitação e escola de formação de pessoas deficientes são metas a atingir.

O inventor português, regra geral, não tem possibilidades de registar a sua patente no estrangeiro e se o quiser fazer nos países mais industrializados terá que dispor de mais de 1000 contos – referiu.

O que acontece com isto é que o invento muitas vezes é só registado em Portugal por cerca de 50 contos, mas fica sujeito a que possa vir a ser utilizado por outros países, como sendo seus. É também alvo dos «espiões da criatividade», que surgem nos salões com câmaras vídeo e que filmam os protótipos.

A Associação Portuguesa de Criatividade, que tem cerca de 200 associados no Continente e Regiões Autónomas, tem recebido pequenas ajudas financeiras do Ministério da Indústria e Energia, da Junta de Investigação Científica e Tecnologia, do Inatel e do Lneti.

Vinho do Porto rende 85 mil pipas

A região demarcada do Douro produzirá este ano 85 mil pipas de vinho do Porto, disse à ANOP um vindimeiro da zona.

Normalmente, disse o vindimeiro, mil videiras produzem entre 500 a 600 litros de vinho generoso e com 750 quilos de uvas faz-se uma pipa.

De acordo com um vitivinicultor, a região demarcada, dividida por cerca de 30 mil proprietários produz ao todo cerca de 250 mil pipas de vinho.

O preço fixado, este ano, por pipa é de 57 mil escudos.

JANTAR/COLÓQUIO Eng.º VIANA BAPTISTA

A A.P.M. (Associação Portuguesa de Management) vai realizar no próximo dia 24 do corrente um jantar/colóquio, tendo como palestrante o eng.º José Soromenho VIANA BAPTISTA, presidente do Instituto do Investimento Estrangeiro.

O jantar/colóquio terá lugar nas instalações da Associação Portuguesa de Economistas – Rua da Estrela, 8 (Edifício do Club Inglês), pelas 20 horas.

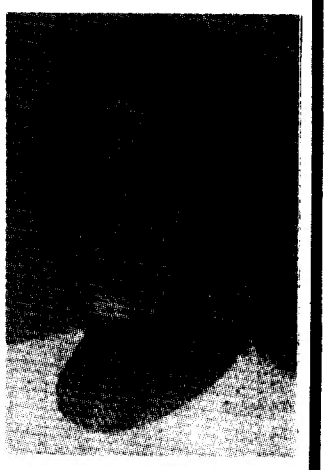
Serão analisados, entre outros temas, a importância que o investimento estrangeiro pode ter na dinamização e modernização da nossa Economia e Indústria e as soluções possíveis do tipo «join-ventures».

As inscrições encontram-se abertas na sede da A.P.M.

Av. Casal Ribeiro, 48-6.º Dt.º – 1000 LISBOA Telef. 55 35 40

de ontem para hoje

Vendedeira assassinada à porta do mercado de Cascais



A vendedeira Dulcínia Maria Rosa Teixeira, de 28 anos, natural de Angola e residente no Estoril, foi assassinada à porta do Mercado Municipal de Cascais, onde tinha banca, pelo homem com quem rompera recentemente um breve noivado. Augusto Franco Belchior, de 39 anos, cuja antiga companheira se suicidou debaixo de um comboio, atingiu Dulcínia no peito com dois tiros disparados por uma pistola de gás adaptada para calibre 6.35 mm. A vítima, que deixou uma filha de nove anos, do seu anterior casamento, estava neste momento a tratar do divórcio. O pai de Dulcínia, disse que Belchior vinha a ameaçar a sua filha dizendo-lhe que ela tinha os dias contados e que ou casava com ele ou não casaria com mais ninguém». Na altura em que foi detido, no quarto que habitava, no Monte Estoril, Belchior dormia tendo à cabeceira da cama a arma do crime.

Ourivesaria assaltada em Setúbal

A ourivesaria «Rosel», localizada na Praça Bocage, em pleno centro da cidade de Setúbal, foi ontem assaltada por dois indivíduos embuçados que furtaram objectos e jóias avaliadas entre 2500 e 5000 contos. Utilizando caçadeiras de canos serrados os dois homens manietaram e prenderam na casa de banho duas empregadas e o proprietário da ourivesaria, Carlos Humberto Gomes. Entre as jóias e os objectos roubados contam-se relógios, pulseiras, brilhantes e diamantes.

Apreendidos 17 500 contos de artigos

A Guarda Fiscal apreendeu entre 14 e 19 do corrente, artigos avaliados em cerca de 17 mil contos. Nesse período foram apreendidas 16 máquinas de jogos vídeo (cinco mil contos) em estabelecimentos de Lisboa, Cacilhas e Carnaxide, uma motorizada Honda no estoril e duas viaturas Mercedes em Almeida e Alcochete (6800 contos), cinco televisões (290 contos) em Paço de Arcos e rádios de diversas marcas e origens (950 contos) numa firma da capital. Foram ainda apreendidas, também no delito de contrabando 82 cabeças de gado e os respectivos meios de transporte (3150 contos) nas regiões de Setúbal e Rio Maior, produtos de beleza (730 contos) na zona do Caia (Elvas) e diverso material fotográfico (600 contos) nas regiões do Porto e Vila Nova de Gaia.

Holandês morto em Albufeira

À porta do restaurante «Esplendor» que há anos explorava em Albufeira, foi morto à facada, na madrugada de ontem, o cidadão holandês Jacob de Groot, de 55 anos. O autor do assassínio poderá ter sido um compatriota de Jacob, a quem ele devia elevada quantia em dinheiro. O caso está a ser investigado pela Polícia Judiciária de Faro.

Navio «Alma» rumo ao Funchal

O navio «Alma» da CTM que se encontrava retido no porto de Lisboa com um carregamento de milho para abastecimento à Madeira, foi ontem autorizado a partir para o Funchal. O barco da Companhia de Transportes Marítimos, com 1640 toneladas de milho, ficou retido por falta de pagamento do combustível para a viagem, facto que motivou de imediato um protesto do Executivo de João Alberto Jardim. O «Alma» deverá chegar na próxima segunda-feira ao porto do Funchal garantindo assim o consumo daquele cereal à região.

«Gasolineiro» ficou sem 30 contos

O posto de abastecimento da Galp, em Leiria, foi assaltado, na madrugada de ontem, por três jovens armados de pistolas. Os assaltantes utilizaram um automóvel com matrícula falsa, estacionaram junto ao posto, na Rua de Tomar, e obrigaram o «gasolineiro, Agostinho de Oliveira Ramos, de 39 anos, e entregar-lhes os cerca de trinta contos a que tinha em caixa.

Empréstimo para armador do «David José»

O armador do pesqueiro «David José», do porto de Sesimbra retido no porto marroquino de Agadir, obteve um empréstimo bancário p ara págamento da multa consequente libertação do barco. O «David José», assim como os 22 homens que se encontravam a bordo, foi apresado quando se encontrava a pescar em águas territoriais marroquinas sem a respectiva licença.

CML mantém Veríssimo Pires a chefiar Gabinete de Imprensa

Uma alteração de certo modo formal foi agora despachada pelo presidente da Câmara Municipal de Lisboa, no seguimento de medidas adoptadas há cinco anos, para obter «uma correcta e concertada intervenção do município» junto da Imprensa. Assim, foi criado um gabinete de Imprensa, em substituição do anterior núcleo de «Informasção» mantendo-se contudo na sua chefia o dr. Veríssimo Pires.

Reivindicando uma maior permissividade na sua actuação

Juízes são "escravos da lei"

— *considerou presidente da Relação do Porto*

O presidente do Tribunal da Relação do Porto considerou ontem como «uma realidade a situação existente em Portugal de que o polícia prende e o juiz solta». Para o dr. Brochado Brandão, que falava na cerimónia da reabertura dos Trabalhos Judiciais do Porto, «o juiz é um escravo da lei e deveria existir uma certa permissividade na sua actuação».

«A morosidade na administração da justiça existe», acentuou aquele juiz-desembargador, para adiantar que «esta situação tem a ver com carências estruturais de há quinze anos para cá e não com a incapacidade dos governos».

Para o presidente do Tribunal da Relação do Porto «99 por cento dos processos nos tribunais portugueses advêm da deficiente legislação e da incapacidade de resposta do próprio Estado». Pelo que, disse, «precisamos que saiam anualmente das Universidades portuguesas 100 juízes e não apenas 50, de forma a que as coisas decorram bem nos tribunais».

Brochado Brandão revelou depois que se encontram actualmente na jurisdição da Comarca do Porto «cerca de dois mil processos pendentes, repartidos pelos sectores civil, social e criminal. E que «44 juízes desembargadores despejam por ano em média cerca de 60 processos cada».

A propósito do novo ano judicial, ontem reatado, o presidente do Tribunal da Relação do Porto salientou a existência de «críticas à administração da justiça, morosidade e permissividade e o estatuto elitista dos tribunais administrativos».

Brochado Brandão concluiu a sua intervenção dizendo que «os tribunais prestam um serviço aos cidadãos como qualquer outro órgão e, como tal, isso significa o reatamento do diálogo população-órgão de soberania».

Às portas de Lisboa

Liamba crescia na horta a 600 metros da PSP

Uma plantação de liamba crescia em terrenos baldios, na sua maioria transformados em hortas pelos habitantes das barracas e casas abarracadas que compõem o Bairro de Santas Martas em Algés, mesmo junto à linha periférica da capital.

Curiosamente o cultivo encontrava-se a 600 metros da esquadra policial e só ontem seria detectada pelos agentes da PS ali em serviço. A plantação, com 233 pés com cerca de um metro de altura, estaria a ser cultivada há cinco meses no mínimo o que não abona a atenção e perspicácia dos elementos piliciais em serviço na área.

No entanto, como vale mais tarde do que nunca os agentes sempre averbaram no activo a apreensão de 16 quilos daquela droga, avaliada em cerca de 4 mil contos se conseguisse ser introduzida nos circuitos tradicionais da sua comercialização.

Aliás, a liamba estava já em condições de ser colhida e só a chuvada de há dois dias e de ontem terá levado ao adiamento da sua recolha.

É conhecido o dono da plantação, nesta altura a monte por se ter apercebido a tempo da diligência policial. Assim, ausentou-se de casa antes de ali ser procurado pelos agentes.

As plantas foram remetidas à Judiciária a quem compete a instrução do respectivo processo.

O cultivo da liamba no nosso País é tanto mais acentuado quanto maior for a vigilância das autoridades ao tráfico do exterior, em especial de Marrocos de onde nos vem a maior parte daquele tipo de estupefaciente por regra já concentrado em placas.

Presos do "caso FP" congratulam-se com garantias

Os detidos do caso FP-25 consideraram ontem que a garantia dada pelo ministro da Justiça do cumprimento imediato do decreto-lei 265/79 «Corresponde, na sua globalidade, à satisfação do que exigiam».

Esses detidos, que na quinta-feira terminaram uma greve de fome, dizem, em comunicado, que aquele diploma não estava a ser cumprido designadamente por estarem sujeitos a regime de cela fechada, serem transferidos e mantidos em áreas fora do seu local de residência e haver uma restrição abusiva das visitas.

Recordam que «foram necessário 38 dias de greve de fome total antecedidos de um jejum a pão e água de 7 dias e de greve de silêncio durante 8 dias, para obrigar o poder a sair da sua passividade face à ilegalidade existente e às arbitrariedades quotidianamente exercidas sobre nós e sobre milhares de presos sociais existentes nas cadeias portuguesas».

Além das lesões irreversíveis que se venham a detectar, «indicam como balanço imediato da deterioração física, perdas de peso entre 10 e 30 quilos, cinco casos em que foi necessário recorrer ao soro, e outras situações tais como desmaios, afecções cardíacas, paralisações temporárias e rins e pulmões afectados».

Na segunda-feira há visita guiada e concerto

Basílica de Mafra leva 254 anos de Sagração

O Palácio Nacional de Mafra comemora na segunda-feira os 254 anos da sagração da Basílica e do convento com a reabertura da sua biblioteca, encerrada há cerca de 12 anos.

Uma visita guiada ao monumento e um concerto de carrilhão pelo comandante Alves Gato, completam as iniciativas destinadas a assinalar a efeméride.

O Convento de Mafra foi mandado construir por D. João V, no cumprimento de um voto que o rei fizera se a Rainha Mariana de Áustria lhe desse descendência, o que aconteceu com o nascimento da princesa Maria Bárbara que determinou o cumprimento da promessa do monarca.

A obra foi entregue a João Frederico Ludevice, que permaneceu bastante tempo em Itália, o que explica, de certa forma, as afinidades da Basílica do Mosteiro com o templo de Superga, nos arredores de Turim, obra de Juvara.

A primeira pedra foi lançada em 1771, mas, quando o rei decidiu que o convento tivesse capacidade para 300 frades. Já não era possível modificar a Igreja, pois a ideia inicial limitava-se a um cenóbio para 13 frades, número que foi sucessivamente alargado para 40 e 80 até chegar às três centenas.

Isto obrigou o arquitecto a adaptar o Convento às directivas régias e a construção desse sector do edifício começou em 1728, embora não estivesse concluída quando a Basílica foi sagrada em 1730.

Os «intérpretes» famosos do Convento são os 114 sinos, 57 em cada uma das torres, que se ouvem a uma distância de 15 quilómetros de Mafra. Os das horas pesam cada um 11 750 quilos e têm o diâmetro de 2,53 metros para 2,4 de altura.

A despeito de serem os mais famosos e os maiores de Portugal, os sinos de Mafra assumem proporções de campainhas quando comparados com o da Imperatriz Ana, de Moscovo, que pesa 198 288 quilos, ou o de Boris, Gonidiff, também em Moscovo, com 132 192 quilos.

Já quanto aos célebres carrilhões de Mafra, são compostos por 48 sinos cada um e o seu peso varia de 30 a dez mil quilos.

Os sinos de Mafra, fabricados em Antuérpia, custaram dois milhões de cruzados.

Além de tocarem automaticamente todas as horas, meias horas e quartos de hora, os sinos estão preparados para executar os mais complicados textos musicais.

À venda o nº 39
TEMPOS NOVOS

Leia neste número, entre outros artigos:

EVITAR O DESTINO DE HIROXIMA — A Tolpeguine escreve sobre o movimento antibelico na RFA

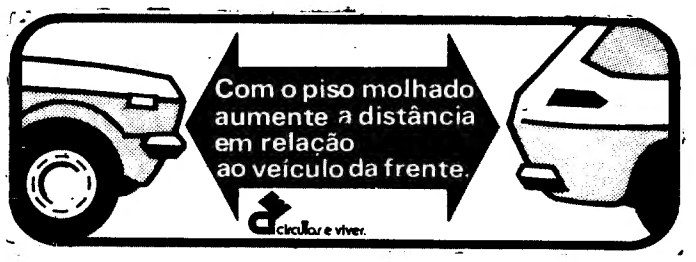
A VERDADE UMA ARMA DA PAZ — Vadim Zagladine informa sobre as solenidades que tiveram lugar na Checoslovaquia por ocasião do 40 aniversario da Insurreiçao Nacional Eslovaca

O DISCURSO DE TODOR JIVKOV, SECRETARIO GERAL DO CC DO PC BULGARO E PRESIDENTE DO CONSELHO DE ESTADO DA BULGÁRIA, PROFERIDO A 8 DE SETEMBRO NA SESSÃO COMEMORATIVA DO ANIVERSARIO DA REVOLUÇÃO.

sai aos sábados

CDL a distribuição

CORAL DE LETRAS DE COIMBRA
Pretende: DIRECTOR ARTÍSTICO
1984/85
Resposta por carta acompanhada de «curriculum»
CELUC – Associação Académica de Coimbra
3000 COIMBRA



Querendo solução para acidentes

Sacavém voltou a cortar EN n.º 10

Centena e meia de populares «cortaram» esta manhã a Estrada Nacional n.º 10, em Sacavém, como forma de protesto contra a falta de sagurança para a passagem de peões. Tratou-se de uma forma simbólica de protesto, entre as 9 e as 9 e 30 horas, frente à Fábrica de Loiça de Sacavém.

A manifestação decorreu sem incidentes nem transtorno, sob a vigilância de elementos da Brigada de Trânsito da GNR que tinha sido previamente avisada desta atitude de protesto e dos seus objectivos, disse esta manhã ao «DL» o oficial de dia da BT.

A população de Sacavém exige condições de segurança, de facto, para os milhares de peões que diariamente atravessam a EN n.º 10 nos dois sentidos, sobretudo para as crianças que se dirigem para as escolas e jardins infantis. Por mais de uma vez os protestos foram levados às autoridades, insurgindo-se contra vários atropelamentos e acidentes, alguns deles mortais.

Nunca se viu, contudo, atendida nas suas reclamações. Daí a manifestação de protesto, simbólica e breve, esta manhã, com a promessa de uma outra – que também será comunicada à Brigada de Trânsito da GNR, se os seus rogos não tiverem resposta e o trânsito se continuar a processar de forma pouco segura e a pôr em perigo a vida das pessoas.

A circulação rodoviária na EN n.º 10 foi reposta nos dois sentidos (de Lisboa para Alverca e vice-versa) por volta das 9 e 30, disse um informador da BT ao «DL».

Entrada na CEE não resolve problemas

Bispo de Santarém alerta: mais um distrito com fome

O agravamento progressivo das condições de vida dos agricultores do Distrito de Santarém poderá levantar ondas de protesto e ameaçar a paz nesta região. Trata-se de mais um a incluir nos distritos onde «se passa fome», reconheceu D. António Francisco Marques, bispo de Santarém.

O prelado falava numa reunião que teve com representantes da Federação dos Agricultores do Distrito de Santarém que lhe deram a conhecer o agravamento das condições de vida neste sector, abrangendo as mais diversas culturas, desde o tabaco (em Coruche) ao arroz, da oliveira à vinha, das hortas às frutas.

Durante a audiência que concedeu aos representantes da Federação de Agricultores, D. António Francisco Marques afirmou que se espera a entrada de Portugal na CEE para salvar a situação, mas até lá nada se faz para resolver os problemas diários dos agricultores.

«A simples entrada na Comunidade Económica Europeia não resolve problema nenhum», sublinhou o bispo escalabitano, segundo um comunicado da Federação dos Agricultores de Santarém.

D. António Francisco Marques declarou ainda aos dirigentes da FES que «a Igreja está perfeitamente a par da situação no distrito», reconhecendo, ainda, a crescente falência dos suinicultores, em particular os de Rio Maior. Neste caso concreto, o bispo de Santarém admitiu que tal situação é motivada pelos baixos preços à produção, pelos aumentos insuportáveis das rações e pelo desinteresse dos responsáveis oficiais do sector.

Entretanto, a Federação dos Agricultores protestou contra um despacho do secretário de Estado da Agricultura que leva ao despejo colectivo de 52 rendeiros, denunciando ainda a «grave situação em que se encontram as adegas cooperativas do distrito».

No final do encontro o bispo de Santarém comprometeu-se a transmitir a situação em que se encontram os agricultores do distrito ao Primeiro-Ministro, ministro da Agricultura e entidades regionais.

JEA quer mais segurança

Três passagens para peões na estrada Lisboa-Sintra

A Junta Autónoma de Estradas vai construir, na Estrada Lisboa-Sintra, três passagens superiores para peões com o objectivo de garantir a segurança rodoviária na zona.

As recentes obras no complexo viário da radial da Buraca e acessos a Queluz e Sintra (vias rápidas) melhoraram substancialmente a velocidade do tráfego, mas causaram problemas aos peões que transitam no local provenientes das várias indústrias adjacentes.

Nesse sentido, a Junta Autónoma de Estradas decidiu instalar passagens superiores reservadas a peões, aumentando assim a segurança para automobilistas e para os que necessitam de atravessar a via rápida a pé.

Na segunda-feira inicia-se a instalação da passagem superior nas proximidades do nó dos Quatro Caminhos, permitindo o acesso em plenas condições de segurança ao cemitério da Amadora. Fica localizada entre a Estrada dos Comandos e o ramal de acesso na Amadora.

A passagem será construída durante três meses. Será em betão armado, tem uma altura superior a cinco metros, um comprimento de 30 metros e uma largura de dois.

Uma passagem superior a instalar em Novembro nas proximidades do Alto do Garoto permitirá o atravessamento, em segurança, dos trabalhadores das unidades industriais que se dirigem de e para as suas empresas.

Finalmente, a passagem superior em Alfragide, já iniciada, localiza-se na zona dos Laboratóris Azevedo e Cabos Ávila, permitindo a travessia de peões também em condições de segurança.

Trata-se de uma obra com prazo de execução de 120 dias, comprimento de 40 metros, largura dois e altura superior a cinco metros, o seu custo total é de 30 mil contos.

A Junta Autónoma de Estradas anunciou também que está prevista a deslocação para junto dos acessos das passagens superiores em ambos os sentidos dos transportes públicos de modo a proporcionar um acesso quase directo às referidas passagens.

Tradição cumpre-se na feira das Mercês

É festa saloia, com tradições longas, de décadas. Começou esta manhã, ainda na fase de preparativos, expondo-se ao tempo incerto, do esconde aparece jogado entre o Sol e as nuvens. A feira das Mercês aí está, pois, com um programa que se estende até ao dia 29. data para o encerramento com uma procissão. Até lá, há de tudo o que é característico em feiras desta natureza não escapando os produtos da terra, para fazer jus à «zona saloia». Das Mercês também há nome em algumas especialidades: a carne de porco frita na sua própria gordura e a pera cozida. Aqui, às portas de Lisboa, quase a chegar a Sintra, onde o cimento armado vai comendo muito do passado.

São 23% as mulheres que a tomam

Estamos em décimo lugar no consumo da pílula

As mulheres portuguesas asseguram ao nosso País o décimo lugar na lista dos países do mundo com maior consumo de pílulas – foi ontem revelado por Altino Aroso Ramos na primeira de duas sessões do Congresso Internacional de Planeamento Familiar que hoje termina em Lisboa.

«A pílula é o melhor e mais eficaz contraceptivo que existe e provavelmente existirá até ao ano 2000», afirmou o secretário-geral da Academia Internacional de Medicina da Reprodução, Neves e Castro. E entre nós tem larga aceitação:

com efeito, 23 por cento das mulheres portuguesas em idade fértil utilizam a pílula, e entre oito e 10 por cento usam dispositivos intra-uterinos, segundo afirmaram especialistas portugueses em conferência paralela a este Congresso Internacional destinada a apresentar uma nova pílula a comercializar em Portugal.

Em Portugal, mercê do consumo da pílula e da adesão de cerca de dez por cento das mulheres aos dispositivos intra-uterinos, por um lado, e da alta taxa de mortalidade infantil, por outro, não se coloca o problema da explosão demográfica, disse Neves e Castro.

Referindo-se a casos de mortalidade provocados pelos contraceptivos orais, o secretário-geral da Academia Internacional de Medicina e Reprodução sublinhou que a percentagem era de três por cem mil habitantes, enquanto para acidentes de viação este número subia para seis por cem mil habitantes.

De acordo com dados fornecidos pelo médico e ex-secretário de Estado da Saúde (1976), Albino Aroso Ramos, Portugal é, como acima referimos, o décimo país do mundo a utilizar a pílula, sendo o primeiro os EUA, seguido da Austrália e de mais sete países europeus. Nos países europeus com maior utilização deste contraceptivo, a percentagem de mulheres em idade fértil que o ingerem é de 40 por cento, enquanto em Portugal é de 23 por cento.

Dez anos de investigação

A apresentação de uma nova pílula, entre nós, foi de certo modo a razão deste Congresso. O medicamento contém a conhecida hormona estrogéneo (etinuidestradiol) doseado a 30 microgramas e reúne as características que a aproximam da pílula ideal: óptima, eficaz, zero por cento de gravidezes, não apresentando acções secundárias como acne, pilosidade e o quase crónico aumento de peso.

O Desogestrel, foi afirmado em Lisboa, «veio revolucionar o mundo dos contraceptivos orais e é o resultado de dez anos de investigação aturada». Mobilizou 45 investigadores em onze países, os quais administraram esta nova pílula a treze mil mulheres, num total de 130 mil ciclos menstruais.

Esta pílula já é utilizada nos mercados de diversos países europeus em que foi lançada, sendo particularmente aconselhada a jovens e mulheres com mais de 35 anos. É uma pílula de combinação que é tomada durante 21 dias, com um intervalo de sete dias.

Entretanto, foi também reafirmado na sessão inaugural deste Congresso que «não existe relação entre a pílula e o cancro, no sentido negativo».

Experiências traumáticas

Um dos participantes em foco nesta reunião internacional foi o psiquiatra e ginecologista Allen Gomes, o qual vincou ser necessário debater com os utentes, nas consultas de planeamento familiar, os problemas de sexualidade que se apresentem, «de uma forma clara e sem preconceitos».

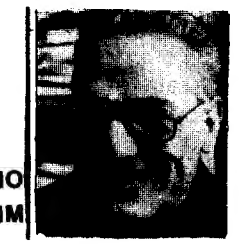
Na sua comunicação, Allen Gomes salientou que melhorar a saúde física e psicológica das mulheres ou casais exige aptidões técnicas e psicológicas por parte dos médicos e técnicos de Saúde no sentido do estabelecimento de um contacto franco e honesto com os utentes.

«Se perguntarmos de uma forma clara e despreconceituosa se as pessoas têm prazer ou orgasmo, elas responder-nos-ão da mesma maneira», sublinhou Allen Gomes antes de referir que existem problemas de disfunções orgásticas resolúveis através de terapias simples, como «diálogos afáveis e abertos».

Explicou que as disfunções sexuais têm várias origens, vários factores determinantes (factores psicossociais), tal como têm, nomeadamente, o cancro ou a tuberculose e, relativamente à etiologia das disfunções sexuais, como por exemplo, a falta de prazer, o não alcançar do orgasmo, a impotência sexual masculina e a ejaculação precoce, o psiquiatra indicou várias razões.

Entre elas nomeou determinantes orgânicas, ou seja, doenças de vários tipos, experiências prévias traumáticas, como a educação repressiva e más relações familiares e circunstâncias actuais como ansiedade sexual, ansiedade e exigência de execução do acto sexual, medo de falhar e antecipação do falhanço, e necessidade excessiva de agradar ao companheiro.

ARTIGO DE FUNDO



MÁRIO CASTRIM

UM buraco
outro buraco
um buraco
orçamental
um buraco
a mais ou a menos
o que é
que tem de mal...

II

Pra quem tem
fome
e protesta
um silêncio
outro silêncio
é o que há no Telejornal.
Um silêncio
mais silêncio
um silêncio
a mais ou a menos
o que é
que tem de mal...

III

Propaganda
pré e pré
pré e pré
eleitoral.
Mais um pré
ou menos pré
o que é
que tem de mal...

IV

Vamos ter
muitas promessas
promessas
de etc. e tal.
Promessas
que não se cumprem
uma a mais
ou uma a menos
o que é
que tem de mal...

V

O circuito,
que circuito
difícil!
É natural.
Derrapagens?
Ora pois!
Uma a mais
ou uma a menos
o que é
que tem de mal...

VI

CEE
entrarmos nela
dizem que é
que é bestial.
Nisto de
desempregados
um a mais
ou um a menos
o que é
que tem de mal...

VII

Sai ministro
entra ministro
um ministro
ocasional.
Se ministram
o que ministram
um ministro
a mais ou a menos
o que é
que tem de mal...

entrevista

Vasco Gonçalves

"Sou um general na reserva, mas não estou na reserva da vida"

Nove anos depois de o general Vasco Gonçalves ter deixado de ser 1.º-Ministro, ainda se fala em gonçalvismo. Com enorme saudade, ou com incontido ódio. Mas fala-se. O general, esse, mantém-se silencioso, assistindo a tudo com empenhada atenção, lendo, estudando e participando, por esse País fora, em numerosas actividades «no âmbito do movimento popular», e no estrangeiro em questões relacionadas com a paz «a tarefa prioritária da Humanidade». «Um homem não pode deixar-se isolar» – diz.

QUIS fazer uma simples conversa ao telefone com Vasco Gonçalves. Tinha lido uma referência, num semanário, a uma sociedade por quotas de que o general faz parte e cuja actividade, ligada à construção civil, foi praticamente suspensa há 10 anos. Queria saber o que havia de verdade nessa notícia.

Vasco Gonçalves, do outro lado do fio, disse, numa voz serena, que, por princípio, não responde «a calúnias, falsidades, mentiras, deturpações». Ainda por cima, explicou, uma curtíssima rectificação enviada a esse semanário não fora publicada... Avançámos então para uma conversa mais prolongada e mais útil, na qual Vasco Gonçalves, informalmente, falou sobre a actual situação económica, sobre os políticos que têm governado este País, sobre o novo partido anunciado, sobre a instituição militar, sobre o terrorismo e sobre si próprio. «Sou um general na reserva, mas não estou na reserva da vida» – concluiu.

Economia sã em 75

Vasco Gonçalves, apesar de afastado de cargos públicos continua atento ao que se passa no País. Foi por aí que começámos. Falando da actual situação.

«Penso que a democracia não está consolidada. Pelo contrário: estão seriamente ameaçados o regime democrático, a Constituição, as liberdades dos cidadãos, o desenvolvimento económico do País...»

... Gostaria que o senhor falasse da situação económica...

«Vejo-a com grande preocupação. O País nunca esteve tão mal quanto ao desenvolvimento económico, produção, organização da produção, utilização do sistema produtivo, salários, desemprego...»

... Mas porquê esta situação? Nada acontece por acaso...

«Os sucessivos governos têm procurado destruir o sector público e nacionalizado em vez de procurar extrair todas as potencialidades, que nele eram contidas, de desenvolvimento económico independente do nosso País. A desordem que tem sido introduzida na nossa economia é tal que até um recente relatório confidencial do Banco Mundial para o Governo português – e de que houve notícia pública não desmentida – criticava precisamente a actuação dos sucessivos governos constitucionais quanto a essa mesma desordem que hoje grassa na nossa economia.»

Que tipo de críticas?

«É difícil sintetizar. Esse relatório refere, de um modo taxativo, que 'globalmente a situação das empresas públicas se degradou bastante nos últimos anos, particularmente nos três últimos'. Adianta várias causas para essa situação e acrescenta: 'A verdade é que nunca foram criadas ao sector público condições para funcionar com rentabilidade, pois após o período inicial em que foi utilizado como elemento de estabilização, tem vivido sujeito a intervenções pontuais por parte do Governo, deslocadas de qualquer lógica de desenvolvimento'. Além disso, o BM diz também – e numa síntese muito rápida – que de governo para governo se adoptam decisões contraditórias sem que se avaliem os respectivos custos; afirma que o Governo português, pela sua inoperância, proporciona que as empresas funcionem em gestão não responsabilizada; sublinha que o sistema de nomeação dos gestores é fortemente partidarizado...»

Os seus opositores, contudo, afirmam que em 75, quando o senhor era 1.º-Ministro, a situação económica era caótica...

«Dizem. Mas não era caótica. E não sou eu quem o afirma. Quem o sustenta são, antes de mais, o índices estatísticos, e depois, por exemplo, três insuspeitos economistas americanos, peritos do Instituto de Tecnologia de Massachusets que vinham a Portugal com certa frequência, já desde o tempo do fascismo, estudar a nossa economia. Nos finais de 75 vieram cá de novo. E foram eles quem disse que 'para umápaís que experimenta, desde há pouco tempo, tão profunda reforma social, uma vaga de mudança no seu comércio externo e seis governos revolucionários nos últimos meses, Portugal goza, inesperadamente, de uma boa saúde económica...'. Claro que não estou de acordo com o 'inesperadamente'. A boa saúde económica acontecia graças à política que tínhamos feito. Apesar das condições tão difíceis que rodearam, nomeadamente, a acção dos IV e V Governos Provisórios, a crise estava contida dentro de limites razoáveis.»

Políticos e políticos...

Devido às funções que desempenhou, conhece bem os políticos que têm governado este País. Que opinião tem sobre eles?

«Não podemos meter os políticos todos no mesmo saco. Mas o traço dominante dos políticos que têm constituído os sucessivos governos é o do oportunismo, do carreirismo, da demagogia. É o de não cumprirem as promessas que fazem, é o intoxicarem a opinião pública desviando-a dos seus interesses fundamentais, é o de servirem à reconstituição do poder dos senhores do antigamente, é o de intensificarem a exploração dos trabalhadores, é o de entregarem o domínio da economia nacional, com as implicações de ordem diplomática e militar, ao estrangeiro».

Senhor general: os seus detractores acusam-no de ser comunista (como se isso fosse um crime...). Com toda a frontalidade: é, ou não?

«Sobre essa pergunta, que várias vezes me tem sido feita e até de um modo provocatório, tenho respondido sempre com a seguinte posição de princípio: antes de mais sou um homem do MFA. Em segundo lugar, quando aderi ao MFA, nem eu, nem os meus camaradas perguntámos uns aos outros pelas nossas opções políticas, se éramos ou não de algum partido. Unimo-nos e comprometemo-nos sobre o Programa do MFA – que era o nosso programa político e oferecia largas perspectivas de desenvolvimento democrático, de progresso e de liberdade política, económica, social e cultural para o povo português. Aliás, os militares, como cidadãos, têm o direito constitucional de voto, o que significa que têm o direito de livre opção política, repito, como cidadãos considerados individualmente. Por fim, e em terceiro lugar, as Forças Armadas, como instituição, devem ser rigorosamente apartidárias, o que não quer dizer apolíticas. Elas devem ter uma política bem clara e sem ambiguidades: a de garantes da integridade, soberania e independência nacionais e do regime democrático, tal como a Constituição consagra. Neste sentido as FA's devem ser educadas no conhecimento e no respeito da Constituição e respectivos valores patrióticos, democráticos e humanos».

Desculpar-me-á, mas não respondeu totalmente à pergunta. Recordo, por exemplo, que o senhor apareceu ao lado da APU na última campanha eleitoral...

«É verdade. Apareci. Foi-me feita essa solicitação e eu pensei que, dado o agravamento da situação – que hoje é ainda pior – e dado que a APU é, para mim, a força mais consequente e honestamente tem defendido o 25 de Abril, eu deveria participar nessa campanha como independente. Sublinho: como independente. Não estou arrependido de o ter feito e fá-lo-ei de novo se me colocar essa questão. Penso que não me posso furtar a dar a minha contribuição da defesa dos ideiais de Abril».

Novo partido: pés na terra

Mudando de assunto: como vê o senhor, no actual contexto, o aparecimento – de que toda a gente fala – de um novo partido e com as características que se anunciam?

«Esse partido poderá vir a corresponder a uma necessidade da sociedade portuguesa, que é a de contribuir para uma alternativa a este quadro político actual. Poderá, pois, ter um papel positivo e salutar. Mas não nos podemos voltar para esse partido como sendo a última esperança dos portugueses, ou a sua salvação. Temos que ver tudo isto com os pés bem fincados na terra, com conhecimento do nosso panorama político, social, económico e, inclusive, atendendo às personalidades que estão à sua frente. Não poderemos esperar mais desse partido do que ele poderá dar».

Dirigindo-me agora mais ao militar, sem esquecer, naturalmente, o político, gostaria de lhe colocar duas ou três questões muito concretas.

«... Faça o favor...»

... A primeira refere-se à Lei de Segurança Nacional e ao papel que nela é reservado aos militares. A sua opinião é...

«... Os militares portugueses tiveram uma longa experiência de governamentalização ao longo de 50 anos. A alta hierarquia que hoje domina as FA's sabe isso muito bem. Também ela foi governamentalizada e instrumentalizada. Não o pode ignorar. O último sustentáculo do fascismo eram as FA's e não a Pide ou as outras polícias. Em última instância o governo utilizava as FA's. Foi assim na guerra colonial. No entanto, convém não esquecer que mesmo no tempo do fascismo uma das características das nossas FA's era não se quererem confundir com as polícias, e hoje é muito importante lembrar isto quando vemos o que se passou numa Argentina, num Brasil, etc. Quero dizer: nas FA's portuguesas houve sempre uma certa reserva de carácter que, no entanto, não chegou para evitar que fossem utilizadas globalmente pelo regime fascista, constituindo o seu último sustentáculo...»

● O traço dominante dos políticos que têm constituído os sucessivos governos, é o do oportunismo, carreirismo e demagogia

● Quer queiram, quer não, as FA's continuarão a constituir um elemento real do poder político

Certo. Mas eu falava...

«...Neste momento eles pretendem, com a Lei de Segurança Nacional, governamentalizar as FA's – o que nós já experimentámos no anterior regime. Esse é um dos objectivos que, no meu entender, deve ser combatido pela instituição militar, cuja posição, como atrás referi, deve ser, a cada instante, constitucionalista. E no que às FA's respeita, esta Lei é francamente contrária à Constituição».

Uma hipócrita questão

A segunda questão que gostaria de pôr refere-se à nova orgânica do Ministério da Defesa, que retira competência aos CEM's...

«A remodelação da Lei Orgânica do Ministério está prevista na Lei de Defesa Nacional – que foi também, no fundo, uma lei contra a Constituição portuguesa, que limitou bastante os poderes do Presidente da República, CEM's e, em certos aspectos, reduziu os militares a cidadãos de segunda. Numa palavra: quis igualmente instrumentalizar as FA's. Quanto à remodelação que agora se pretende, direi apenas que a aprovação de uma lei que confira grandes poderes ao ministro da Defesa em detrimento dos poderes dos altos chefes militares, também é perigosa para as FA's como instituição garante da Constituição».

No entanto diz-se com insistência que numa democracia é necessário subordinar o poder militar ao poder civil. Não está de acordo?

Essa é uma falsa questão. Tenho até o direito de lhe chamar uma hipócrita questão. As FA's são um elemento constitutivo do poder político. Existem o Presidente da República, a Assembleia da República, o Governo, os tribunais, a administração central e local, as FA's. É da interacção de todos estes elementos que resulta o poder político. Este é como que uma resultante de diversas forças que dão um vector dominante – vector para o qual as FA's têm por vezes um papel decisivo. E não é preciso ir muito longe. Foi assim no tempo do fascismo, foi-o em 74/75, foi-o de 75 para cá. Alguém ignora o papel determinante que as FA's têm na resultante da correlação de forças políticas e sociais, civis e militares, da sociedade portuguesa? Numa sociedade como a nossa não há poder político sem as FA's. Mesmo em países aparentemente fortemente democráticos, como a França, ninguém ignora que em Maio de 68 De Gaulle se dirigiu à RFA para aí falar com o general Massu, que era o comandante das forças mais operacionais de que a França dispunha. Portanto, não nos iludamos uns aos outros. Devemos é procurar que a realidade que é a existência das FA's como elemento constitutivo do poder político seja expressa transparentemente na Constituição. Isso já esteve escrito, preto no branco, na Constituição de 76. Hoje não está. Mas quer queiram, quer não, as FA's continuarão a constituir um elemento real do poder político».

Combater o terrorismo

Certamente tem seguido com atenção tudo o que se tem relacionado – ou se pretende relacionar – com a prisão do tenente-coronel Otelo Saraiva de Carvalho...

«É evidente que sigo com bastante interesse e expectativa, como deve calcular, esses acontecimentos. Antes de mais deve exigir-se que os direitos, liberdades e garantias consagrados na Constituição sejam integralmente respeitados e que a verdade seja apurada. Por outro lado condeno frontalmente o terrorismo. Penso também que a lei portuguesa tem meios suficientes para combater o terrorismo sem necessidade de criar uma nova lei de segurança nacional. Com estas ideias como ponto de referência, acompanho com a maior atenção o que se está a passar quanto ao chamado processo das FP 25 de Abril.»

Até ao último sopro de vida

Há cerca de nove anos que o senhor é um general na reserva e um ex-Primeiro-Ministro. Como é o seu dia-a-dia? Que faz um homem na sua situação?

«Sou, de facto, um general na reserva, mas não considero que esteja na reserva da vida. Continuo a viver intensamente, empenhadamente, a vida da sociedade e do povo a que pertenço, e penso que as pessoas assim o podem fazer mesmo até ao último sopro da sua vida. E até nesse último instante podem contribuir para a continuação da luta de libertação do seu povo. Quanto ao meu dia-a-dia: não tenho actividades profissionais, quer como militar, quer como engenheiro. Mas estudo, procuro estudar o mais que posso, acompanho atentamente a vida portuguesa em todos os domínios – e não só no político.»

Sei, no entanto, que o senhor general é muito solicitado para diversas actividades pelo País fora...

«Penso que qualquer pessoa, com um mínimo de consciência política, qualquer que seja a sua posição, a sua cultura, os seus estudos, o seu trabalho, a sua idade, o seu local de residência, pode sempre, em cada momento, dar uma contribuição, de acordo com as suas possibilidades e as suas capacidades, para a luta comum pelo progresso, pela independência da sua pátria e o bem-estar do povo a que pertence. Nessa luta as pessoas não podem deixar-se isolar. Essa luta só tem sentido, só será eficaz, só trará frutos, se for assumida, praticada, como uma luta colectiva. Esta é a minha posição. É por isso que eu participo em sessões de esclarecimento, conferências, cerimónias comemorativas, na luta pela paz, etc., etc., no âmbito das forças populares e democráticas, no âmbito dos trabalhadores, no âmbito dos defensores da paz.»

O senhor, há pouco, disse que não estava na reserva da vida. Pensa vir ainda a desempenhar um papel activo importante na vida política portuguesa?

«O que se me põe hoje não é essa, mas outras questões. Antes de mais, que este governo seja demitido e que Portugal volte aos caminhos de Abril, que Portugal de Abril seja consolidado. Procurarei sempre que a minha participação na luta comum por esses objectivos esteja de acordo com o momento, as circunstâncias, as minhas capacidades e possibilidades. Fazer o que seja mais útil, mais necessário, mais adequado em cada momento pela realização prática do conteúdo político, económico, social, cultural da Constituição de 1976. Para mim a actividade política é a actividade mais nobre e mais responsável dos cidadãos. Deve ser aquela em que os cidadãos procuram pôr em prática os seus ideais acerca da vida da sociedade a que pertencem, do progresso da sua pátria, da felicidade do povo. Foi com este pensamento que aderi ao Movimento dos Capitães, quando os meus jovens camaradas me vieram pôr a questão. Eu pensava que deveria dar uma contribuição dentro das minhas capacidades e possibilidades para que o nosso país, o nosso povo progredissem, se libertassem do fascismo, da opressão e do atraso seculares. A minha posição é hoje a mesma que era a de antes do 25 de Abril».

Ribeiro Cardoso

A França e os países do Magreb

Mitterrand esteve ontem em Argel

O presidente francês, François Mitterrand, fez ontem uma visita à Argélia, numa tentativa de apaziguamento com o governo de Argel e de criar novos laços de confiança mútua, disse uma fonte diplomática citada pela NP.

Mitterrand explicou, pessoalmente, ao presidente argelino, Chadli Bendjedid a política francesa, face aos países do Magreb, na qual a Argélia detém uma posição preferencial.

Contudo, Michel Vauzelle, porta-voz governamental francês, indicou que Mitterrand frisou que a França é uma «nação soberana e independente, que mantém contactos quando e com quem deseja».

Argel expressou o seu desagrado pela visita do presidente frances a Rabat, coincidente com a assinatura do tratado de união entre Marrocos e a Líbia.

As visitas de Mitterrand a Rabat, em Agosto e Setembro não «constituíram uma prova de apoio para um lado ou outro, mas sim o interesse francês pela situação mundial e, especialmente, no Norte de África», acrescentou o porta-voz.

Na sua reunião, os dois estadistas analisaram também o endurecimento da política do governo de Paris, face aos trabalhadores migrantes, em especial dos países do Magreb.

Mitterrand, que visitará a Síria em breve, informou-se também sobre a controvérsia entre Argel e Damasco que, até agora, tem impedido que o Conselho Nacional Palestiniano (parlamento no exílio da Organização de Libertação da Palestina-OLP), possa reunir-se na Argélia, como programado. (Continuamos a citar a agência NP).

Igualmente, a Argélia manifestou a sua preocupação pelo actual estado de colaboração económica com a França, muito aquém daquilo que Argel esperava de um governo socialista em Paris.

Nos primeiros sete meses deste ano, as compras francesas na Argélia sofreram um recuo de mais de 10 por cento em relação ao mesmo período de 1983, enquanto as exportações da França aumentaram em quase 28 por cento.

Michel Vauzelle descreveu entretanto as conversaçõães entre Mitterrand e Chadli como «um grande êxito».

Afirmado em Manágua

El Salvador não será modelo para a Nicarágua

Dirigentes nicaraguanos renovaram a promessa de lutar contra os «rebeldes» antigovernamentais até ao fim, rejeitando sugestões para que as conversações salvadorenhas de paz sirvam de modelo à Nicarágua, revelaram hoje fontes oficiais em Manágua.

Segunda-feira, o presidente José Napoleon Duarte, de El Salvador, reuniu-se com os líderes da guerrilha pela primeira vez em cinco anos de guerra civil.

Funcionários da administração Reagan, incluindo o secretário norte-americano de Estado Georges Shultz, elogiou a reunião em El Salvador como um passo corajoso que devia servir como exemplo para os dirigentes da Nicarágua e instou com eles a efectuarem consultas com os «rebeldes».

A sugestão de Washington desencadeou por parte dos dirigentes nicaraguanos em caudal de comunicados agrestes rejeitando as negociações com o Exército terrorista formado por 15 mil homens e apoiado pela administração Reagan.

Aos olhos do directório da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) composto por nove membros, a guerra civil em El Salvador nada tem em comum com a guerra que os direitistas apoiados pelos Estados Unidos desencadeiam contra os sandinistas.

«Em El Salvador é possível uma compreensão entre as duas partes sobre a existência de um conflito interno, frisou o ministro nicaraguano do Interior, Tomas Borge, um membro do directório do FSLN, durante um comício realizado na passada quarta-feira.

«Na Nicarágua, a única compreensão possível a ter com os contra-revolucionários é no campo militar».

Segundo Borge, os «rebeldes» só desaparecerão se os Estados Unidos deixarem de os apoiar ou se os expulsarmos da face da terra com o fogo das nossas espingardas».

Borge qualificou de «obscena e ridícula» a sugestão do secretário norte-americano de Estado, Goerge Shultz, para os sandinistas darem «uma olhada no livro do presidente Duarte».

O coordenador da Junta nicaraguense, Daniel Ortega, e Oscar Munez, membro do directório, fizeram-se eco destes sentimentos, mas em termos mais moderados.

Os argumentos sandinistas baseiam-se na tese segundo a qual a Guerra Civil de El Salvador, é um conflito interno, com raízes nas «clamorosas desigualdades económicas e sociais que levaram os oprimidos a pegar em armas contra os seus opressores».

El Salvador

O governo salvadorenho afirmou, em comunicado oficial divulgado ontem, que «é completamente falso que a guerrilha tenha apresentado qualquer proposta de pacificação do país, no encontro de segunda-feira, em La Palma.

«É completamente falso que os representantes da guerrilha, que se reuniram com o presidente Napoleon Duarte no dia 15 em La Palma tenham apresentado uma proposta contendo 29 cláusulas, conforme asseguraram alguns meios de informação», assinala o comunicado emanado da Presidência da República.

O comunicado oficial assinala que na reunião de La Palma «analisou-se a situação nacional, as partes expuseram as suas concepções ideológicas e pronunciaram-se sobre as propostas que as duas delegações expuseram».

A Frente para a Libertação Nacional Farabundo Marti (FMLN) afirmou através de Rádio Venceremos que, na reunião de La Palma, os seus representantes expuseram 29 pontos ao presidente salvadorenho.

A emissora guerrilheira divulgou também que os representantes da FMLN solicitaram a Duarte a retirada do país dos assessores militares norte-americanos.

Os guerrilheiros disseram ainda que pediram ao presidente Napoleon Duarte a abertura de um processo de investigação para punir os responsáveis pelos assassinios políticos, cometidos nos últimos anos, e o esclarecimento dos desaparecimentos e da liberdade dos presos políticos.

Khol e Barzel negam envolvimento no escândalo Flick

O chanceler alemão federal, Helmut Khol, e o presidente do Parlamento da RFA, Reiner Barzel, negaram em Bona as acusações de que Khol se tornou líder do CDU graças à ajuda económica do consórcio Flick.

Numa sessão extraordinária do grupo parlamentar dos democratas-cristãos e sociais-cristãos (CDU/CSU), Khol qualificou as acusações do partido «Os Verdes» de «difamação e insultos pré- conhecidos».

As acusações referem-se a um eventual suborno para a renúncia de Barzel do cargo de líder do grupo parlamentar e presidente da União Democráta Cristã, em 1972.

No mesmo ano, o actual chanceler alemão federal foi nomeado presidente da CDU durante um congresso extraordinário realizado em Junho, enquanto o ex-presidente da RFA, Karl Carstens, obteve o cargo de líder do grupo parlamentar.

Por seu lado, Barzel, que é formalmente acusado de ter recebido 1,7 milhões de marcos (cerca de 90 mil contos) do consórcio Flick, afirmou que abandonou o seu cargo em 1972 «voluntariamente e por motivos políticos».

Entretanto, o Parlamento alemão federal decidiu retirar a proibição de assistência ao hemiciclo dos deputados ecologistas Joseph Fischer e Juergen Reents, expulsos quinta-feira por «insultos ao presidente do Bundestag» e pela acusação de que Khol atingiu a sua actual posição graças ao consórcio Flick.

Washington quer que Bona não assine a Lei do Mar

O presidente dos Estados Unidos pediu a Bona que se recuse a assinar a convenção internacional da Lei do Mar na sua versão actual, seguindo o exemplo norte-americano – foi hoje confirmado oficialmente.

O porta-voz governamental Peter Boenisch declarou que o embaixador norte-americano em Bona, Arthur Bruns, entregou ao chanceler Helmut Kohl uma carta pessoal de Ronald Reagan nesse sentido.

O governo federal tomará uma decisão em tempo oportun – acrescentou.

A data-limite para a assinatura da convenção das Nações Unidas é 9 de Dezembro e até agora o documento já foi assinado por 134 Estados, entre eles a maioria dos países industrializados, incluindo a União Soviética.

Círculos diplomáticos de Bona recomendam desde há muito a assinatura do documento para não prejudicar a credibilidade da política da RFA para o Terceiro Mundo.

No entanto, a assinatura foi adiada porque o Ministério da Economia receia que as cláusulas da convenção não permitam, à sua indústria utilizar com proveito os seus avanços tecnológicos na exploração dos fundos marinhos.

Sob os auspícios de Santa Sé

Argentina e Chile resolvem diferendo do canal de Beagle

O ministro argentino dos Negócios Estrangeiros qualificou de «triunfo da razão» e «exemplo para o mundo» o acordo sobre o canal de Beagle, assinado ontem com o Chile, no Vaticano, e que hoje será divulgado.

Ao anunciar oficialmente em Buenos Aires a assinatura do protocolo que dá por terminado o contencioso entre os dois países, Dante Caputo afirmou que a divulgação do texto completo visa que «cada argentino possa formar a sua própria opinião acerca da solução alcançada».

Numa breve mensagem transmitida pela televisão, o ministro agradeceu a mediação do Vaticano e do Papa João Pualo II que permitiu «este triunfo da diplomacia, este triunfo da paz».

«Alcançar a paz por via diplomática é um facto excepcional» – acrescentou.

O documento rubricado pelos representantes argentino e chileno e pelo secretário de Estado do Vaticano, cardeal Agostino Casaroli, tem dois anexos e quatro cartas geográficas.

O vice-presidente argentino, Victor Martinez, declarou quarta-feira que o texto vai ser submetido à «consulta popular» em 25 de Novembro, antes da sua ratificação pelo Parlamento.

A assinatura do acordo definitivo está prevista para o local onde a imagem de Cristo redentor marca nos Andes a fronteira entre a Argentina e o Chile, equidistante 150 quilómetros de Santiago e da cidade argentina de Mendoza. É dada como provável a presença do Papa na cerimónia.

A mediação vaticana no litígio, que data de um tratado assinado em 1881, começou em Janeiro de 1979.

Em 1978, os dois países estiveram à beira da guerra, principalmente por causa da soberania sobre as ilhas Picton, Nova e Lennox, situadas no extremo oriental do canal de Beagle.

No acordo alcançado pretende-se uma solução concreta para as questões de soberania, da navegação pelo canal, dos limites das águas territoriais e da «projecção» até à Antártida, pontos fulcrais do contencioso.

A imprensa de Buenos Aires indicou ontem que o documento estabelece a soberania chilena sobre as três ilhas.

TEATRO DO BAIRRO ALTO
R. Tenente Raul Cascais 1 A
1200 Lisboa
Tel 661515 • 669205
teatro do bairro alto
Teatro da Cornucópia
simpatia
de
EDUARDO DE FILIPPO
De Terça a Sábado às 21.30 h
Domingo: às 16 h

ENSINE O SEU FILHO
Ensine o seu Filho a olhar para o lado esquerdo e para o lado direito antes de atravessar a rua
PRS

SINDICATO NACIONAL DO PESSOAL DE VOO DA AVIAÇÃO CIVIL

Mesa da Ass. Geral · SNPVAC · 19.Outubro.84 · N.º05

comunicado

CONVOCATÓRIA

Nos termos dos estatutos art. 39 e a pedido da direcção, convoca-se a assembleia geral do Sindicato Nacional do Pessoal de Voo da Aviação Civil, a reunir em **SESSÃO DE EMERGÊNCIA,** no próximo dia **24 DE OUTUBRO PELAS 21H30 NO AUDITÓRIO DO HOTEL ROMA,** com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

PONTO 1 — análise e discussão sobre os despedimentos dos trabalhadores contratados a prazo.
PONTO 2 — Análise da situação em Luanda.
NOTA: (Art. 40 — 2) — A assembleia reunirá à hora marcada desde que estejam presentes metade do número de associados ou 24 horas depois com qualquer número de sócios.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
José Luís de Melo Alves

aris
Centro Distribuidor de Papel e Material de Escritório e Afins, SCARL

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

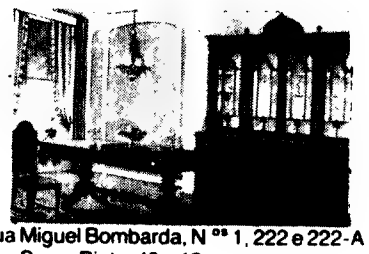
Nos termos do art.º 22.º, número 2, alínea a) dos estatutos é oconvocada a assembleia geral da ARIS-CENTRO DISTRIBUIDOR DE PAPEL E MATERIAL DE ESCRITÓRIO E AFINS, SCARL, para reunir em sessão extraorinária no dia 7 de Novembro de 1984, pelas 21.00 horas, na sua sede, Rua da Beneficência, 229-D e E, em Lisboa, com a seguinte.

ORDEM DE TRABALHOS:

1. Apreciação e deliberação sobre pedidos de demissão e admissão de sócios.
2. Eleição para os lugares vagos nos órgãos sociais.
3. Deliberar sobre outros assuntos de interesse para a sociedade.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Lisboa, 19 de Outubro de 1984

Armazéns de Móveis
BEIRA RIO
de António Carloto



Móveis em todos os estilos

Para vosso interesse consultem os nossos preços

VENDAS: Rua Miguel Bombarda, Nºs 1, 222 e 222-A
Rua Serpa Pinto, 43 e 45

Tel 2072448
BARREIRO

expressos RN

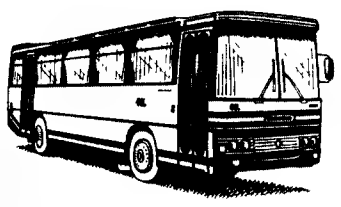
EXPRESSOS «ALTO MINHO»

ALTERAÇÃO DE HORÁRIOS
INÍCIO 15.OUT.84

HORÁRIO

B	C	D		C	D	E
24.00	11.00	19.00	P Lisboa C	17.00	01.00	03.00
01.45		21.00	Leiria		23.30	01.15
02.15	14.00	22.00	C P	14.00	22.00	00.15
			Coimbra			
02.30	14.30	22.15	P C	13.30	21.45	24.00
03.10		23.00	Águeda		21.05	23.20
04.00		23.45	C P		20.15	22.30
			Porto			
04.00		23.45	P C		20.15	22.30
04.35	16.45	00.20	Trofa	11.00	19.00	22.05
04.50	17.00	00.35	V.N. Famalicão	10.55	18.25	21.55
05.15	17.30	01.00	C P	10.30	18.00	21.30
			Braga			
07.00	18.00		P C	10.10		20.50
07.15	18.15		Vila Verde	09.55		20.35
07.45	18.45		Ponte da Barca	09.25		20.05
07.50	18.50		Arcos de Valdevez	09.20		20.00
08.35	19.35		Monção	08.35		19.20
09.10	20.10		Melgaço	08.00		18.45
09.25	20.25		S. Gregório	07.45		18.30

B – Às 6.ªs. Se feriado passa para 5.ª feira.
C – De 2.ª a 6.ª excepto feriados.
D – Às 6.ªs e Domingos. Se feriado passa para 5.ª e 2.ª.
E – Aos Domingos ou Segundas se feriado.



Efectua-se diariamente

EA-02/84

RN RODOVIARIA NACIONAL

PARA MAIS INFORMAÇÕES

LISBOA – Telefones 72 58 07 – 72 58 32 – 72 58 54
(Dias úteis das 08H00 às 20H00)

1 2 3

RTP
concurso

NOME .....
Idade ..... Profissão .....
Morada .....
Localidade ..... Cod. Postal .....
Telefone .....
Freguesia ..... Concelho .....
Tem televisor? ..... N.º Licença .....
ACOMPANHANTE .....
Idade ..... Profissão .....

IMPORTANTE Preencher em letras maiusculas, recortar pelo tracejado, colar em postal dos Correios e enviar para Concurso Um, Dois, Três, Apartado 4315 - 1508 Lisboa Codex

Líbano: de novo a violência

Um novo recrudescimento de violência nos subúrbios de Beirute e no Sul do Líbano coincidiu com as tentativas do primeiro-ministro; Rachid Karame para reunir o governo de «reconciliação nacional».

Milícias drusas e cristãs continuam a disputar o controlo de Iklim El Kharrub, local estratégico nas encostas do Chouff, de onde quem vencer a batalha poderá alargar a sua influência ao Sul do Líbano, depois de uma eventual retirada israelita.

No Sul do Líbano, a resistência lançou ataques contra patrulhas israelitas, destruindo três veículos militares, e contra as milícias de Antoine Lahed, criadas e financiadas por Israel.

Informações provenientes do Sul dão conta de que cerca de 35 homens de Lahed desertaram em Habashya, no vale de Bekaa, integrando-se em alguns casos na resistência.

Em resposta aos ataques de que tem sido alvo, o Exército israelita (TSAHAL), iniciou uma campanha qualificada, de «repressiva» pela Rádio oficial libanesa, com detenções em várias localidades, rusgas e imposições do recolher obrigatório.

Entretanto, Karame continuou os contactos políticos para conseguir a reunião do seu Conselho de Ministros na próxima semana.

A sessão, proposta inicialmente para hoje sofreu novo adiamento, à espera dos resultados dos encontros do dirigente socialista druso Walid Jumblatt em Damasco.

Jumblatt, que com o dirigente chiita Nabih Berri se opoêm desde segunda-feira à reunião do governo, deslocou-se à capital síria para se avistar com o vice-presidente Abdel Halim Kaddam, acabado de regressar de Moscovo com o chefe de Estado Hafez Assad.

Jumblatt e Berri anunciaram no princípio da semana que não participariam nas sessões regulares do Conselho de Ministros enquanto o governo não discutir, à porta fechada, as reformas políticas e constitucionais acordadas em Lausanne (Suíça) para dar à população muçulmana um maior voto na gestão do país.

Em Jerusalém, a Rádio israelita anunciou que o governo do primeiro-ministro Shimon Peres se recusa a negociar uma retirada militar total na base da comissão mista do armistício de 1949.

O governo libanês, que pretende evitar contactos políticos com Israel, tinha proposto negociações no âmbito daquela comissão, criada como elo de ligação entre os Exércitos dos dois países.

Contudo, os contactos entre Beirute e Telavive continuam por intermédio da FINUL (forças das Nações Unidas para o Líbano), cujo comandante-chefe, William Callaghan, prossegue as suas diligências para sentar representantes dos dois países à mesa das negociações.

Em caso de retirada israelita, o Líbano deseja que o TSAHAL seja substituído pelos «capacetes azuis» da FINUL e não pelas milícias de Lahed, como Israel prefere.

Nova advertência de Mubarak à Líbia

O presidente egípcio, Hosni Mubarak, voltou a responsabilizar a Líbia pela minagem do mar Vermelho e advertiu que exercerá «duras represálias» se acções deste tipo se repetirem.

Entrevistado pelo semanário «Al Syassa», do Kuwait, Mubarak afirma ter-se «assegurado pessoalmente» de que o Irão «não está implicado» na colocação das minas, ao contrário da Líbia.

«Tripoli – prossegue – tinha tentado antes fazer explodir um barco dentro do canal de Suez. Adverti a Líbia de que deve assumir todas as consequências, que serão duras, de qualquer acção deste tipo contra os nossos interesses.»

Segundo Mubarak, «da próxima vez, o comportamento» do Egipto «será totalmente diferente».

Manifestações pacifistas na RFA

A Comissão Coordenadora do Movimento Pacifista Alemão-Federal convocou para hoje manifestações em três cidades, para protestar contra o rearmamento na RFA.

Em Bona, está prevista uma grande concentração (400 mil pessoas) nos jardins da universidade. O Prémio Nobel, Heinrich Boll, segundo foi revelado, abrirá a manifestação com uma conferência de Imprensa.

Além das manifestações, será formada uma cadeia humana de 210 quilómetros de comprimento, que ligará as cidades de Hunsruck, eventual rampa de lançamento dos mísseis «Cruise», até Duisburgo.

A comissão coordenadora criticou a política do Governo democrata-cristão de prosssguir o rearmamento atómico e convencional.

Jo Leinen, porta-voz dos sociais-democratas na cooordenadora, afirmou que o prolongamento do serviço militar de 15 para 18 meses e a construção de novas armas são novos golpes contra os esforços destinados a conseguir a redução de armamentos e de tropas na Europa.

Leinen classificou de escândalo político o facto de não ter sido comunicado à opinião pública que a decisão de prolongar o serviço militar traz consigo uma dotação orçamental para a compra de armas no valor de 240 milhões de marcos (cerca de 12 milhões de contos), que será suportada pelo erário público.

Leinen lamentou que a «corrida aos armamentos» seja efectuada em detrimento de outras tarefas importantes do Estado, como sejam a protecção do meio-ambiente e a melhoria das condições de vida».

Entretanto, 150 deputados do «Bundestag» assinaram um manifesto onde se apoia a «iniciativa de desarmamento» patrocinada pelos chefes de Estado da Suécia, Argentina, México, Tanzânia e Índia.

Entre os signatários encontram-se os ex-chanceleres Willy Brandt e Helmut Schmidt, o chefe da oposição social-democrata, Hans-Jochen Vogel, o grupo parlamentar dos «verdes»e o perito em política de defesa, da facção parlamentar liberal, Olaf Feldmann.

EUA continuam a bloquear processo de desarmamento

— *acusa a União Soviética*

A União Soviética acusou os Estados Unidos de «manterem o seu rumo de bloqueio ao processo de desarmamento», redução e limitação de armas nucleares.

O porta-voz do Ministério soviético dos Negócios Estrangeiros, Vladimir Lomeiko, formulou a acusação numa conferência de Imprensa motivada – disse – pelas interpretações ocidentais sobre a situação internacional e as relações Moscovo-Washington.

Segundo Lomeiko, não há melhoria nestas relações, porque o governo norte-americano «levou à ruptura toda uma série de negociações com a URSS», incluindo as de Genebra, sobre «euromísseis».

O porta-voz soviético salientou ter sido incumbido pelo seu Ministério de «chamar novamente a atenção sobre as violações de acordos de desarmamento cometidas pelos Estados Unidos», como já havia sido feito a Washington «no memorando de Janeiro» último.

Tal chamada de atenção – prosseguiu – deriva de que «os factos demonstram que os Estados Unidos não renunciam ao seu rumo nas relações internacionais» e tentam, ao mesmo tempo, «fazer recair as suas culpas sobre outrem».

Lomeiko referia-se à divulgação de um relatório da agência norte-americana para o controlo de armamentos em que a URSS é acusada de incumprimento de tratados sobre armas.

«A URSS – afirmou – respeita os seus acordos» e o que os Estados Unidos digam em contrário para «ocultar as suas violações» não passa de «falsificação política».

Quanto às recentes declarações do presidente Chernienko ao diário «Washington Post», Lomeiko salientou que elas visaram demonstrar a discordância entre os factos e as proclamadas intenções dos porta-vozes da administração Reagan de melhorar as relações com a URSS.

Pescadores espanhóis alvejados pela guarda costeira irlandesa

Os 16 tripulantes do arrastão espanhol «Sonia», alvejado com 600 tiros pela guarda costeira irlandesa ontem à noite quando em faina em águas irlandesas, foram hoje recolhidos por um helicóptero britânico e um navio alemão ocidental.

O cargueiro alemão-federal «Achat» recebeu o SOS do pesqueiro e comunicou-o à guarda costeira britânica na Cornualha. Três pescadores foram recolhidos pelo «Achat» e treze pelo helicóptero da guarda costeira britânica.

Fontes da Marinha britânica localizaram o «Sonia» 40 milhas a Noroeste da costa da Cornualha, Sudoeste de Inglaterra, e anunciaram que tem várias vias de água no casco e que se afunda lentamente.

Desconhecem-se ainda as causas do afundamento do arrastão pela guarda costeira irlandesa, mas admite-se que se deveu à alta velocidade que o barco tomou em águas afectadas por forte temporal, ao tentar fugir do navio-patrulha irlandês que o perseguia.

O Ministério irlandês da Defesa anunciou que um navio-patrulha fizera 600 disparos de advertência contra um arrastão espanhol – que não identificou – que pescava ilegalmente nos bancos situados frente à costa do condado de Wexford.

Alguns dos disparos, segundo a informação, «efectuaram-se contra a ponte de comando e linha de flutuação». Alguns dos projécteis foram de 20 milímetros.

Segundo as autoridades irlandesas, o arrastão tentou repetidamente abordar o navio-patrulha antes de serem feitos os disparos e posteriormente, após cinco horas de perseguição em águas do canal de Saint George, o arrastão conseguiu escapar ao navio irlandês e entrar em águas britânicas. Segundo a mesma fonte, o arrastão ignorou todos os avisos feitos pela guarda costeira para que se detivesse.

O Governo irlandês anunciou que pedirá ao Governo espanhol explicações sobre o assunto.

Anunciado ontem em Londres

Ingleses compram metade das minas de Neves-Corvo

O grupo britânico Rio Tinto Zinc anunciou quinta-feira à noite, em Londres, que vai comprar 49 por cento do capital da empresa portuguesa Somincor, proprietária do complexo mineiro de Neves-Moncorvo.

Num comunicado divulgado na capital britânica, a Rio Tinto afirma que chegou a acordo com as companhias mineiras francesas Pennarroya e Conframinas, para a aquisição do capital minoritário da empresa portuguesa.

O valor da transação não foi divulgado mas a Rio Tinto afirma que representa consideravelmente menos de 5 por cento da sua carteira de activos.

A Rio Tinto pagará em dinheiro as acções que a Pennarroya e Coframinas detém na Somincor.

As negociações entre o grupo britânico e as duas companhias francesas, que enfretam dificuldades financeiras, decorriam há vários meses.

As duas companhias francesas detinham o capital da mina situada no Alentejo, cuja exploração foi confiada à Somincor, e que a Rio Tinto Zinc está interessada em adquirir.

Aquela mina contém minério de rendimento médio de pelo menos 7 por cento que deverá ser extraído ao ritmo de um milhão de toneladas por ano.

A jazida está situada a uma profundidade de 300 a 650 metros, devendo possibilitar cerca de 20 anos de exportação, sem colocar problemas de extracção.

Apesar da baixa de consumo do cimento

A Cimpor deu lucro em 1983

A empresa pública de cimentos Cimpor obteve em 1983, um resultado positivo final de 183 mil contos – revela o relatório e contas da empresa agora distribuído.

Com um resultado corrente positivo de mais de 2,3 milhões de contos, a Cimpor produziu um valor acrescentado bruto de 9,2 milhões de contos e gerou um «cash flow» de 3,4 milhões de contos.

O relatório salienta «o clima de recessão económica» em que se desenvolveu o exercício de 1983, em que o consumo interno de cimento decresceu 1,3 por cento (um pouco menos que no Ocidente da Europa, em que se registou uma diminuição de 2,4 por cento) e bastante abaixo do consumo a nível mundial, que este ano cresceu entre 3,5 e 4 por cento.

O consumo de cimento do continente em 1983 foi satisfeito pela produção interna pela primeira vez desde 1979, enquanto para as regiões autónomas se verificou a importação de mais de 37,5 mil toneladas de «clinquer» e mais de 223 mil toneladas de cimento.

O lucro da Cimpor com o abastecimento de cimento às ilhas foi de mais de 19 mil contos, embora a empresa o considere «casual, visto que habitualmente estes movimentos causam prejuízos às cimenteiras que, em 1982, foram, para a Cimpor, de mais de 277 mil contos».

A empresa, que entre 1979 e 1983, gerou receitas para o Estado de 9,9 milhões de contos, investiu o ano transacto cerca de 1,8 milhões de contos.

O total de investimentos, desde a sua fundação em 1976, «foi de cerca de 16 milhões de contos o que a preços actuais, se traduz por 3 ou 4 dezenas de milhões de contos», segundo o relatório.

A Cimpor emprega 2488 trabalhadores efectivos e 186 trabalhadores a prazo.

A empresa controla directamente um grupo de 16 outras empresas e participa, através de quotas ou acções, em mais 21.

Empréstimo em Londres

A Cimpor foi, entretanto, autorizada a contrair um empréstimo até 16 milhões de libras (cerca de 32 mil contos), junto da International Finance Development Company.

A operação foi autorizada por um despacho conjunto do secretário de Estado das Finanças e do Plano e da Indústria, destinando-se ao financiamento da linha de produção daquela empresa em Souselas.

O empréstimo tem um prazo de sete anos, vencendo a taxa de juro de mercado interbancário de Londres, acrescida de 0,875 por cento.

A amortização será efectuada em nove semestralidades iguais, e sucesivas com início no trigésimo sexto mês após a assinatura do contrato.

Economia chinesa liberaliza-se e respira "ares capitalistas"

As reformas económicas iniciadas nas zonas rurais chinesas em 1978 vão ser estendidas às cidades anunciou em Pequim o líder chinês Deng Xiaoping numa reunião com 60 cientistas estrangeiros de origem chinesa.

Segundo Xiaoping, as reformas atingirão a indústria, o comércio, a investigação e a cultura, e serão discutidas na próxima reunião plenária do Comité Central do PC chinês.

O Comité Central do Partido, formado por 210 membros reúne-se ordinariamente uma vez por ano e tem poder para mudar o rumo político do País.

«As Reformas urbanas são urgentes», disse Deng Xiaoping, «já que, a não se realizarem, as zonas rurais não poderão continuar a posperar.»

Segundo comentários e artigos dispersos na Imprensa chinesa, estas reformas liberalização as estruturas económicas para facilitar o consumo e o comércio e o desenvolvimento da indústria alimentar.

Observadores ocidentais prevêm , também, o aparecimento de estímulos e o reconhecimento do trabalho intelectual, ao mesmo tempo que o líder chinês irá encontrar alguma oposição interna na continuação ds reformas.

O Secretário-Geral do Partido Comunista Chinês, Hu Yaobang, reconhecei que existe uma «autêntica oposição», embora a considere «limitada».

Alguns «velhos revolucionários», segundo a Imprensa de Pequim mostraram-se consternados pelo «ar capitalista» que se respira em algumas «zonas econmicas especiais», criadas na costa Oriental chinesa para atrair capitais estrangeiros.

Sob a forma de compensação

A troca directa está a regressar um pouco por todo o Mundo

Portugal poderá vender telefones à Tanzânia, recebendo em troca carne, algodão e açúcar.

A «Boeing» vendeu, recentemente, dez aviões à companhia aérea saudita, recebendo em troca petróleo.

Estará o comércio mundial a retroceder às origens, trocando produto a produto, em vez da venda a dinheiro?

As operações de compensação, isto é, a troca sem o recurso à moeda, circunscreveram-se, inicialmente, aos países de Leste. Estas nações, devido ao seu sistema económico de planificação central, estabelecem facilmente as potencialidades da oferta, bem como as necessidades de satisfação da procura.

Ao contrário, nas economias de mercado, em que a oferta e a procura dependem de um grande número de agentes económicos, é mais difícil determinar o que receber em troca.

No entanto, as operações de compensação estão a alastrar-se aos países ocidentais, particularmente às suas multinacionais, e a ter um desenvolvimento importante junto dos países em vias de desenvolvimento.

Devido às restrições de crédito, à escassez de reservas em moeda forte e à necessidade de escoamento de matérias-primas, esses países têm recorrido, cada vez mais, à compensação.

É assim que, por exemplo, o Brasil e o México, entre outros países, assinaram um acordo de permuta de açúcar, soja e produtos manufacturados brasileiros por petróleo mexicano, no valor de mil milhões de dólares.

Além de poderem escoar as suas matérias-primas, estes países não têm de recorrer a divisas fortes para obter os produtos necessários.

Por sua vez, outros países produtores de petróleo contornam as suas quotas de produção da OPEP através de acordos de compensação.

A França, recebe petróleo iraquiano como pagamento de empréstimos franceses, enquanto a União Soviética recebe crude líbio, como parte do pagamento de um programa multi-anual de ajuda militar à Líbia, que inclui, nomeadamente, o fornecimento de tanques e aviões.

Entre a Europa Ocidental e a de Leste, as operações de compensação incidem principalmente sobre produtos industriais.

Neste caso, é particularmente conhecida a venda de tecnologia europeia, por parte da Alemanha Federal e da França, à União Soviética, para construção do gasoduto siberiano, em troca de fornecimentos a longo prazo de gás natural.

Além disso, as grandes empresas multinacionais estão cada vez mais a negociar na base da compensação.

Para a General Motors, as operações de compensação tornaram-se um elemento importante da sua estratégia.

Recentemente, também a «Rolls Royce» admitiu que este tipo de operações tem tido, nos últimos anos, um incremento significativo no conjunto dos negócios da empresa.

Avião trocado por presunto

A Sorimex, uma subsidiária da Renault, recebe café, fosfatos e outras mercadorias pela venda dos seus automóveis em países como a Colômbia, Tunísia, Turquia, Roménia e China.

Em 1983, os acordos de compensação representaram 30 por cento dos negócios da Renault com os países em vias de desenvolvimento.

Neste contexto, é também célebre o exemplo da McDonnel Douglas que vendeu um DC-9 à Jugoslávia, recebendo em troca presunto, cerveja e máquinas.

Esta transacção permitiu ainda que os trabalhadores da empresa e respectivas famílias comessem, durante meses, presunto sérvio.

E em Portugal, o que se passa?

Apesar de não haver estatísticas sobre o assunto, algumas notícias recentemente divulgadas indicam que Portugal é também potencial candidato às operações de compensação.

Assim, parte do custo das três fragatas para a modernização da marinha de guerra poderia vir a ser compensada por produtos fabricados em Portugal, como por exemplo navios mercantes.

A compra dos camiões holandeses DAF, actualmente em distribuição ao exército português, exigiu a contrapartida de aquisição por parte da Holanda de jipes (UMM) fabricados em Portugal.

Para a Secretaria de Estado do Comércio Externo, em declarações à NP, o governo português «não deve ter preconceitos, mas antes deve conhecer as vantagens e desvantagens dos vários mecanismos do comércio internacional e utilizá-los quando necessário».

No entanto, e apesar de Raquel Ferreira «não excluir de todo em todo as operações de compensação», estes mecanismos são, na sua opinião, «uma forma retrógrada em relação ao comércio internacional».

«A compensação é uma falsa solução, não é um sistema de futuro» – sublinhou. «É um tipo de mecanismo com virtualidades e defeitos – continuou –, mas há que analisar caso a caso e não olhá-lo como a grande solução.»

«Portugal pretende desenvolver correntes de comércio estáveis e não fazer apenas negócios esporádicos» – frisou.

Contudo, de acordo com estudos de empresas especializadas, nomeadamente norte-americanas, estima-se em mais de 25 por cento a participação das operações de compensação no total do comércio mundial, contra 2 a 3 por cento nos meados da década de 70.

Os números não são rigorosos porque, apesar dos numerosos contratos de compensação conhecidos, não é possível avaliar com precisão a percentagem destas operações no conjunto do comércio mundial.

A dificuldade reside no facto de, para as transacções objecto de dois contratos distintos de compra e venda, não ser muitas vezes possível saber se o desenrolar das operações se faz numa base de compensação.

A compensação tem sido objecto de análise de vários economistas ocidentais que receiam que as operações possam enfraquecer o comércio mundial. Para uns, estes acordos são o anátema ao comércio livre. Para outros, são apenas uma solução de último recurso para os mais pobres.

No entanto, quase todos concordam em que estas operações comprometem a eficiência da divisão internacional do trabalho, segundo a qual cada país deve produzir os bens para os quais reúne as melhores condições.

Os produtos objecto de acordos de compensação são, na sua maioria, mercadorias que não conseguem concorrer no mercado internacional em termos de preços e qualidade.

Assim, as operações de compensação, ao oferecerem a possibilidade de certas nações se desembaraçarem de produtos praticamente invendáveis e de tecnologia obsoleta, enfraquecem as pressões exercidas sobre esses países no sentido do seu desenvolvimento e do aumento da sua competitividade e agressividade.

Deolinda Almeida, da NP

Portugal na cauda das despesas com investigação

Portugal gastou em 1980 mais de 4,2 milhões de contos em importação de tecnologia, tendo a indústria transformadora contribuído em 83 por cento para aquele montante.

As empresas com capital estrangeiro efectuaram, no mesmo ano, mais de 60 por cento do total de pagamentos ao estrangeiro por importação de tecnologia, destacando-se as de maioria de capital estrangeiro, que representam mais de metade dos gastos totais em importação de tecnologia.

O presente trabalho, baseia-se em dados da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, trabalhos de técnicos da Junta e dados da OCDE.

Ainda em 1980, os gastos com investigação e desenvolvimento experimental foram inferiores às despesas com importação de tecnologia, cifrando-se em quatro milhões e 118 mil contos, o que representa 0,34 por cento do Produto Interno Bruto (PIB).

Aliás, em 1978 o conjunto das despesas relativas a actividades científicas e tecnológicas não ultrapassava os 0,75 do PIB, aquém do nível de 1 por cento apontado pelas Nações Unidas para os países em vias de desenvolvimento.

Em despesas de investigação e desenvolvimento, Portugal seguia em 1979 na cauda da OCDE, onde apenas a Grécia e a Turquia apresentavam índices mais baixos.

Portugal gastou naquele ano nove dólares por habitante nestas despesas, menos da vigésima parte dos gastos por habitante dos Estados Unidos (256 dólares), Suíça (234 dólares) ou Alemanha Federal (204 dólares), países que dedicaram 2,4 por cento do PIB a despesas de investigação.

Em 1980 o Estado suportou quase metade (47,3 por cento) das despesas com investigação e desenvolvimento em Portugal, as empresas 28,6 por cento, o Ensino Superior 19,9 por cento e as instituições sem fins lucrativos (em que avulta a Fundação Gulbenkian) 4,2 por cento.

Relativamente à investigação desenvolvida por empresas, cinco delas com mais de cinco mil trabalhadores efectuaram 56 por cento das despesas daquele sector em 1980 e empregavam 45 por cento dos investigadores, enquanto 17 empresas com menos de cem trabalhadores gastaram apenas 4,8 por centro do total das despesas das empresas em investigação.

Em 1978, foram 124 as empresas que declararam ter actividades de investigação, empregando 704 investigadores e técnicos e com uma despesa de 332 milhões de escudos.

Os distritos de Lisboa, Porto, Setúbal e Braga, que contribuem com 70 por cento para a produção industrial, concentram 85 por cento destas despesas das empresas e 81 por cento do pessoal científico e técnico.

Por sectores, as indústrias transformadoras gastavam em 1978, 84,5 por cento das despesas das empresas portuguesas em investigação e desenvolvimento e as indústrias extractivas 9,7 por cento, enquanto as empresas de agricultura, silvicultura e pescas, as da construção e obras públicas e as de eléctricidade e água não fizeram investigação.

No sector de serviços, que representa 5,8 por cento do total das despesas de investigação das empresas, a banca e seguros representam mais de metade com 3,3 por cento do total.

Segundo dados de 1978, o Ensino Superior dispunha de mais de metade dos investigadores portugueses e 30 por cento do total do pessoal, enquanto o Estado emprega 58 por cento do total e as empresas não vão além de 10,8 por cento.

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA
1.º JUÍZO
ARREMATAÇÃO

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa, no dia 24 de Outubro de 1984, pelas 16 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp, n.º 5-4.º, vão à praça os móveis abaixo descritos, penhorados a Sociedade Industrial de Camisaria Bastos & Irmão, SARL, com sede na Rua Vila Serra, Lote C, Olivais Sul em Lisboa, no processo de execução fiscal n.º 1960, instaurado por dívida à Caixa de Previdência e Abono de Família do Comércio do Distrito de Lisboa.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 — Um montacargas eléctrico da marca Fenwick X 15-2740 B.P. série n.º 782415 em bom estado de funcionamento no valor de 200 000$00.

Verba n.º 2 — O direito ao arrendamento e trespasse do edifício sito na Rua Vila Sena Lote D Olivais Sul, composto de cave, rés-do-chão e segundo andar a que foi atribuído o valor de 12 000 000$00.

Verba n.º 3 — Duzentas máquinas eléctricas das marcas Juki, Brother e Unien Special industriais de costura e corte em bom estado de conservação no valor de 9 000 000$00.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 15 de Outubro de 1984.

O JUIZ DE DIREITO

Manuel Luís Macaista Malheiros

O LIQUIDADOR TRIBUTÁRIO

Carlos Manuel Almeida Alvelos

"D.L." – 20/10/84 – 2.ª Pub.

DESPORTO

ponta esquerda

Clubes-Governo: "tudo numa boa"

Os dezasseis clubes da primeira divisão de futebol estão satisfeitos com a actuação governativa, face ao seu caderno reivindicativo, disse Fernando Martins presidente do Benfica e porta-voz dos clubes.

O presidente do Benfica afirmou que as pretensões dos clubes foram bem aceites pelos membros do Governo que prometeram para breve uma resolução justa e uma análise detalhada das reivindicações. «Quisemos dar conhecimento ao Vice-primeiro-Ministro e ao ministro do Trabalho dos problemas que nos afectam, como as arbitragens, totobola e bingo», referiu Fernando Martins.

Depois de uma reunião durante a manhã de ontem, onde estiveram presentes todos os clubes, os presidentes avistaram-se com o ministro do Trabalho, Amândio de Azevedo, e com o vice-Primeiro-Ministro, Mota Pinto.

Recorde-se que os 16 clubes primodivisionários tentam desde há algum tempo ver resolvidos assuntos como a percentagem do bingo, comparticipação do Totobola e gastos com policiamento, entre outros, sobre os quais elaboraram um caderno reivindicativo, já entregue ao Primeiro-Ministro, Mário Soares, e ao secretário de Estado dos Desportos, Miranda Calha.

O vice-Primeiro-Ministro, Mota Pinto, classificou de razoáveis as pretensões da maioria dos clubes de futebol da primeira divisão contidas num caderno reivindicativo apresentado ao Governo. «São legítimas as pretensões dos clubes, porque eles são geradores de receitas e têm de ser vistos como tal», acrescentou Mota Pinto, no final da reunião com os delegados dos clubes.

Águeda: treinador causa presidente

O treinador Albano Soares afirmou ter sido afastado do cargo de responsável técnico da principal equipa de futebol do Águeda, por má-fé do seu presidente José Miranda. Juntamente com Albano Soares foi igualmente «despedido» o preparador físico Simões Oliveira, 19 dias depois de ambos terem assinado os respectivos contratos.

Albano tinha contrato vitalício como secretário técnico do Águeda mesmo que fosse afastado do cargo de treinador. No entanto, preferiu abandonar o clube, «porque as relações de trabalho com o actual presidente são verdadeiramente insuportáveis» — disse. Esta equipa do Águeda — que baixou na época passada à zona centro da segunda divisão — regressará rapidamente ao escalão maior do futebol português, desde que haja paz e tranquilidade no trabalho quotidiano, afirmou Albano, para o qual com este presidente no clube dificilmente sairá da segunda divisão.

Na RFA: ofender árbitro custa caro

O técnico do Bayern de Munique, Udo Latter, foi multado em 7500 marcos (cerca de 400 mil escudos) pela Federação Alemã-Federal de Futebol (DB) por insultar o árbitro numa partida do campeonato.

Lattek foi expulso do terreno de jogo pelo árbitro Volker Roth em virtude de este o ter insultado junto à linha lateral na sequência de um lance mais duro sobre o seu defesa. Wolfgang Dremmler no embate Uerdingen-Bayern. Roth enviou um relatório à Federação sobre o comportamento de Latter, que sofreu a multa mais pesada imposta até hoje a um treinador pela DFB. Lattek revelou que não apelará contra a decisão da DFB, mas advertiu: «Vou pagar a multa mas fiquem a saber que de futuro não haverá qualquer tipo de relação entre mim e a DFB.

Futebol de 1.ª

"Grelha" na Luz "meta" em Portimão

Depois da pausa provocada pela «operação checa» os campeonatos nacionais retomam hoje a sua marcha normal com a realização dos encontros Boavista - Guimarães marcado para as 15 horas no Estádio do Bessa e dirigido pelo árbitro farense Francisco Silva (uma nomeação que parece demonstrar não ter sido ainda atingida pela austeridade a zona da Praça da Alegria) e no Estádio da Luz terá o seu início pelas 15 horas e 30 o encontro entre o Benfica e o Vitória de Seúbal que terá também um «juiz» vindo de bastante longe. Trata-se de Azevedo Duarte e é de Braga. O «programa» continuará na tarde de amanhã com os seguintes intervenientes da «cena»:

Portimonense - Sporting, Alder Dante (Santarém); F. C. do Porto - Farense, Gil Rosa (Setúbal); Sp. Braga - Salgueiros, Carlos Esteves (Lisboa); Belenenses - Penafiel, Miranda Dias (Coimbra); Vizela - Varzim, Santos Ruivo (Santarém); e Rio Ave - Académica, Manuel Correia (Funchal).

Campeonato Nacional da II Divisão

Zona Norte: Paços Ferreira -Sanjoanense, Fortunato Azevedo (Braga); Aves - Lourosa, António Costa (Viana do Castelo); Leixões - Famalicão, Vitorino Gonçalves (Aveiro); Felgueiras - Lixa, José Guedes (Porto); Gil Vicente - Fafe, Xavier Oliveira (Porto); Tirsense - Valonguense, Manuel Nogueira (Porto); Feirense - Sp. Espinho, Fernando Alberto (Porto); e Marco - Chaves, Raul Ribeiro (Aveiro).

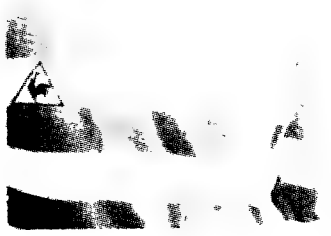
Zona Centro: Guarda - Covilhã, Ribeiro Santos (Vila Real); U. Leiria - «O Elvas», Manuel dos Santos (Porto); Caldas - Torriense, Carlos Valente (Setúbal); Beira-Mar - Estarreja, Joaquim Gonçalves (Porto); Mangualde -Águeda, Silva Pereira (Porto); Estr. Portalegre - Peniche, Bento Marques (Évora); Bf. C. Branco -Marinhense, Santos Luís (Coimbra); e U. Coimbra - Alcobaça. Amorim Silva (Porto).

Zona Sul: Lus. Évora - Barreirense, José Filipe (Faro); Odivelas - Atlético, Ezequiel Feijão (Setúbal); Nacional - União, Ramiro Santiago (Coimbra); Olhanense - C. Piedade, Serafim Alvito (Évora); Amora - Torralta, Pinto Correia (Lisboa); Montijo -Sesimbra, Fernando Rodolfo (Lisboa); Marítimo - Estoril, Rosa Santos (Beja); e Campinense - Est. Amadora, Manuel Varandas (Évora).

Campeonato Nacional da III Divisão

Série A: Montalegre - Monção, António Santos (Bragança); Neves - Esposende, Miranda Sousa (Porto); Valdevez - Moreirense, Albino Nogueira (Porto); Mirandela - Merelinense, Manuel Teixeira (Porto); Taipas - Ponte da Barca, Artur Coelho (Porto); Valenciano - Vianense, Carlos Carvalho (Porto); e Bragança -Macedo Cavaleiros, José Silvano (Vila Real).

Série B: Freamunde - Oliveirense, João Gonçalves (Viana do Casteol); Esmoriz - S. Martinho, Manuel Ferreira (Braga); Amarante - Paivense, Fernandes Pereira (Braga); Ovarense -Régua, Aníbal Pereira (Porto); Paredes - Infesta, António Gonçalves (Braga); U. Lamas - Vilanovense, João Geraldo (Coimbra); Cucujães - Ermesinde, Luís Alves (Viana do Castelo); e Trofense - Valadares, Evaristo Carvalho (Viana do Castelo).



Depois de vários meses de inactividade eis que Oliveira se apresenta apto a regressar e Toschak parece disposto a incluir o excelente e talentoso «estratego» no quadro que amanhã defrontará o Portimonense. Teste para o Minsk?

Série C: Naval - Poiares, Jorge Fachada (Leiria); Tondela -Acad. Viseu, Tavares da Silva (Aveiro); Gouveia - Penalva Castelo, Ângelo Santos (Aveiro); Luso - Mealhada, Amílcar Moreira (Coimbra); «Os Marialvas» - Anadia, Manuel Dias (Porto); Viseu e Benfica - Seia, Sérgio Borges (Aveiro); Vildemoinhos -Santacombadense, Henrique Silva (Aveiro); e Oliv. Bairro -Belmonte, José Guimaro (Coimbra).

Série D: «Os Nazarenos» - Alcains, João Santana (Santarém); S. L. Marinha - Portalegrense, Aníbal Guerreiro (Lisboa); Bombarralense - Par. Fátima, Manuel Santiago (Lisboa); U. Santarém -Rio Maior, Agostinho Santos (Lisboa); U. Tomar - Almeirim, Carlos Jesus (Lisboa); Mirense -Alferrarede, Blanco Miranda (Portalegre); Nisa e Benfica -Guiense, António Rola (Santarém); e Eléctr. P. Sor - Lousanense, António Cabeleira (Santarém.

Série E: Ol. Moscavide - Tires, Manuel Melo (Angra do Heroísmo); Oriental - Charneca, Fernando Mendes (Faro); Vilafranquense - Águia Desp., Manuel Amendoeira (Setúbal); Almada -Vialonga, Júlio Santos (Faro); Santa Clara - Lusitânia, Alfredo Pereira (Lisboa); Campomaiorense - Samora Correia, José Pratas (Évora); Sacavenense -Cacem, Fernando Costa (Lisboa); e Marinhais - S. L. Olivais, António Jorge (Setúbal).

Série F: U. Montemor - Esp. Lagos, António Tenrinho (Setúbal); Moitense - Silves, Frederido Lourenço (Lisboa); Beja - Santiago do Cacem, Manuel Montes (Faro); Lusitano V. R. - Alvorense, Marcolino Baptista (Beja); Vasco da Gama - Louletano, Joaquim Carvalho (Lisboa); Com. Indústria - Aljustrelense, Andrelino Pena (Faro);, Quimigal - Estrela V. Novas, Joaquim Heitor (Lisboa); e Quarteirense - Juventude, António Galrinho (Setúbal).

O traço de Pargana

Andebol: Taça das Taças

Belenenses e Oeiras: que esperanças?

O Belenenses (masculino) e o Oeiras (feminino) estão de viagem a Espanha onde vão participar no jogo da segunda «mão» (1. eliminatória) da Taça das Taças de Andebol de Sete.

Os «azuis», com uma desvantagem de dez golos (19-29) terão sepultado, frente aos seus adeptos, todas as possibilidades de qualificação. Não é de esperar, efectivamente, que o emblema da «Cruz de Cristo» permaneça no andebol europeu tão significativa foi a superioridade dos espanhóis no jogo do Restelo.

Quanto ao Oeiras é de admitir, perfeitamente, um «brilharete», tendo como ponto de partida a exibição realizada no seu pavilhão em que dominou as espanholas por quatro golos de diferença (18-14). Assim as moças oeirenses consigam aguentar o resultado na primeira parte, transitando para o segundo tempo pelo menos com a diferença do desafio inaugural e estarão criadas algumas condições que conduzam à ansiada qualificação.

O Belenenses joga em Tenerife, contra o Coronas, às 11 e 30 e o Oeiras defronta em San Sebastian o Balonmano Hernani. às 20 horas, ambos os jogos no domingo.

Por cá:
Sporting-Benfica

No «nacional» masculino, este fim-de-semana com jornada dupla, avulta, inevitavelmente, o embate entre os velhos rivais Sporting e Benfica. Alvalade será o palco, razão primeira para «dar» algum favoritismo aos «leões», o que não invalida a hipótese de os «águias» irem «debicar» no solar do seu poderoso adversário.

Jogos (SÁBADO) Zona Norte: MAI-Académica de Coimbra, F.C. do Porto-Académico de Braga, Desportivo de Portugal--Académica de S. Mamede (todos às 21 e 30) e Académico do Porto-Sanjoanenses (18 e 30). SUL: Sporting-Benfica (18), V. Setúbal-Passos Manuel (21 e 30) e Encarnação-Cascais (21). Caramão-Belenenses adiado para data a designar.

DOMINGO – NORTE: Académico de Braga-Maia (17 e 30), Académica de Coimbra-Desportivo de Portugal (17), Sanjoanense-F.C. do Porto (18) e Académica de S. Mamede-Académico do Porto (16). SUL: Cascais-Sporting. Passos Manuel--Encarnação e Benfica-Caramão (os três às 18 h). O jogo Belenenses-Vitória de Setúbal foi adiado para 15 de Novembro.

Amanhã em Chicago Carlos Lopes entre boa companhia

Amanhã em Chicago

Catorze mil contos esperam por Carlos Lopes

Carlos Lopes, Rosa Mota e Rita Borralho serão os representantes portugueses na Maratona de Chicago que se realizará amanhã, estando a partida, dos 10 mil concorrentes, prevista para as 8.30 horas.

Carlos Lopes poderá ganhar 85 mil dólares (cerca de 14 mil contos). Lopes, se ganhar a Maratona, tem um prémio oficial de 35 mil dólares, mas assegurou primeiro um «Cachet» de presença que é igual ao prémio de vitória, 35 mil dólares. No entanto, este prémio de presença é sempre superior ao de vitória e admite-se que Lopes recebe 50 mil dólares antes de alinhar à partida.

A explicação é fácil: os melhores corredores mundiais reclamam sempre um prémio de presença maior, precavendo-se, assim, de um eventual desaire e aquela verba em caso de triunfo poderá ser aumentada, caso o atleta consiga a melhor marca mundial.

A organização da Maratona de Chicago conta com um orçamento de 1,3 milhões de dólares (200 mil contos) e estabeleceu, nesta sua oitava edição, o maior montante de prémios.

Em 1983 os vencedores receberam 20 mil dólares e este ano esse prémio foi aumentado em 15 mil, enquanto o número de atletas contemplados com prémios estende-se aos 20 primeiros em homens e 15 primeiros nas senhoras. Um elemento da organização, revelou que o primeiro classificado tem um prémio de 35 mil dólares, o segundo 23 mil, o terceiro 16 mil, o quatro 11 mil e o quinto oito mil dólares.

Rosa Mota, vencedora o ano passado, tem este ano oportunidade de ter um prémio maior que os 20 mil embolsados em 1983. «Os prémios para as mulheres são iguais aos dos homens até ao sexto classificado» precisou o porta-voz da organização.

Rita Borralho, se se classificar em 15.º lugar receberá mil dólares, 160 contos.

A Maratona de Chicago é patrocinada pela maior empresa americana de produtos alimentares e conta também com o apoio da cadeia de televisão CBS, que transmitirá a prova em directo.

Em Chicago alinharão à partida Carlos Lopes (campeão olímpico), o australiano Robert de Castella (campeão mundial) e ainda o britânico Geoff Smith, o queniano Joe Nzau (vencedor em 1983) e o galês Seteve Jones. Em femininos a norte-americana Joan Benoit, campeã olímpica, estará ausente por ter casado recentemente.

Basquetebol

Queluz em S. João da Madeira

Os torneios oficializados de basquetebol continuam a servir de estimulante para os clubes darem prosseguimento a uma actividade mais exigente e benéfica no que respeita à preparação de i nício de época. O campeonato está à porta (começa dentro de vinte dias) e os jogos particulares são, para já, o melhor meio de acelerar a preparação físico-técnica e dar forma aos conjuntos. Nesse aspecto o Queluz não têm parado, o que se nos afigura uma medida bastante acertada face à responsabilidade de defesa do título. Os quelucenses tem percorrido o País (Amadora, Albufeira, Ovar, Porto e S. João da Madeira) autênticos «globettroters» da nossa praça que só perderam um jogo, com o FC do Porto, precisamente no seu torneio «Pioneer». Tal como os portistas, o Queluz tem aproveitado todos os fins-de-semana, desde o início da sua preparação, para rodar a equipa e dotá-la de algum espírito competitivo para a campanha nacional a sério.

Hoje e amanhã a equipa da Linha de Sintra volta ao Norte desta feita para participar no Torneio de S. João da Madeira, cujo calendário é o seguinte:

HOJE – Queluz - Olivais (17) e Sanjoanense - Iliabum (19).

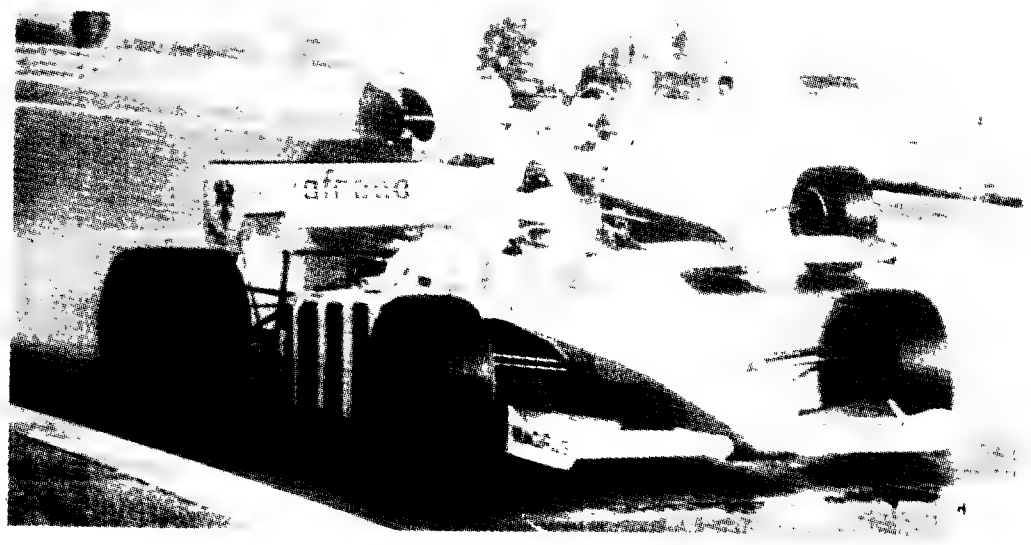
AMANHÃ, nos mesmos horários, jogam primeiro os vencidos e depois os vencedores.

DESPORTO

Incêndio no bólide de Rosberg: um dos acidentes de ontem

O fascínio e a ilusão do "Circo da F1"

Com a vinda até Portugal da caravana da Fórmula 1, não foram apenas o corte das estradas que rumam ao Autódromo do Estoril, os hotéis cheios, a massiva acção da Imprensa que marcaram os últimos dias do nosso quotidiano. Foi também o contacto com uma disponibilidade financeira desconhecida, com acçoes de promoçao sucessivas que alteram, por momentos, os parâmetros habituais das nossas vidas. Tal como o circo, o mundo da Fómrula 1 fascina e ilude. Por alguma razão lhe chamam o «Circo da Fórmula 1».



No «paddock», área situada por detrás das «boxes», alinham-se caravanas coloridas, ostentando os nomes e logotipos de marcas de tabaco, cervejas, produtos lácteos. O rigor dos desenhos, o árduo trabalho de limpeza denotam, uma intenção clara: embora apenas para alguns, aqueles que ali têm acesso, pretende-se defender uma imagem, impor uma marca.

Este trabalho salta também para a pista. Antes de cada sessão de treinos os carros são escrupulosamente limpos. Pilotos, mecânicos e acompenhantes surgem vestidos a rigor com as cores do patrocinador. Em acções paralelas são distribuídos auto-colantes igualmente atraentes. Um mundo de cor que, através de um pequeno pedaço de papel, nos faz sonhar com o tabaco proibido pelo nosso orçamento, com a cerveja de sabor desconhecido, com o pronto-a-vestir que nunca usaremos.

Se esta situação é comum a qualquer iniciativa publicitária, na Fórmula 1 existe, no entanto, uma curiosa simbiose. O «ferrete» publicitário existe, e é mesmo indispensável á manutenção do esquema. Mas, apesar de ser determinante é, ao mesmo tempo, mais difuso, menos chocante, porque atraente.

Os dez "magníficos"

1 – Prost-1.28,276
2 – De Angelis-1.28,428
3 – Lauda-1.28,837
4 – Johansson-1.28,891
5 – Tambay-1.29,409
6 – A. Senna-1.30.077
7 – Piquet-1.30,889
8 – Alboreto-1.31,192
9 – Ghinzani-1.31,336
10 – Rosberg-1.32,269

Desporto organizado comercialmente

Dirão, e é bem verdade, que por detrás, ou melhor atrás, nos motores, existem marcas automóveis que procuram na competição confirmar antigos pergaminhos ou alcançar espectaculares saldos de vendas. Mas, na denominação oficial, nos «presse-release» e na Imprensa, o nome do patrocinador – de facto o coração que move o corpo de quatro rodas – antecede quase sempre o da marca.

Domingos Piedade, um português que deu os seus primeiros passos no jornalismo há 20 anos com o «Motor», e que, ao longo dos últimos 12 anos estendeu a sua actividade a outros domínios, é um perfeito conhecedor destes meandros. Fonte imprescindível para quem tanto quer saber «daquela» transferência de piloto ou como se movimenta a máquina da Fórmula 1. Começando a sua carreira como responsável dos assuntos comerciais de Emerson Fittipaldi, Domingues Piedade, que hoje vive na Alemanha, está ligado comercialmente a diversos pilotos de Fórmula 1. «Trabalho com Michele Alboreto com o «staff» europeu do brasileiro Ayrton Senna, com Hans Heyer (um piloto que corre no Campeonato Europeu de Turismos e que está a um passo de se tornar campeão da especialidade), Toivonen e Allen. Espero aliás, reatar o trabalho com Walter Rohol (piloto de «rallies» da Audi) e ainda sou director desportivo da equipa Joest-Porsche que venceu a última edição das 24 Horas de Le Mans».

A lista é impressionante, e o homem de voz calma e evidente bonomia não deixa transparecer o turbilhão de afazeres que na pista do Autódromo o esperam. Referindo-se à questão colocada pelo «DL», responde sem hesitar: «Uma temporada de Fórmula 1 anda entre 6 a 10 milhões de dólares». De facto, com estes números, como nos diria Domingues Piedade, a Fórmula 1 tem mesmo que ser «um desporto organizado comercialmente».

O carisma dos pilotos e as «estrelas»

A pergunta é óbvia: e os homens que emprestam o seu virtuosismo, a sua coragem, e até dão por vezes a vida?». Eles existem para além dos capacetes retalhados por manchas publicitárias, dos fatos de competição cobertos, ao centímetro, pelos anunciantes.

«Como seria impensável que na primeira equipa do Benfica jogasse um amador que treinasse três vezes por semana, os pilotos de Fórmula 1 são profissionais. Já não há lugar para o filho de boas famílias, meninas bonitas, que veio fazer do automobilismo a sua profissão», garante Domingues Piedade.

Todos conhecemos a vida do médico, do advogado, do operário. Mas da de piloto de Fórmula 1 apenas os últimos três dias da semana: os treinos de sexta e sábado e a corrida de domingo.

Continua na pág 16

Auto-Rádios e Anti-Roubo Philips

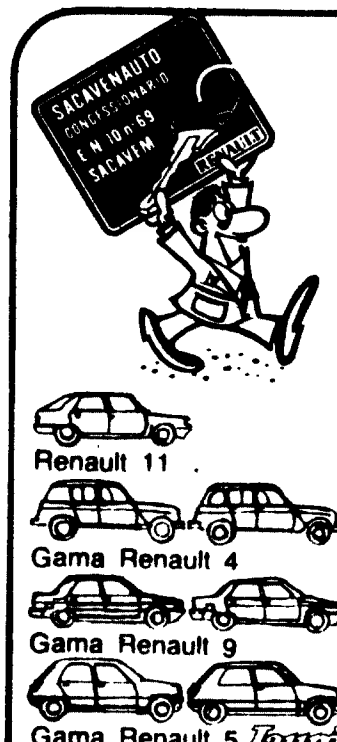
Cetra

PHILIPS

CENTRO TÉCNICO DE REPARAÇÃO AUTOMÓVEL, S.A.R.L.

CONCESSIONÁRIO PHILIPS PARA INSTALAÇÃO DE AUTO-RÁDIOS

R. Cidade de Bolama, 1-B – R. Cidade de Bissau - Olivais Sul - 1800 LISBOA
Telefs. 33 10 22 - 31 72 73 - 33 37 07



VISITE O SEU CONCESSIONÁRIO

- LANÇAMENTO TRAFIC COMERCIAL LIGEIRO EM EXPOSIÇÃO
- TODA A GAMA RENAULT
- NOVOS E USADOS

ACEITAMOS TROCAS
AVALIAMOS MELHOR
O SEU CARRO USADO
NÃO PERCA A OPORTUNIDADE DE ESTAR CONNOSCO

O SEU: CONCESSIONÁRIO
SACAVENAUTO
Estrada Nacional 10
SACAVÉM
Tel. 2525240-2525040

Renault 11
Gama Renault 4
Gama Renault 9
Gama Renault 5 Laureate

Trafic COMERCIAL
Trafic COMERCIAL

VIATURAS USADAS COM GARANTIA E EM CONDIÇÕES DE CREDITO ESPECIAL

SÁBADOS ABERTOS DAS 10 ÀS 18 HORAS
RENAULT – SACAVÉM

OLHE O PERIGO DE FRENTE!

A PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA lembra aos condutores de veículos de 2 rodas que devem usar sempre capacete de protecção devidamente apertado, mesmo quando a distância a percorrer é curta.

GRUPO DE CAMPOLIDE
COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA
Sextas às 21 30 h
Sabados e Domingos às 16 e 21.30 h
EUGENE O'NEILL
JOAQUIM BENITE
CANTO E CASTRO
ANTONIO ASSUNCAO
TERESA GAFEIRA
"Um espectáculo que exemplifica uma das características mais notáveis deste grupo: a eficácia dos pequenos meios" Tereza C. Lopes ("Expresso")
"Três interpretações notáveis" Helena Serôdio ("o diário")
até 21 Outubro

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
5.º MÊS
MARAT DE PETER WEISS
SEXTAS E SABADOS AS 21,30H
DOMINGO AS 17 H
PRAÇA DE ESPANHA
MARCAÇOES TEL. 72 08 18 SUB M.C
ÚLTIMAS SEMANAS

11 MESES
MAIS DE 300 REPRESENTAÇÕES
MAIS DE 100 000 ESPECTADORES!
TEATRO VILLARET
Telef. 53 85 86
HOJE ÀS 21.30 H.
DOMINGOS E FERIADOS ÀS 16 H. E 21.30 H.
VASCO MORGADO APRESENTA
SUPER-SILVA
.com
Raul Solnado
Rui Mendes
Luis Mata
Luis Alberto
Igor Sampaio
Dulce Guimarães
Manuela Carlos
Encenação João Mota
Cenários Octávio Clérigo
APOIO DA RÁDIO COMERCIAL

DESPORTO

Duelo Prost-Lauda atinge o rubro

O primeiro treino cronometrado realizado ontem à tarde no Autódromo do Estoril, veio apenas confirmar o que já se sabia: nem Alain Prost, nem Niki Lauda, o seu companheiro de equipa e único rival para a conquista do título de campeão do Mundo de Fórmula 1 (condutores), estão dispostos a deixarem-se afastar da primeira linha da grelha de partida. Embora possa parecer prematura, esta conclusão é, aliás, facilmente demonstrável. Distanciados por menos de 1 segundo, nos treinos de adaptação à pista, no final do primeiro treino cronometrado escassos 559 centésimos de segundo... os separavam. O duelo Prost-Lauda atingiu o rubro.

Foi numa pista húmida, e em muitas zonas ainda encharcada pela chuvada da manhã que os pilotos presentes iniciaram o primeiro treino cronometrado, ou seja le de que poderá resultar o escalonamento final da grelha de partida. Bastante atrasada em relação ao horário estabelecido, já que a pista esteve encerrada por 2 horas devido ao nevoeiro e ao entupimento de uma manilha de escoamento, esta sessão viria confirmar o bom andamento imposto, desde o primeiro dia por Elio de Angelis.

Nas três sessoes de treinos ja realizados, o italiano da Lotus guindou-se sempre aos 4 primeiros lugares. Mas, tal como aconteceu com todos os pilotos, os tempos alcançados nos treinos livres e cronometrados de ontem foram inferiores em perto de dois segundos, em relação aos de quinta-feira, o que facilmente se explica pelas condições meteorológicas.

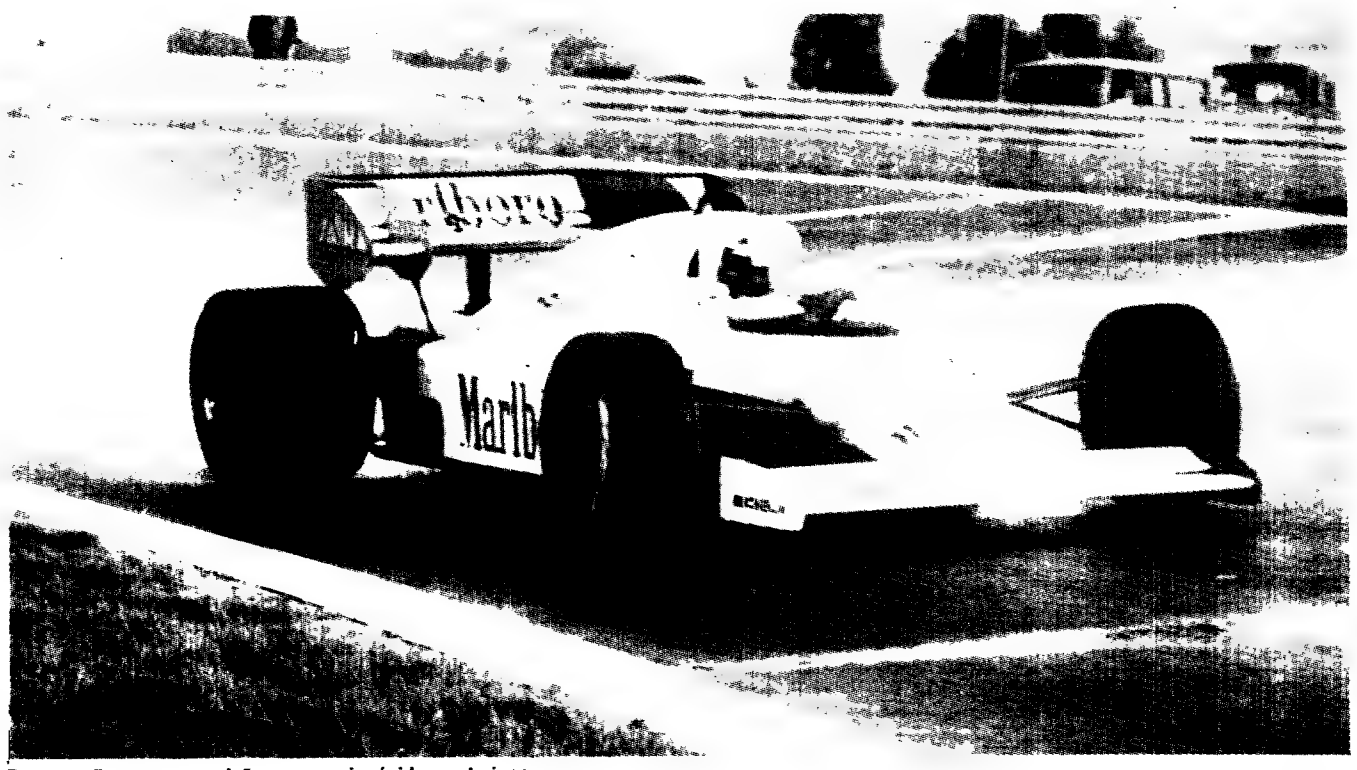
O azar «vestiu» de amarelo e preto

Na primeira sessão, a surpresa veio do britânico Derek Warwick que, ao volante do seu Renault, obteve o melhor tempo, bem distante, é certo, dos alcançados na véspera. Visivelmente satisfeito, Warwick chamaria, no entanto, a atenção para as condições do circuito: «há três pontos da pista atravessados por verdadeiras correntes de água e é preciso cuidado para não terminar fora da pista».

A seguir ao britânico classificava-se Stenphen Johanson, que em excelente forma ficaria a escassos centésimos de segundo. Seguiram-se Alboreto, ainda no mesmo segundo que o primeiro, De Angelis, aparecendo Prost com o sexto tempo e Lauda com o 14.º.

Devido ao piso escorregadio vários foram os pilotos que tiveram sérias dificuldades em manter os seus carros em pista, sobretudo nas zonas de travagem e nalgumas curvas do interior do circuito.

Os treinos da tarde, cronometrados, viriam, no entanto, a alterar substancialmente e a classificação. Prost, mais à vontade, ganha 9 segundos ao tempo realizado anteriormente. Muito regular, De Angelis, alcança o segundo melhor tempo, Lauda recupera igualmente muito (12 segundos). A seguir colocaram-se Johanson, a «empalidecer» um pouco o seu companheiro de equipa Ayrton Senna, Patrick Tambay, que supera o «herói» dos primeiros treinos e seu parceiro na Renault. Senna e Piquet, os dois brasileiros a disputar este ano o campeonato do Mundo surgem de imediato por esta ordem. Alboreto, um espectacular Ghinzani, no pouco competitivo Osella, e Keke Rosberg fecham a classificação



Prost confirma a sua posição como mais rápido nos treinos

Caminhos de Ferro Portugueses Informaçao

GRANDE PRÉMIO DE PORTUGAL EM FÓRMULA 1

A fim de assegurar o transporte de passageiros entre Lisboa e o Autódromo do Estoril, a CP e a Rodoviária Nacional vão organizar nos dias 19, 20 e 21 de Outubro, um serviço combinado rodo-ferroviário com o seguinte esquema alternativo:

— **Partida de Lisboa (Rossio), com enlace rodoviário na estação de Rio de Mouro, e vice-versa.**
— **Partida de Cais do Sodré, com enlace rodoviário na estação de Estoril, e vice-versa.**

Para este serviço vão ser emitidos bilhetes de ida e volta ao preço único de 250$00, qualquer que seja o percurso utilizado.

Os bilhetes serão postos à venda, a partir do dia 11/10, nas estações de Lisboa (Rossio), Cais do Sodré e nas estações da Linha de Sintra e de Cascais, e, ainda no Automóvel Club de Portugal.

VÁ AO AUTÓDROMO MAS... VÁ DE COMBOIO!

Fascínio e ilusão

Continuação da pág. 15

Para trás ficam semanas de trabalho de testes e sustos. Dos que estão no Estoril, para além de um reduzido lote que está na Fórmula 1 e que poderia não fazer nada embora se dedique profissionalmente a condução dos potentes carros (François Hesnault, Elio de Angelis, Teo Fabi, Ayrton Senna), outros vieram de mecânicos que ultrapassaram os vários degraus da competição automóvel, e, por fim, uns quantos fazem-no por opção.«Tal como Sócrates, o jogador de futebol brasileiro é médico, também Janotham Palmer que aqui está a correr no Estoril, é formado em medicina». No entanto, ressalva Domingues Piedade, «o grau de profissionalismo é tão grande, a dedicação é tão exclusiva, que não sobra tempo».

São estes homens que arrastam multidões e «estrelas da sociedade». Tal como acontece nas outras pistas onde o «circo» assenta arraiais, o Estoril verá desfilar Stephanie do Mónaco, a Princesa, o príncipe árabe que patrocina a TAG, e o cantor Leo Sayer... Para Domingues Piedade não há nennum segredo nisto: «O automobilismo, ao nível da Fórmula 1, sempre foi um desporto de elite: caro e restrito. Por isso, o «jet-set» que aparece nas pistas identifica-se mais com o automobilismo do que com qualquer outro desporto. Há ainda o carisma dos pilotos e, pode estar certo, que alguns cuidam bem da sua imagem, fazem por isso».

Aproveitar enquanto dura

As palavras de Domingues Piedade reflectem uma determinada realidade vivida por um número restrito de pessoas. No entanto, os portugueses não ficaram indiferentes ao desfile de belos carros e mulheres espampanantes, do fugaz aparecimento de um piloto à porta de um restaurante de luxo.

Estoril e Cascais reencontraram-se, quase por alquimia, com um passado aristocrático há muito perdido, julgado irremediavelmente perdido. Nos hotéis cheios em época baixa e chuvosa, juntam-se os «fãs» da outra sociedade que, em minutos de passagem indiferente, lhes parece bem mais próxima.

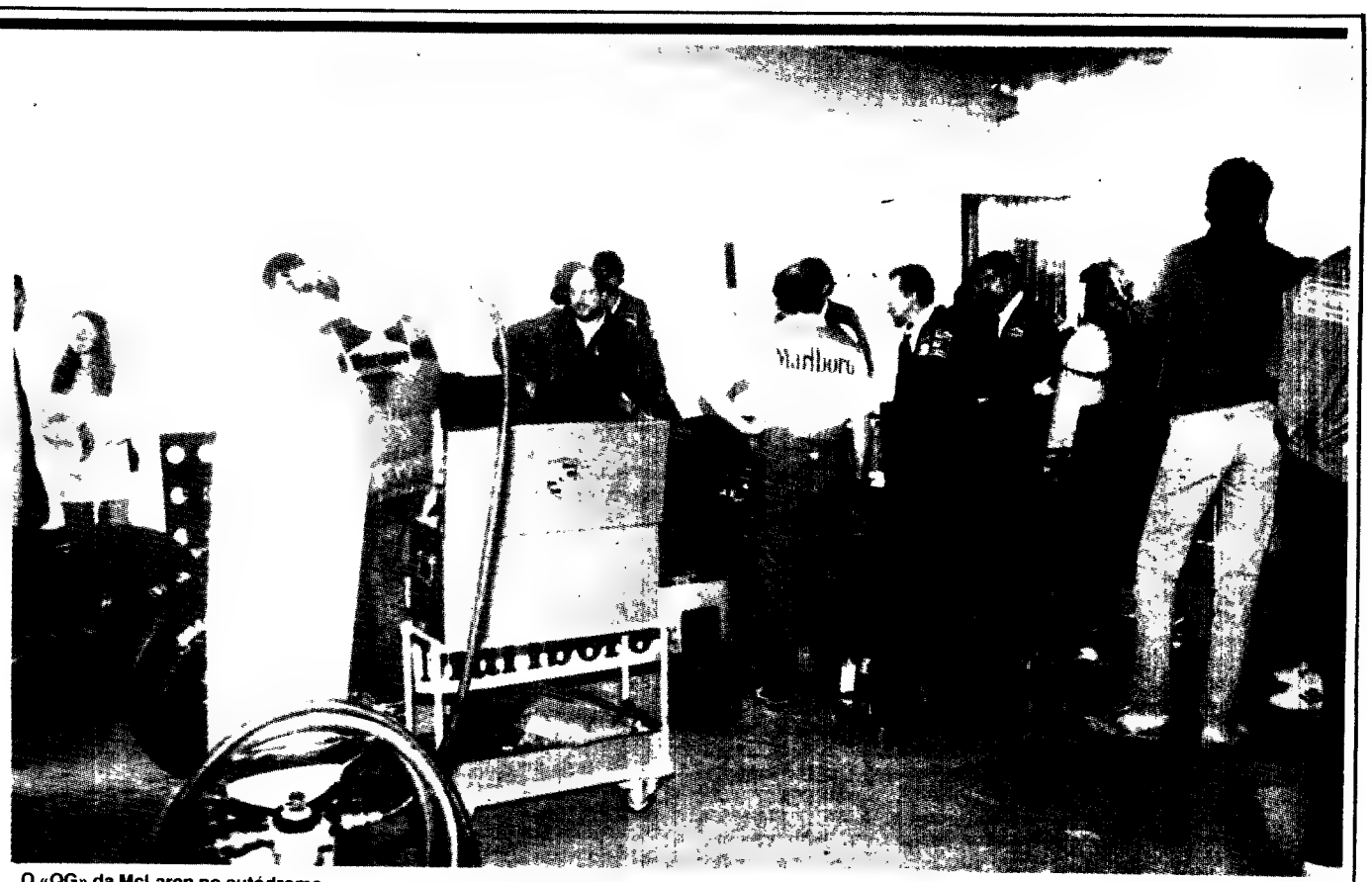
Uma jovem de uma tabacaria de Cascais treina o seu inglês com um sorriso magnífico quando um piloto lhe pede um maço de tabaco. Ao proveito do turismo, junta-se, emocional e pessoalmente, o encontro mantido com a estrela. Batalhões de fotógrafos esperaram ao fim da tarde de ontem o aparecimento da Princesa do Mónaco, mesmo sabendo-se que Stephanie nem sempre segue a mesma estrada e os convencionais meios de transporte. Chegada ao Aeroporto, tomou lugar num helicóptero que a levou até ao Autódromo...

Mas, à portuguesa, «é aproveitar enquanto dura». Vários são os testemunhos que apontam para subidas de preços apreciáveis, como se nós, não princípes ou cantores, estivéssemos de outro lado. Impossibilitado de frequentar a nocturna Cascais, o repórter lança um lamento: todos os dias, e várias vezes, paga 50 escudos por pouco mais de um dedal de café.

Nuno Ribeiro

Nelson Piquet: nem só de telenovela e passagem de moda vive o «jet set» do país irmão

DESPORTO



O «QG» da McLaren no autódromo

dos dez melhores tempos.

Com o último tempo, a 16 segundos de Prost ficou o austríaco Berger, que ao volante do ATS amarelo e preto seria protagonista do único acidente sério até agora registado. Eram decorridos escasos minutos dos treinos e na curva n.º 2, o piloto não consegue dominar o carro n.º 14 que sai da pista. No seu trajecto projecta algumas pedras que vão atingir três comissários, um dos quais tem que ser suturado no hospital do Autódromo.

De manhã, a mesma equipa, tinha ficado reduzida de um mecânico, já que, nas sempre movimentadas boxes, Johatam Palmer atropelou David, um dos mecânicos da ATS. Imediatamente radiografado, ao meio da tarde ainda se encontrava a descansar no hospital, não inspirando o seu estado especiais cuidados. Caso para dizer que o azar «vestiu» de amarelo e preto.

Um piloto que parte e outro que chega

A meio da tarde, depois de serem conhecidos os tempos, o austríaco Niki Lauda afirmaria ao «DL» que «agora a pista estava boa» e não havia qualquer problema com o seu carro». Por seu lado, Alain Prost mostrava-se muito pouco conversador, mas garantindo que o seu McLaren se encontrava nas melhores condições.

Já diferente era o estado de espírito de Elio De Angelis. Como a generalidade dos pilotos, Angelis lamenta que a Imprensa só fale dos tempos alcançados pelos dois candidatos ao título. Tal como Alboreto, e muitos outros pilotos, a sua prova será ver para crer: «se não chover no domingo, como os McLaren são de outro planeta será difícil... de qualquer forma penso que irei conseguir uma boa posição na grelha de partida; depois logo se vê». Piquet e Rosberg dariam também uma nota de «sensação» ao partirem os motores dos seus carros. No deste último, o «estoiro» deu-se em plena recta da meta, já no declinar do período dos treinos.

Os aficcionados enchem quanto podem os bastidores: muitos deles não chegam a ter 15 anos

As previsões da meteorologia estão, alias, a ser seguidas com particular interesse pelos pilotos, uma vez que é convicção generalizada que, em caso de piso seco, será difícil bater, nos treinos cronometrados de hoje, e na corrida de amanhã, os carros vermelhos e brancos de Prost e Lauda. Os organizadores, perante a possibilidade de um domingo de sol, estão igualmente optimistas Se até agora foram vendidos cerca de 20 mil bilhetes, a procura certamente aumentará a partir de hoje.

As sessões para esta manhã e tarde, respectivamente de treinos livres e cronometrados, não contarão com o segundo piloto da Brabham, a equipa de Nelson Piquet. Teo Fabi foi obrigado a regressar na quinta-feira a Milão devido à morte de seu pai. Em sua substituição previa-se que chegasse ontem ao fim da tarde o piloto alemão Manfred Winkelhoc, recentemente «despedido» pela ATS.

Hoje

Uma cena do filme português «Kilas, o Mau da Fita», que se exibe esta noite, em Última Sessão, na RTP-1

14.59 **Aventura é Aventura** – «Capitão Nemo e a Cidade Submarina».
16.50 **Feira de Santarém** – documentário sobre a XXI Feira Nacional da Agricultura.
17.40 **Cine-Teatro** – revista dos espectáculos apresentada por Ana Zanatti e Eládio Clímaco.
18.08 **«Buck Rogers no Século XXV»**
20.00 **Telejornal** – as notícias do País e do estrangeiro e o Boletim Meteorológico.
20.35 **Ponto e Vírgula** – programa teatral com Ivone Silva.
21.10 **«Estranhos e Irmãos»**
22.10 **Showstoppers**
00.14 **Últimas Notícias**
00.25 **Última Sessão** «Kilas, o Mau da Fita». Intérpretes: Mário Viegas, Lia Gama, Luís Lello, Lima Duarte, Natália do Vale e Paula Guedes. Realizador: José Fonse ca e Costa.

Representa-se hoje, na RTP-2, a peça teatral de Jean Giraudoux, intitulada «A Louca de Chaillot»

18.02 **Troféu**
21.00 **Noite de Teatro** – «A Louca de Chaillot». Intérpretes: Helena Félix, Anna Paula, Suzana Prado, Fernanda Montemor, Amilcar Botica, Baptista Fernandes, Joaquim Rosa, Manuel Luís Gonelha, entre outros. Realização: Cecília Netto.

Amanhã

09.32: Eucaristia Dominical, **10.24** Setenta Vezes Sete; **19.58**: «Bell e Sebastião», «O Carteiro Pat» e «A Volta ao Mundo com Willy Fog Circoflé»; **12.56**: Notícias, **13.05**: TV Rural, **13.30**: Zig Zag; **13.40**. Eurovisão – automobilismo, Fórmula 1; **16.32**: Zig Zag; **18.08**: Arca de Noé no Século XX; **18.35**: Vietname; **19.00** «O Barco Espião», **20.00**: Telejornal, **20.34**. Viagem Através do Sistema Solar; **21.05** «A Vida de Wagner», **22.08**: Domingo Desportivo; **23.06**: «Tudo em Família»; **23.35**: Ultimas Notícias

20.02 Arte e Perícia, **21.08** Cine-Clube – com o filme «As Três Noites de Eva»

Por causa da publicidade

Contencioso entre importadora de uisque e a Autodril

Realizou-se no hotel «Altis» em Lisboa uma conferência de Imprensa convocada pela empresa que comercializa em Portugal o uisque «Brutos». Nesta reunião os responsáveis da empresa, explicaram aos jornalistas presentes todo o diferendo que os opõe à «Autodril» a propósito da publicidade «Brutus» na pista do Autódromo do Estoril.

Porque alguns profissionais da comunicação social, não puderam estar presentes, dada a realização no Autódromo do Estoril de treinos para a prova de domingo, tomamos a liberdade de enviar uma notícia da conferência de Imprensa, cuja publicação antecipadamente agradecemos.

«A questão que opõe a empresa do uisque «Brutus» à «Autodril» é exclusivamente de ordem, jurídica, pelo não cumprimento de um contrato, «foi ontem salientado numa conferência de Imprensa em que os responsáveis daquela empresa comercial expuseram os seus pontos de vista.

Para a empresa que comercializa em Portugal a bebida escocesa não se trata de estar a favor ou contra a corrida do Estoril, ou tão pouco de se ser nacionalista ou patriota. Trata-se tão somente de uma questão legal que tem que ser resolvida pelos tribunais.

Fazendo um historial das inúmeras provas automobilisticas bem como pilotos que o uisque «Brutus» tem apoiado, a empresa comercial rejeitou as insinuações de que poria em causa ou era contrária à realização da «Fórmula 1» em Portugal.

«Apenas pretendemos denunciar o comportamento incorrecto de quem tendo tido necessidade de nós, como anunciante do Autódromo no tempo em que tudo ia mal, está disposto agora que a «F1» veio para Portugal, a não cumprir o que connosco acordou», disse Fernando Soalheira, responsável da empresa.

Exibindo provas documentais várias, desde cópias dos contratos assinados com a «Autodril» até às facturas vencidas e pagas (duzentos e oitenta contos em Julho, quando a «Autodril» já sabia que a «F1» vinha para Portugal), Fernando Soalheira acusou a «Autodril» de falta de ética no seu relacionamento com os anteriores anunciantes do Autódromo.

«Se o dístico «Brutus» não podia estar junto à meta, porque não negociamos isso até se encontrar uma solução concertada? E porque é que agora aparece publicidade de uma marca de relógios junto à meta? Só por má-fé de quem se quer esquecer que os valores do contrato com a «Brutus» suportavam sessenta por cento das despesas anuais do Autódromo», concluiu o responsável da empresa que comercializa o uisque

Mostrando-se confiante nos tribunais e no estado de direito em que vivemos, Fernando Soalheira mostrou esperanças em que esta questão com a «Autodril» não seja confundida com o apoio que a «Brutus» sempre deu e dará ao automobilismo em geral. Nem tão pouco com Cesar Torres, que necessariamente está à margem das
relações publicitário-jurídicas das duas empresas.

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...

«Kilas, o Mau da Fita» (00.25)

«A Louca de Chaillot» (21.00)

Um extraordinário espectáculo com os melhores momentos dos grandes musicais da Broadway. Apresentação de Tom Bosley. Um variado desfile das maiores vedetas dos palcos, da música, da canção e do bailado. Convidados especiais: Ethel Merman, Mary Martin e o «American Dance Machine». Actuações de Barry Bostwick, Diahann Carroll, Glynis Johns, Wayne Cilento, Anthony Perkins, Chita Rivera, Robert Morse, Debbie Reynolds, Ray Walston, Jerry Orbach, Neil Carter e muitos outros. Ritmo trepidante, melodia inesquecível, num espectáculo fascinante. O melhor da Broadway em «Showstoppers».

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef 2112871

crítica de teatro

CARLOS PORTO

La Claca: outro teatro

ANTOLOGIA. **Compilação e encenação:** Joan Baixas. **Música:** Quico Pi de la Serra. **Interpretação:** Teresa Calafell, Miguel Doblas, Jordi Cullel, Rifu Casamitjana, Rosa Esteva, Toni Campis. **Colaboração:** Óscar Olavarria, Nieolás Serrano, Venanci Fàbregas e Roser Vilá. **Companhia La Claca** (Barcelona). **Mostra de Teatro Espanhol.** Igreja de Xabregas, 16-10-1984.

É este o segundo espectáculo que vejo deste grupo catalão. O primeiro vi-o em 1978, no Centro Pompidou, no Festival de Outono, e era um espectáculo deslumbrante, mas a razão primeira disso era devida a um criador exterior ao grupo, o pintor Miró. Se este segundo espectáculo é diferente, nem por isso deixa de se inscrever coerentemente numa trajectória que tem como postulado primeiro a procura de um teatro visual em que é dada primasia à imagem em desfavor da palavra. Isso mesmo, de resto, é dito no decorrer do espectáculo.

A essa primeira característica que confere o que há de específico no projecto deste grupo, a trabalhar há quinze anos, duas outras é necessário acrescentar. A primeira consiste nas fontes a que o grupo vai buscar as motivações, por assim dizer, paraliterárias dos seus espectáculos. São elas, na sua origem, a literatura popular, as lendas, as histórias antigas, aquilo a que os espanhóis chamam «rondalles» (serenatas), que o grupo trabalha dramaturgicamente e de acordo com o referido processo de uma linguagem visual; uma outra característica é a extrema mobilidade dos espectáculos de La Claca que podem ser apresentados em qualquer sítio, de acordo aliás com a intensa itinerância praticada pelo grupo, sobretudo em Espanha, mas também no estrangeiro. Para aumentar ainda mais essa mobilidade, o grupo adquiriu recentemente uma tenda adaptada a teatro com a qual percorre a Espanha e especialmente a Catalunha, não só para apresentar os seus espectáculos como para fazer cursos de teatro, etc.

Para ser exacto, a estes aspectos primordiais da actividade do grupo – linguagem visual, textos de inspiração popular, mobilidade – um outro igualmente básico devo acrescentar: a utilização de marionetas e fantoches, já que o grupo foi por aí que começou, sendo mesmo considerado o principal animador do movimento de renovação do teatro de marionetas na Catalunha.

Em «Antologia», La Claca propõe uma primeira parte com uma visão do seu itinerário desde 1970 a 1982, e uma segunda parte com um dos painéis da trilogia «Peixos Abissals», espectáculo de 1973 que o grupo está ainda a trabalhar. A propósito das características visuais dos trabalhos de La Claca valerá a pena lembrar, como exemplo, que um dos seus espectáculos, baseado num mito dos índios Pueblo, tem como personagens principais «a água tranquila dos lagos e água impetuosa das correntes».

«Antologia impossível», considerou o ensaísta Juan-Anton Benach num artigo intitulado «Uma força natural chamada La Claca» (El Publico, n.º especial). Com efeito não seria possível dar em menos de uma hora uma visão suficientemente representativa do trabalho do grupo ao longo daqueles anos, inconveniente agravado pelo facto do espectáculo surgir necessariamente pouco e mal articulado tanto nesta primeira parte como na passagem à segunda parte. Escreve aquele ensaísta: «Ao finalizar a década dos anos 70, o Teatro de La Claca tinha no seu reportório mais de oitenta exercícios diferentes, várias centenas de actuações... a «Antologia»... é uma tentativa de aproximação às múltiplas linguagens e técnicas que o grupo tem vindo a explorar desde os seus princípios. Mas é uma tentativa vã, é preciso dizer».

O resultado, na sua globalidade é, pois, relativamente frouxo, inconclusivo, como dificilmente podia deixar de ser, nestas condições. Não o é, contudo, se atendermos aos vários exercícios que o constituem, no que neles há de original, de criativo, no carácter experimentalista que os marca, por vezes levado a extremos surpreendentes.

Abre esta «Antologia» com uma cena em que um actor vestido de missionário colonialista descreve através de palavras e de imagens de um filme que ele próprio projecta, as suas aventuras numa missão algures na Catalunha (a certa altura a imagem mostra um campo de futebol cheio de gente) bem como as formas violentas que utilizou para «educar» o selvagem que descobrira. Segue-se uma quota entre o público, pretexto para um jogo, uma espécie de jogo da verdade, que proporciona a uma expectadora (combinada?) um prémio, uma garrafa de espumoso. Cena de teatro de cabaré, esta abertura, além de algumas boas piadas que nem sempre conseguem escapar a um certo mau-gosto de humor, permite um contacto directo do grupo com o público, contacto que se estabeleceu muito facilmente, pelo menos, na noite de estreia.

Seguem-se algumas cenas num pequeno teatro de fantoches, com o título genérico de «Calaix de Sastre», com fantoches, luvas, máscaras e mãos. Cenas muito simples mas feitas com grande rigor em que o humor, pelo menos numa delas, assume uma função trágica. Por último, nesta primeira parte, uma outra cena intitulada «Manipulações» em que assistimos ao trabalho de um par de mãos na manipulação, por vezes erótica, de alementos do quotidiano, banana, tomate, luvas.

Esta primeira parte do espectáculo de La Claca, por sua vez dividida em duas partes diferenciads, não permite um juízo seguro sobre o trabalho do grupo, embora seja evidente haver um processo de investigação tanto em relação às propostas dramáticas como à sua transcrição cénica, utilizando meios bastante simples.

Na segunda parte, o trabalho do grupo torna-se mais complexo, aproxima-se, pelo menos formalmente, do espectáculo que dele conhecia, «Mori el Merma». Aproxima-se sobretudo porque também há nele uma considerável riqueza plástica, neste caso através de criações do pintor António Saura que desenhou máscaras e cenários. O cenário é aliás, principalmente, os próprios panos que servem para os actores se envolverem e para envolver a cena e que são pintados ao longo do exercício de acordo com a linha pictória, a gestualidade, de Saura.

É possível que este painel, «A Espada Azul», da trilogia «Peixe Abissais», precise de ser mais trabalhado, mais elaborado de modo a clarificar a sua trajectória. Pela minha parte, tive dificuldades em acompanhar a história que se conta, embora essa história não seja essencial, de tal maneira as suas linhas dramáticas surgiam submergidas por personagens fantásticas que se situavam numa zona ambígua entre o humano e o animalesco.

Apesar disso, a riqueza dessas formas, figurinos, máscaras, envolvimento, a maneira como era feito o envolvimento plástico do exercício criado pelos próprios intérpretes, a beleza de algumas máscaras e de algumas marcações, como a do homem peixe, embora a sua passagem seja aparentemente gratuita, a recuperação de um mundo mitológico que parece vir de uma história perdida para sempre, são elementos a ter em conta num espectáculo que tem aspectos que me pareceram fascinantes.

Convém aqui sublinhar, para dar uma melhor ideia dos processos do grupo que «A Espada Azul» é uma antiga história chinesa. Joan Baixas trabalhou-a a partir da versão de Lu-Sin, autor da história em que Jourdheuil e Chartreux se basearam para a sua peça «Ah Q», que o Teatro da Cornupódia transformou num dos seus grandes espectáculos. Malhas que o teatro tece.

Espectáculo irregular mas que vale a pena ser visto pelo que nele há de original, pela força plástica que o marca, pelo carácter experimental que o anima.

Caminhos de Ferro Portugueses Informação

CARTÃO JOVEM

GRANDE PRÉMIO DE PORTUGAL DA FÓRMULA I

Informam-se os possuidores do «CARTÃO JOVEM» que por motivo da realização do Grande Prémio de Portugal da Fórmula I no Autódromo do Estoril, será permitida a sua utilização nos dias 17, 18, 19, 20, 21 e 22 de Outubro, sem quaisquer restrições, para a aquisição de bilhetes com origem ou destino às estações de Lisboa (Santa Apolónia), Lisboa (Rossio), Lisboa (Terreiro do Paço) e ainda a todas as estações das linhas de Sintra e Cascais.

COTAÇÕES

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	84$85	89$85
ALEMANHA FED (marco)	51$25	52$95
ÁUSTRIA (xelim)	7$30	7$50
BÉLGICA (franco)	2$402	2$602
BRASIL (cruzeiro)	$043	$073
CANADÁ (dólar — notas de 1 a 2)	122$20	124$20
(notas de 5 a 1000)	122$70	124$70
DINAMARCA (coroa)	14$40	14$80
ESPANHA (peseta)	$886	1$006
EUA (dólar — notas de 1 a 2)	162$45	164$45
(notas de 5 a 1000)	162$95	164$95
FINLÂNDIA (marka)	25$05	25$65
FRANÇA (franco)	16$90	17$60
HOLANDA (florim)	45$00	47$00
IRLANDA (libra)	162$30	166$30
ITÁLIA (lira)	$076	$086
JAPÃO (iene)	$624	$659
NORUEGA (coroa)	18$00	18$50
REINO UNIDO (libra)	193$65	197$65
SUÉCIA (coroa)	18$40	19$00
SUÍÇA (franco)	63$30	64$40
VENEZUELA (bolivar)	10$65	11$65

Observações.
1 – No respeitante a moedas, estas cotaçoes devem ser consideradas a título meramente informativo.
2 – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

rádio

Antena Um

18.00 Transparências; **19.00** Perspectiva **20.00** Meio Termo, **21.00**: Apartado, cultura, **22.00** Porto de honra, **23.30** Ultimo jornal **23.45** No estudio e no estádio Noticiários intercalares às **16.00**, **17.00**, **18.00**, **21.00** e **22.00** horas

Programa 2

14.30: A ópera «La Boheme», de Puccini; **17.00**: Sinfonia n.º 90, em dó maior, de Haydn; **19.00**: Obras de Bach, **20.10**. Quarteto n.º 16, em fá maior de Beethoven; **20.40**: «Te Deum», de Anton Dvorak; **21.00**: Para além da leitura; **21.45**: O compositor da semana, **23.00**. Intercâmbio musical; **00.05** Concerto, em si bemol maior, de Christoph Graupner; **00.40**: «La Pellegrina» **01.00** Fecho Noticiários de hora a hora

RADIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

15.00 Fim-de-semana; **19.00**: Quatro tempos, **20.00**: Quando o telefone toca (3 ediçoes), **21.30**: Tempo de desporto, **23.00** 24ª hora Noticiários de hora a hora

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00 Sons de oitenta, **16.00**. Flauta de Pã, **17.00** Country music, **18.00** Lança-chamas, **19.00**: A ilha das palmeiras, **20.00** Blues index; **21.00**: Preterito quase perfeito, **23.00** A luz de Edison Noticiários de hora a hora

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

18.30: Transmissão do terço; **20.00**: Horizonte; **21.00**: Porgrama da LAR; **22.00**. Quando o telefone toca; **23.00**: Sessão da meia-noite; **23.55** Meditando, **02.00**. Estação de serviço Noticiários a todas as horas.

Frequência Modulada

16.00 A cor do som, **18.00**. Flauta mágica; **20.00** Transmissão do terço; **20.30** Universidade na Rádio; **21.00** Paju; **21.30** Pentagrama, **22.00** Chiado Terrasse, **24.00**: O regresso dos heróis; **02.00** Estaçao de serviço Noticiários a todas as horas

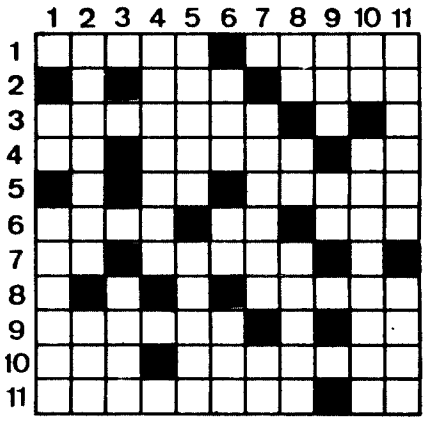
Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 14 165

HORIZONTAIS:

1 Extrair Pessoas estúpidas.
2 Rente. Esmurra.
3 Refreiem
4 Clima Uma das Esporades Erbio (s.q)
5 Césio (s.q) Tecido de algodão ou linho, muito transparente.
6 Palácio real. Apelido Ferro temperado
7 Freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis Costumara
8 Cilada.
9 Ajusta. Quinhentos e um em romano.
10 Medida agrária inglesa, equivalente a 25 m quadrados Acautelar
11 Aguçaras Letra grega



VERTICAIS:

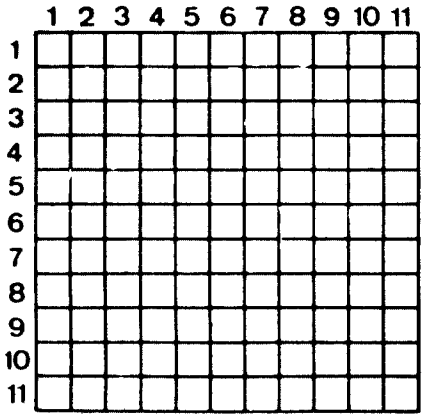
1 Preposiçao. O mesmo que púcaro
2 Imorredoiro. Preposição.
3 Receio
4 Esquivos
5 Rangiferes Molusco comestível
6 Preposição. Pronome reflexo Prefixo que designa ar.
7 Tomara moça. Aqui
8 Campeão. Apelido da mãe de Luís de Camões. Cidade de França.
9 Bondoso. Apelido.
10 Ondas curtas. Prejudicar
11 Irão para fora. Freguesia do concelho de Barcelos

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 10 015

HORIZONTAIS:

1 Região da Jugoslavia à beira do Adriático Duzentos em romano.
2 Escravizara
3 Reis
4 Ancoraremos.
5 Sadias. Oculto
6 Crómio (s.q) Caruma Segundo.
7 Vão Brisa Prasiodímio (s q).
8 Enfeita. Sarau
9 Ilha do Pequeno Belt Maior
10 Pêlo longo, áspero ou sedoso, que se desenvolve ao longo do pescoço e na cauda de alguns animais Aroma.
11 Preposição e artigo Abalos (pop)



VERTICAIS:

1 Cidade da Asia Menor, capital da Síria Espécie de formiga
2 Antes de Cristo Frugal Letra grega.
3 Homens crueis (fig). Verbais
4 Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor) Palavra chinesa que significa sul e que entra na composição de muitos nomes geográficos
5 Brisa Testemunharam
6 Cerume Sufixo que designa abundância
7 Prefixo de negação. Ramadas
8 Engataremos
9 Doença que dificulta a respiração Ave semelhante à pomba.
10 Cromio (s q) Sumptuosos.
11 Rodela de cortiça que forma o bojo da roca de fiar.

SOLUÇAO DO PROBLEMA N.º 14 164

HORIZONTAIS:

1 AS ILUSOES
2 Ado Ru
3 Sies Uai lo
4 Ra Arra Na
5 Oscular If
6 Amoras El
7 Ondas Sa Lu
8 Aa Bois
9 Pr Doido Za
10 Ardil Oires
11 Oo Aa Sais

VERTICAIS:

1 SAO O PAO
2 Saias Narro
3 DE CADA
4 los Uma DIA
5 Sola Ola
6 Usurar Bi
7 Armas DOS
8 Oria Saboia
9 Lu Ri
10 INFELIZES
11 Goa Lusas

PROVÉRBIO AS ILUSOES SAO O PAO DE CADA DIA DOS INFELIZES

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10 014

HORIZONTAIS:

1 Arrependida.
2 Adiar Amar
3 Ras Aru ANI.
4 An Fias Tal
5 Oásis Arpes
6 Om Eu.
7 Sul Pao Ata
8 Ar Cioso Om
9 Os Alara
10 Carrao MCCI
11 Ossos Voais

VERTICAIS:

1 Aarao Sa Co
2 Riana Urras
3 Ras Sol Rs.
4 Er Fim Coro
5 Ais Pisas
6 Erra Nao
7 Usa Osa
8 Da Re Olmo
9 Ima Pua Aca
10 Dante Torci
11 Arias Amais

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 4 a.
Falado em português
AS AVENTURAS DA TURMA DA MÓNICA
5.ª Semana

ÁVILA 539930

Av Duque d'Ávila, 92A

Às 14.45, 18.15 e 21.45
– M. 12 a.
3 Óscares
OS ELEITOS
6.ª Semana

AVIS 547153

Av Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 18 a.
PROFISSÃO MULHER
3.ª Semana

BERNA 776098

Av Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 12 a.
INDIANA JONES E O TEMPLO PERDIDO
8.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 15.00, 18.00 e 21.00
N. ac. men. 13 anos
QUO VADIS

CASTIL 530194

R Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 12 a.
ACADEMIA DE POLÍCIA
4.ª Semana

CINE BLOCO 55682.

R Pinheiro Chagas 10

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– M. 18 a.
VIDAS
Às 24 — M. 16 a.
MASSACRE EM S. FRANCISCO

CINE CAMÕES 324194

R do Loreto 15

Às 14, 16.30 e 21.30
N. ac. men. 13 anos
UM CASO ESTRANHO

CINE 222 579460

Av P da Vitória, 37 (ao Saldanha)
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
O TRIUNFO DO HOMEM CHAMADO CAVALO
Às 24
FORÇA DE INTERVENÇÃO ANTIDROGA

CINESTÚDIO LIDO 936593

P. D. João I, Amadora

Às 15.30 e 21.30 — N.ac. men. 12 a.
ROMEU E JULIETA

CINE-PLAZA 930119

Av. Santos Matos, 2 – Amadora

Às 15.30 e 21.30 – M. 12 a.
FOOTLOOSE
Às 24 – N. ac. men. 13 a.
CRUZEIRO PARA O INFERNO

CONDES 322523

Av da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
CRÓNICA DOS BONS MALANDROS
M. 12 anos

2000 2100055

Av B Voluntários, lts 113/4

Às 14.15, 16.30, 18.30 e 21.30
– M. 12 a.
OS RICOS E OS POBRES

EDEN 320768

P Restauradores 21

Às 14, 17.30 e 21.15
– M. 12 a.
VIDAS
Às 24 – N. ac. men. 18 a.
OS MISERÁVEIS

ESTÚDIO 555134

Al Afonso Henriques 35

Às 15, 17, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS

ESTÚDIO 444 779095

Av Defensores de Chaves 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 16 a.
IDENTIFICAÇÃO DE UMA MULHER
18.ª Semana

HOLLYWOOD 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1
Às 14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24
– M. 6 a.
BEAT STREET

SALA 2

Às 14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45
– M. 6 a.
EM BUSCA DA ESMERALDA PERDIDA

IMPÉRIO 555134/5

Al Afonso Henriques 35

15.15,18.30 e 21.30
Maiores de 13 anos
O GOLPE

LIDO 936593

P. D. João I. Amadora

Às 15.30 e 21.15 – M. 12 a.
FOOTLOOSE

MONTECARLO 681117

Av Pedro Álvares Cabral 37

Às 14.15, 16.30, 18.15 e 21.30
– M. 18 a.
EMANUELA, A ANTIVIRGEM

NIMAS 574362

Av 5 de Outubro 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 16 a.
OS AMIGOS DE ALEX

ODEON 326283

R dos Condes 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– M. 18 a.
NADA DE SEXO ESTOU SEM FORÇA

PATHÉ 821933

R Francisco Sanches 122

ENCERRADO PARA OBRAS

Uma cena do filme «Identificação de uma mulher» realizado por Michelangelo Antonioni em exibição no Estúdio 444 Quarteto

POLITEAMA 326716

R Portas S Antao 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– M. 16 a.
O TRONO DE FOGO

QUARTETO 771378

R Flores de Lima 16

SALA 1
Às 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
– M. 12 a.
CRÓNICA DOS BONS MALANDROS
Às 00.45 – M. 18 a.
PEDRO, O LOUCO

SALA 2
Às 14.15, 16.30, 18.45, 21 e 23.15
– M. 12 a.
OS RICOS E OS POBRES
Às 00.45 – M. 18 a.
2 MULHERES O MESMO DESTINO

SALA 3
Às 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
– M. 12 a.
O LÍRIO DE MANILA
Às 00.45 – M. 18 a.
NOSTALGIA DO AMOR

SALA 4
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 16 a.
IDENTIFICAÇÃO DE UMA MULHER
Às 24 – M. 18 a.
A OESTE NADA DE NOVO

QUINTETO 573407

R Actor Taborda 27-B

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– M. 12 a.
CRÓNICA DOS BONS MALANDROS
Às 24 – N. ac. men. 18 a.
AMERICAN GIGOLO

ROMA TEL 727778

Av de Roma 14 M-N

14.00,17.30,21.15
— M. 12 anos
OS MISERÁVEIS

ROXY 548560

Av Almirante Reis 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 12 a.
O TRIUNFO DE UM HOMEM CHAMADO CAVALO

SÃO JORGE 579144/579344

Av da Liberdade 175

SALA 1
Às 15.15, 18.15 e 21.15
– M. 12 a.
GREYSTOKE, A LENDA DE TARZAN REI DA SELVA
3.ª Semana

SALA 2
Às 14, 16.15, 18.45 e 21.30
– M. 12 a.
VIDAS EM JOGO
17.ª Semana

SALA 3
Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45
– N. ac. men. 18 a.
AS MIL E UMA NOITES
8.ª Semana

7.º ARTE 730715

Av Republica à E Entre Campos junto ao n.º 63
Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 24 horas
– M. 6 a.
GREYSTOKE, A LENDA DE TARZAN REI DA SELVA
Filme de qualidade
2.ª Semana

STAR 804210

Av Guerra Junqueiro 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
– M. 12 a
UM HOMEM FORA DE SÉRIE

TURIM 706666

E de Benfica 723 A

Às 14, 16.30, 19 e 21.45
– M. 16 a
LAÇOS DE TERNURA
Às 24 – N. ac. men. 13 a.
007, O AGENTE IRRESISTÍVEL

VOX 880808

Av Fr Miguel Contreiras lote 879

Às 15, 18.15 e 21.30
– M. 12 a
ACADEMIA DE POLÍCIA
5.ª Semana

XENON 368480

Av da Liberdade 9

Às 14.15, 16.30 19 e 21 30
– N. ac men 18 a.
MAKING LOVE
3.ª Semana

outros cinemas

Lisboa

LONDRES – «O Mistério de Gorki Park», às 21.30 (12 anos).
MUNDIAL – «Indiana Jones e o Templo Perdido», às 21.30 (12 anos)
ZODÍACO – «O Império dos Sentidos», às 21.30 (18 anos)
TERMINAL – «Academia de Polícia», às 21.30 (12 anos)
ALFA-CLUBE – «Os Ricos e os Pobres», às 21.30 (12 anos)
APOLO 70 – Semana do Cinema Soviético, às 21.30 (12 anos)
ALFA-1 – «Indiana Jones e o Templo Perdido», às 21.30 (12 anos)
ALFA-2 – «Vidas», às 21.45 (18 anos)
ALFA-3 – «Breakdance», às 21.30 (6 anos)
TIVOLI – «Footloose», às 21.30 (12 anos)
OLÍMPIA – «No Ar é que Ela Gosta», sessões permanentes (18 anos)
CITY-CINE – «Só Contra Todos», às 21.30 (13 anos)
RESTELO – «Cidade em Pânico», às 21.30 (18 anos)
CAPITÓLIO – «Sexo por Medida», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
CINE-ESTÚDIO ACS – «O Trono de Fogo», às 21.30 (12 anos)
CINEMATECA PORTUGUESA – «Era Noite em Roma», às 21.30 (18 anos)
PROMOTORA – «McQuade, o Lobo Solitário», às 21.30 (12 anos)

Linha de Cascais

CASCAIS – Oxford – «A Mulher em Chamas», às 21.30 (16 anos)
ALGÉS – Stadium – «O Homem do Rio Nevada», às 21.15 (6 anos)
PAREDE – Royal-Cine – «Feliz Natal, Mr. Lawrence», às 21.15 (18 anos)
ESTORIL – Casino – «Bem-Vindo à Terra Prometida», às 21.15 (16 anos)
CASCAIS – Impala – «Massacre em San Francisco», às 21.30 (16 anos)

Outra Banda

ALMADA – Incrível – «Arthur, o Alegre Conquistador», às 21.15 (13 anos)
ALMADA – Cine-Estúdio – «Footloose», às 21.15 (6 anos)
COSTA DE CAPARICA – Oceano – Sala 1 – «48 Horas», às 21.30 (12 anos)
COSTA DE CAPARICA – Oceano – Sala 2 – «Grease», às 21.45 (13 anos)

Linha de Sintra

CACÉM – Cine-Estúdio Flores – «Chamavam-lhe Génio», às 21.30 (13 anos)
MEM MARTINS – Cine-Chaby – «A Explosão da Puberdade», às 21.30 (18 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «Terror em São Salvador», às 21.30 (12 anos)

Porto

BEBÉ – «Porcos com Asas», às 21.45 (18 anos)
FOCO – «Amor e Compaixão», às 21.30 (6 anos)
PAÇOS MANUEL – «Indiana Jones e o Templo Perdido», às 21.45 (12 anos)
VALE FORMOSO – «A Degradação de uma Mulher Casada», às 21.30 (18 anos)
CARLOS ALBERTO – «Adeus Até ao Meu Regresso», às 21.30 (13 anos)
CHAPLIN – «Firefox», às 21.30 (18 anos)
BATALHA – «O Executor», às 21.45 (12 anos)
ÁGUIA – «Os Salteadores do Templo Sagrado», às 21.45 (12 anos)
TERÇO – «O Inferno no Pacífico», às 21.30 (13 anos)
PEDRO CEM – «As Malhas da Traição», às 21.30 (16 anos)
SÃO JOÃO – «Oficial e Cavalheiro», às 21.45 (13 anos)
JÚLIO DINIS – «Belami», às 21.30 (18 anos)
TRINDADE – «Greystoke, a Lenda do Tarzan da Selva», às 21.30 (12 anos)
OLÍMPIA – «A Loba de Stiberg», às 21.30 (18 anos)
CHARLOT – «Em Busca da Esmeralda Perdida», às 21.30 (6 anos)
LUMIÈRE – Sala A – «O Lugar do Morto», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE – Sala L – «Vidas», às 21.45 (18 anos)
RIVOLI – «Em Busca da Esmeralda Perdida», às 21.30 (6 anos)

teatros

Lisboa

COMUNA – «Marat», às 21.30 (13 anos)
ACADEMIA ALMADENSE – Teatro de Campolide – «Hugie Antes do Pequeno-Almoço», às 21.00 (13 anos)
D. MARIA II – Teatro Espanhol – «Luces de Bohemia», às 21.30 (12 anos)
TEATRO IBÉRICO – «Los Milagros de Nuestra Señora», às 21.30 (12 anos)
BARRACA – «Santa Joana dos Matadouros», às 21.30
BAIRRO ALTO – «Simpatia», às 21.30 (13 anos).
MARIA VITÓRIA – «O Bem Tramado», às 20.30 e 22.45 (16 anos).
VARIEDADES – «Casar Sim, Mas Devagar», às 21.45 (12 anos).
SOLO MIO – «Gente Coisa é Outra Fina», às 23.00 (18 anos).
VILLARET – «O Super-Silva», às 21.30 (12 anos).
TEATRO EXPECIMENTAL DE CASCAIS – «A Aurora da Minha Vida», às 21.45 (13 anos).
TEATRO DO MUNDO – «A Troca», às 21.30 (10 anos)

PORTO

COLISEU – Antigo Campo do Lima – Circo Chen, às 21.30 (6 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE (Hoje)

AJUDA: Lopes Ribeiro, R do Cruzeiro, 117 (T. 633288), **ALAMEDA - FONTE LUMINOSA: Ibéria**, R. Barão de Sabrosa, 235-235-A (T. 888277); **ALVALADE: Alvalade**, Av. da Igreja, 18-A (T. 892070); **ANJOS - LISBOA GINÁSIO CLUBE: São José**, R. dos Anjos, 41-A (T. 570730); **BAIXA: Internacional**, R. do Ouro, 228-230 (T. 322017); **BENFICA - CHARQUINHO: Macedo**, R. República da Bolívia, 69-C (T. 713697); **ESTRELA - POSSIDÓNIO DA SILVA: Tagus**, R. Possidónio da Silva, 162-A (T. 669485); **GALINHEIRAS ; CHARNECA - LUMIAR: São Bartolomeu**, Vila Paulo Jorge, 1 (T. 790969); **LAPA - SANTOS: Eduardo A. César**, R. das Trinas, 102-A (T 662631); **MADRE DE DEUS -POÇO DO BISPO: Grijó**, R do Grilo, 25 (T 385264); **SALDANHA: Cruz Nunes**, P. Duque de Saldanha, 14-15 (T 41845); **PONTINHA: Pontinha**, E de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220); **QUINTA DO MENDES - ODIVELAS: Almeida**, Pt. à R Tomás da Anunciação, 38-B.

PERMANENTE (Amanhã)

ALFAMA - SÃO TOMÉ: Ziller, R. São Tomé, 54-56 (T. 862835); **AREEIRO: Lusitana**, Av. de Roma, 18-A (T. 885443); **AVENIDA D. RODRIGO DA CUNHA: Aeroporto**, Av. Almirante Gago Coutinho, 101-D (T. 882384); **BENFICA - 2.º CIRCULAR: Benfiluz**, E. de Benfica, 444-A (T. 7141206); **BOA-HORA - AJUDA: Boa-Hora**, R. Quartéis, 25-27 (T. 637777); **CAMPOLIDE - ÁGUAS LIVRES: Rualto, Ld.ª**, R. Alto Carvalhão, 5-B (T. 651721), **JANELAS VERDES: Reis Garrido**, R. das Janelas Verdes, 90 (T. 772327); **JARDIM CONSTANTINO: Portugal**, R. Rebelo da Silva, 11-13 (T. 543340); **JARDIM DOS ANJOS: Confiança**, Av. Almirante Reis, 46-B (T 821653); **OLIVAIS SUL: Lemos**, R. Cidade da Beira, lote 19 (T. 331912); **SALDANHA - HOTEL SHERATON: Oliveira Viegas**, R. Viriato, 29-29-A (T. 548966); **TELHEIRAS - QUINTA DE SÃO VICENTE: Quejas**, R. Prof. Francisco Gentil, Edifício E 1, loja 21; **ALGÉS: Dias & Saraiva**, R Major Afonso Pala, 19 (T 2114487); **BRANDOA - AMADORA: Brito**, R. do Colégio, lote 32-B (T 993351); **MINA -AMADORA: Amadora**, Pt 25 de Abril, 3-A (T. 935518), **ODIVELAS: Leitão**, R Guilherme Gomes Fernandes, 62 (T 9810051).

Outra Banda

ALMADA: Central, R. de Olivença, 11-B (T 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Atlântico**, Av. Rainha D Lenor, 45-A (T. 2764466). Permanente; **COSTA DE CAPARICA: Chal**, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; **FEIJÓ: Feijó**, R. Borges Rego, 7 (T 2290911). Até às 22 horas, **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471); **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Pimenta**, R. Conselheiro Joaquim António Aguiar, 259 (T. 2073012). Permanente, **BAIXA DA BANHEIRA: Nova Fátima**, E. Nacional, 244-A (T. 2040141). Até às 19 horas; **CORROIOS: Abreu Cardoso**, B. de Moçambique, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **AMORA: Nova Amorense**, E. Nacional, 10, bloco A, loja A (T. 226824). Até às 22 horas; **ARRENTELA: Lusitana**, P. Cândido dos Reis, 10 (T. 2210007). Até às 22 horas; **MONTIJO: São Pedro**, Av. de Camões, 16 (T. 2311133). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos Costa, 10 (T. 234137). Até às 19 horas.

Linha de Sintra

AMADORA: Fiama, R. Elias Garcia, 78-B (T. 932485). Permanente; **Igreja**, P. da Igreja, 22-A (T. 937740). Permanente, **QUELUZ: Zeller**, P. da República, 83 (T. 950045). Até às 22 horas; **CAMARATE: Nova da Charneca**, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 251872). Até às 19 horas; **CACÉM: Araújo e Sá**, E. de Paço de Arcos, lote 1-B (T. 9240781). Permanente; **MEM MARTINS: Cristina**, Av. Vitorino Nemésio, 15-A (T 9214820) Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Araújo** Até às 22 horas; **COLARES: Abreja** (T 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T. 980456). Permanente.

LOURES: Saraiva, Av. da República, 86 (T. 2530027). Permanente.

Linha de Cascais

ALGÉS: Cabrita, P de Miraflores, lote 12 (T 2101486) Permanente; **LINDA-A-VELHA: Pinto**, R Antero de Quental, 9 (T 2190610) Até às 19 horas; **PAÇO DE ARCOS: Pargana**, Av Eng. Bonneville Franco (T 2435147) Permanente; **OEIRAS: Oeiras**, L Henrique de Paiva Couceiro (T 2430485). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote 8 (T 2470777) Permanente; **PAREDE: Alsir**, B. das Caixas de Previdência, loco A (T. 2472948). Permanente; **CASCAIS: A. Costa**, R Freitas Reis, 24-C (T 280214) Permanente

Porto

DE DIA E TODA A NOITE

PEREIRÓ, R. da Preciosa., 35; **ORDEM DA TRINDADE**, R. Heróis e Mártires de Angola: **CARNEIRO BARBOSA**, R. da Firmeza, 99-A; **DA AREOSA**, R. D Afonso Henriques, 1-5, Areosa, **ALMEIRA**, R. Castelo de Numão, 37.

Coimbra

SILVA SOARES, R. Vasco da Gama, 44, Bairro Norton de Matos(T 741454).

DL
PORTE PAGO
Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 - 3202712/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Portaria: 321154
Redacção: 320271/2/3
Depósito Legal n.º 1408/82
Endereço Telegráfico DIÁRIO
Telex 12303 LISBOA PORTUGAL
DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones: 20054/5
Distribuição: INTERPRESS
Rua da Horta, 115-1.º – 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
11.29	3,6 m	4.54	1,7 m
		17.35	1,3 m
Dia 21			
0.11	3,6 m	5.54	1,4 m
12.26	3,9 m	18.27	1,0 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

VIANA DO CASTELO	9°
BRAGANÇA	6°
VILA REAL	10°
PORTO	9°
COIMBRA	10°
CABO CARVOEIRO	15°
PORTALEGRE	10°
LISBOA	13°
ÉVORA	11°
BEJA	10°
FARO	12°
SAGRES	16°
PONTA DELGADA	20°
FUNCHAL	20°

Conversações vão continuar na África do Sul

Eixo Pretória-Maputo passa por Lisboa

As negociações para o estabelecimento da paz em Moçambique vão continuar em Pretória, apesar das declarações dos dirigentes da RENAMO que insistem na aceitação prévia, pelo Governo do Maputo de algumas das suas condições.

Um comunicado divulgado ontem em Pretória, no intervalo da reunião entre delegações de Moçambique e da África do Sul, dá conta da intenção do presidente da Comissão Técnica saída da declaração de Pretória – o sul-africano Bonis Nel – de «em breve» fazer reunir o plenário da Comissão, que inclui representantes da RENAMO.

A Comissão é presidida pelo vice-ministro dos Estrangeiros da África do Sul, Louis Nel faltou e na reunião de ontem a delelgação moçambicana foi presidida pelo ministro Jacinto Veloso. A RENAMO faltou a esta terceira série de conversações, alegando que as autoridades moçambicana continuam a afirmar que não negoceiam com aquela organização e reivindicando a satisfação de uma série de condições – pluripartidarismo, um sistema de economia privada e a reinstalação do sistema de regulado. – para voltar às negociações de Pretória.

No entanto, Samora Machel continua a afirmar, tal como ontem em Lisboa fez o seu ministro dos Estrangeiros, Joaquim Chissano, que não negoceia «com bandidos».

Apesar de tudo, pode-se afirmar que as negociações estarão a atravessar uma fase difícil. Embora se afirme que elas vão continuar, ainda não foi fixada uma nova data para o recomeço dos encontros tripartidos. E, entretanto, sentiu-se a necessidade de outras diligências diplomáticas, excedendo o âmbito as relações Moçambique – África do Sul.

É aqui que assume assinalável importância a visita que o Presidente da República Popular de Moçambique, Samora Machel, iniciou ontem ao Malawi.

A segurança dos dois países será um dos temas das conversações entre Machel e Hastings Banda. Algumas fontes admitem que depois dos acordos de N'Komati, a RENAMO tenha tentado lançar operações contra Moçambique a partir do Malawi, contando nomeadamente, com o apoio de grandes agricultores das regiões fronteiriças. Isto, a confirmar-se, poderia indiciar que a RENAMO conta com outros apoios para além do sul-africano. Fala-se, em meios políticos moçambicanos, de grupos financeiros com interesses na região.

Mas também Lisboa foi palco, durante esta última semana, de actividades relacionadas com a resolução do problema moçambicano. As autoridades portuguesas suspenderam à última hora uma viagem a Lisboa do ministro sul-africano dos Estrangeiros, Pik Botha, mas Jaime Gama recebeu ontem nas Necessidades o seu homólogo moçambicano, Joaquim Chissano e, ainda, o embaixador de Pretória, Willem Pretorius. Também em Lisboa encontra-se um dos líderes da «facção portuguesa» da RENAMO, Evo Fernandes, que antes se tinha deslocado a Genebra.

A falhada visita de Botha a Lisboa destinar-se-ia a um encontro com Gama, e a conversações com o ministro de Estado Almeida Santos e com o industrial Manuel Bulhosa, que recentemente esteve em Moçambique. O ministro sul-africano poderia querer a acção de Portugal no sentido de pressionar a RENAMO a aceitar as negociações de Pretória.

A deslocação de Botha foi inviabilizada pelo Ministério português dos Estrangeiros, que à última hora a considerou «inconveniente». O ministro Almeida Santos desmentiu expressamente que tivesse alguma intenção de se encontrar com o chefe da diplomacia sul-africana, enquanto um porta-voz do MNE se recusou a comentar o assunto.

Segundo informações de Maputo e de Pretória, a posição de alguns portugueses poderia estar a dar alento à RENAMO, falando-se mesmo num encontro que um ministro do actual Governo teria tido com Evo Fernandes. Indicou-se o nome do vice-primeiro-ministro Mota Pinto, mas este, através do seu gabinete desmentiu categoricamente esse encontro ou mesmo que conhecesse «esse senhor».

Por seu turno, Manuel Bulhosa esteve recentemente em Moçambique onde, antes da independência, era proprietário da refinaria petrolífera da Matola. Embora tenha sido muito bem recebido pelas autoridades de Maputo, depois de regressar a Lisboa fez declarações semelhantes ou idênticas à de sectores que apoiam a RENAMO, apelando à reconciliação nacional, ou seja, a um potencial clima negocial entre a FRELIMO e a RENAMO.

Para desatar "Nó cego"

Proposta á RTP série sobre a guerra colonial

O realizador António Pedro Vasconcelos pretende fazer para a televisão uma série de filmes sobre a guerra colonial, inspirada no romance «Nó Cego», de Carlos Ferraz.

O projecto já foi entregue na RTP há mais de um ano mas a televisão ainda não deu qualquer resposta — disse o realizador, ontem, no final da estreia do seu último filme, «O Lugar do Morto».

«Nó Cego», escrito, sob pseudónimo, por um oficial do Exército Português, conta a história de uma das maiores operações militares realizadas em África pelas tropas portuguesas: a operação «Nó Górdio», desencadeada em 1971 em Moçambique.

A série televisiva que António Pedro Vasconcelos pretende fazer a partir do livro é, segundo o próprio realizador, «um fresco sobre a guerra colonial» e «um requiem sobre os soldadôs portugueses».

O projecto apresentado à RTP propõe a realização de 25 episódios de 25 minutos cada um, ou de 12 episódios de 50 minutos — revelou o realizador.

De acordo com António Pedro Vasconcelos, este filme ajudaria a «destramatizar as relações entre Portugal e as suas ex-colónias».

«Ao fim de dez anos é tempo de dar uma imagem do que foi a guerra» — disse.

António Pedro Vasconcelos revelou ainda que «Nó Cego» é «um dos livros de cabeceira» do presidente moçambicano Samora Machel.

Sobre o seu último filme — «O Lugar do Morto», estreado ontem à noite no Porto — o realizador manifestou-se «muito bem impressionado» com o acolhimento do público.

A película, com Pedro Oliveira e Ana Zanatti nos principais papéis será exibida a partir de quinta-feira em Lisboa e Évora, e na semana seguinte em Coimbra e Setúbal.

Pedro Pinto ao Congresso:

JSD deve ser porta-voz da revolta dos jovens

Apenas com 3 votos contra e 36 abstenções, o Congresso da JSD, reunido em Tróia até amanhã, aprovou já hoje o relatório da comissão política da organização, lido por Pedro Pinto. O presidente disse ser a primeira vez na história da JSD que é apresentado ao congresso um relatório de actividade.

Pedro Pinto é, igualmente, o autor de uma moção de estratégia global em que se afirma que a JSD «só sobreviverá como grande organização de juventude se liderar o processo de crítica ao poder constituído, fazendo-se porta-voz da revolta grassante na juventude desiludida e canalizando a agressividade de uma forma participativa na base do tecido social».

Por outro lado, o texto de Pedro Pinto também diz que «os espaços de intervenção preferencial da JSD deverão ser os que derem acesso ao poder, ou que permitirem que este seja determinantemente influenciado».

Das moções sectoriais, destaca-se a do concelho distrital de Braga, que defende a candidatura de Mota Amaral à Presidência da República.

Entretanto, Pedro Pinto disse, extra-Congresso, ter ficado surpreendido pela proposta de amnistia interna no seio do PSD, apresentada por Mota Pinto no último Conselho Nacional, no Porto. O presidente da JSD fora punido com a pena de suspensão do direito de eleger ou ser eleito para órgãos nacionais do partido, por ter votado favoravelmente, na Assembleia da República, a proposta de lei da despenalização do aborto, apresentada pelo PS. Segundo o presidente da JSD, essa «amnistia» só o abrange por arrastamento: ela destinar-se-ia a ilibar, sobretudo, os deputados dos Açores suspensos por terem votado desfavoravelmente o Orçamento de Estado para o corrente ano.

Cientista português ensaia plantas com gérmens humanos

O cientista português Lima de Faria afirmou em Coimbra que está a tentar produzir plantas com germens humanos e considerou [illegible] a experiência tem «grande[illegible]ssibilidades de ser efectuada [illegible] êxito».

António Lima de Faria, professor catedrático de Citogenética Molecular da Universidade de Lund (Suécia) e director do Instituto de Citogenia da mesma Universidade, disse que «estamos sem dúvida numa revolução biológica maior do que se pode pensar».

Acrescentou, ironicamente, que os cépticos só ficarão convencidos quando for criada uma planta completa que «saiba falar português».

Lima Faria proferiu em Coimbra uma conferência sobre a «fusão entre as células humanas e de plantas e suas implicações biológicas».

Servindo-se da projecção de diapositivos, o cientista focou, nomeadamente, experiências levadas a efeito sobre a fecundação de células do tabaco com espermatozóides de touro e de homem.

Lima de Faria, há anos radicado na Suécia, ficou conhecido nos meios científicos ao fundir, pela primeira vez, células de cenoura com células humanas.

Não incendiou a mulher?

Um americano de 39 anos acusado de ter regado a mulher com gasolina, deitando-lhe fogo a seguir, foi apresentado a tribunal acusado de homicídio em segundo grau. O advogado de Joseph Brandt tenta agora convencer o juiz de que não há provas suficientes contra o seu cliente.

Demissões no PSD de Viana do Castelo

A Comissão Política do PSD de Viana do Castelo demitiu-se ontem das suas funções – declarou à NP o presidente, Sebastião Seixas.

Para a demissão daquele órgão político contribuiu, de acordo com o presidente da Comissão Política Concelhia do PSD, a necessidade de preparação das próximas eleições autárquicas.

«O mandato da actual Comissão terminaria em Março de 1985, o que não permitiria que a preparação das eleições autárquicas fosse efectuada sempre pela mesma Comissão» – explicitou Sebastião Seixas.

A nova Comissão Política do PSD de Viana do Castelo deverá ser eleita em Novembro, sendo possível que a actual Comissão se venha a recandidatar – acrescentou o presidente daquele órgão político.

SÁBADO, 20 DE OUTUBRO DE 1984

Diário de Lisboa

Sábado

SUPLEMENTO SEMANAL

VILAR DAS PERDIZES

Os homens e as rezas do fim do mundo!

Medicina Popular em Vilar de Perdizes

Os homens e as rezas do fim do mundo

Vila das Perdizes: uma terra do fim do mundo

UMA pequena aldeia fronteiriça do concelho de Montalegre, escondida por trás do Gerês nos planaltos do Barroso, acolhe em suas casas dezenas de desconhecidos idos de todos o País, reparte com eles as batatas e o pão de centeio e durante quatro dias mostra-lhes os seus males, os seus demónios e as suas rezas. Foi o 2.º Congresso Luso-Galaico de Medicina Popular, em Vilar de Perdizes. Confronto de «duas medicinas» ou descoberta de «outra cultura», onde as forças que partem da magia e do simbólico se revelam «capazes de reorganizar as nossas energias»?

O padre António Fontes, etnólogo organizador do Congresso

Montalegre: Portug

Em Junho do ano passado foi o espanto. Etnólogos, médicos, bruxos e curandeiros reuniram-se para falar de doenças que os outros portugueses «não tinham». Os jornalistas da Imprensa escrita, da rádio e da televisão acorreram em grande número e contaram que doenças estranhas como a zipela, o engaranho, o coxo e a espinhela caída eram coisas que se tratavam com rezas, sapos, plantinhas e salamandras.

Toda a gente sabe que é assim, só que ninguém ainda se tinha lembrado de chamar sociólogos, jornalistas e outros curiosos a uma aldeia fronteiriça do extremo norte para verem com os seus próprios olhos o que resta de uma velha cultura feita hoje sobretudo de distâncias e silêncios.

Mais uma vez, as pessoas descobriram a periferia e as suas formas próprias de organização da terra e das gentes. E descobriram também a periferia e as suas consequências neste país de tão escasso território. Depois foi outra vez o silêncio, ele também a «outra periferia» do conhecimento que temos de nós próprios.

«E no Inverno que eu procuro as coisas e estudo, o Inverno aqui é muito comprido», dizia-me o padre António Fontes, em Vilar de Perdizes.

Etnólogo, autor de diversos estudos sobre a região de Barroso e organizador dos congressos de medicina popular, o padre António Fontes foi a única pessoa que continuou a trabalhar quando os jornalistas, os médicos e os sociólogos deixaram a sua aldeia, no Verão de 83.

Um ano depois, o padre Fontes e a sua meia dúzia de colaboradores repetem o encontro. O segundo Congresso Luso-Galaico de Medicina Popular já não mobilizou senão quatro ou cinco jornalistas, mas viu chegar à aldeia distante do concelho de Montalegre professores universitários de Braga, Porto, Lisboa, Évora e Algarve. O número de médicos presentes também aumentou nesta segunda edição do congresso, mas foram sobretudo pessoas das áreas da sociologia, antropologia, linguística, sociolinguística, etnologia e botânica que em Setembro de 84 mostraram interesse em ir a Vilar de Perdizes.

Para o padre António Fontes, que faz tudo praticamente sem apoio e até com a hostilidade da própria Câmara de Montalegre, como ele mesmo nos dizia, o esforço de levar tanta gente à sua aldeia e romper o cerco do isolamento tem uma explicação muito simples: «As pessoas aqui gostam que venham ver o que cá há e é esta a melhor razão para se fazer o congresso de medicina popular».

A simplicidade desta explicação não escondia, no entanto, a verdade destas palavras do mesmo padre Fontes durante o congresso: «Sem telefones ainda há pouco, fomos habituados a não contar com o médico na hora da doença. A medicina livre, quando a doença surge, deixa a casa na ruína. Se não há dinheiro, paga-se com o lameiro, com a terra ou com a casa. Isto meteu medo a gerações».

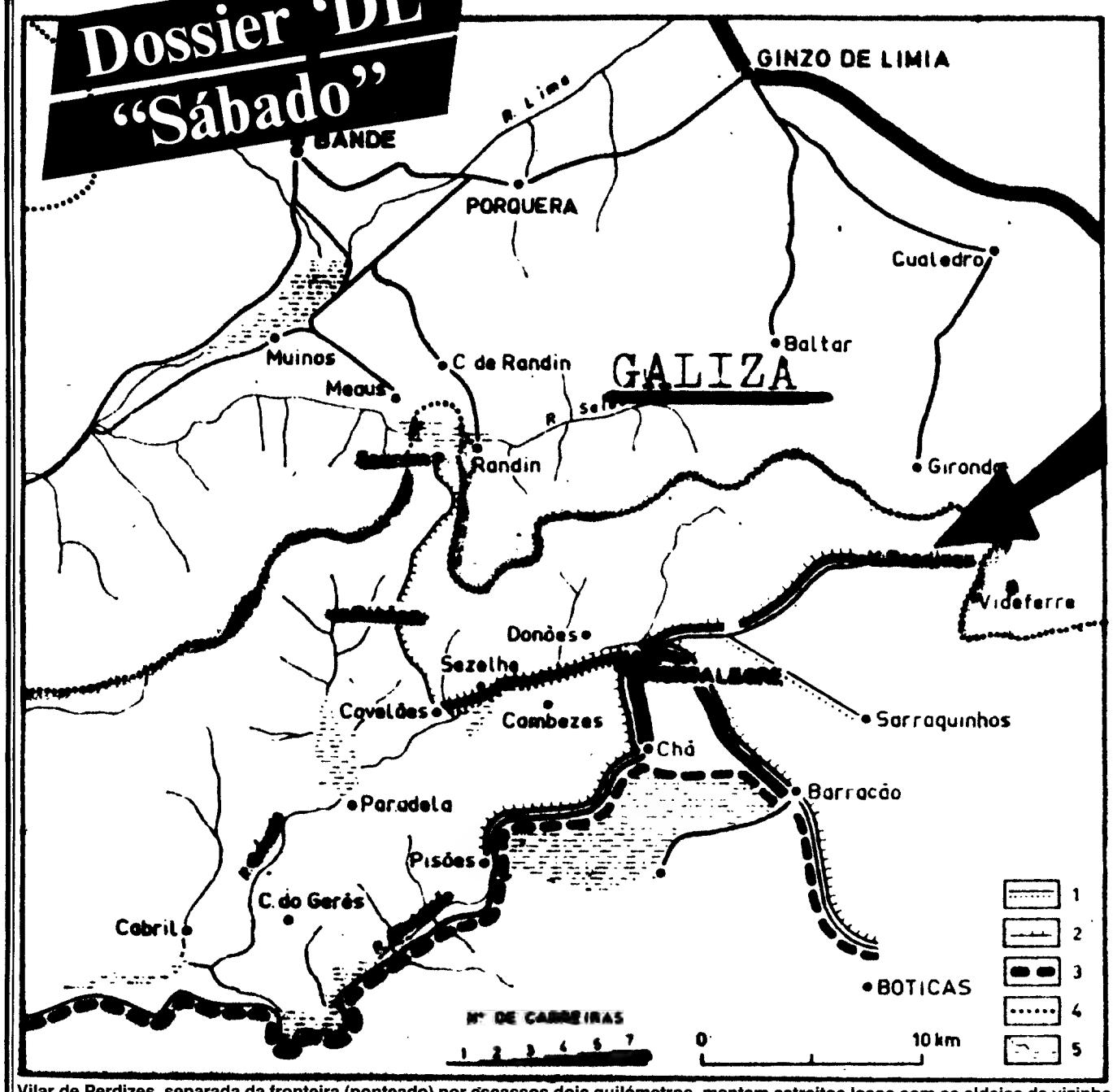
Terra de «feras e selvagens»

Em 1619, na sua obra «Vida do Arcebispo», frei Luís de Sousa falava da região do Barroso nestes termos duros: «Terras que chamam de Barroso têm um sítio tão intratável de serras e penedias, quase sempre cobertas de neve, de picos que se vão às nuvens, de brenhas tenebrosas, de vales profundíssimos e passos perigosos que mais parecem moradas de feras e selvagens que de homens capazes de razão e juízo».

Em 1978, num estudo de Paula Bordalo Lema (que, diga-se, se lê com grande proveito e imenso prazer), intitulado «Tourém — uma Aldeia Raiana do Barroso», afirma-se que «o Barroso está na periferia extrema do território nacional». Devido à sua localização e ao isolamento criado por montanhas e vales profundos, muitos deles hoje ocupados pela cadeia de barragens dos rios Cávado e Rabagão, a região do Barroso tem as piores condições de acessibilidade de todo o território nacional, diz-se ainda naquele estudo de Paula Lema, editado pelo Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa.

Com uma agricultura tradicional praticamente destinada ao autoconsumo e com um longo passado de justificada desconfiança em relação ao poder central, a região do Barroso tem visto diluir e, em alguns casos, desaparecer, os

Dossier 'DL' "Sábado"



Vilar de Perdizes, separada da fronteira (ponteado) por escassos dois quilómetros, mantem estreitos laços com as aldeias da vizinha Galiza

al visto da periferia

hábitos e os sinais da sua antiga vida comunitária. O livro de Paula Lema, as palavras do padre António Fontes e as visitas efectuadas durante o 2.º Congresso de Medicina Popular, permitem referenciar uma lenta degradação do mundo dos barrosões, quer ao nível das relações comunitárias quer ao nível da deterioração das suas próprias habitações. As casas dos emigrantes não conseguem disfarçar as precárias condições de vida e o baixo nível dos rendimentos.

Embora no pastoreio e no tratamento do boi do povo os hábitos comunitários ainda persistam, embora em declínio, já o mesmo não sucede, por exemplo, com os conselhos de vizinhos e com o forno do povo, que tiveram um enorme significado na preservação das relações comunitárias. Os primeiros têm vindo a desaparecer e os que ainda reúnem só o fazem muito espaçadamente. Por outro lado, em muitas aldeias, o forno do povo já não trabalha ou funciona em moldes que nada significam em termos de entreajuda, como vimos nas aldeias de Meixedo e Soutelinho da Raia.

A degradação das relações comunitárias, acelerada por pressões exteriores, quer administrativas quer económicas, não trouxe benefícios para as populações de Barroso. O poder central, centralizador e opressor, representado por presidentes de junta escolhidos por câmaras municipais nomeadas por Lisboa, deixou marcas e traumatismos em muitas aldeias, nomeadamente por causa da venda de baldios a particulares e por causa das expropriações para aproveitamentos hidroeléctricos.

No caso de Tourém, que em 1969 assumiu foros de escândalo na Imprensa («Diário de Lisboa», «República» e «Vida Mundial») apesar da censura, ficou clara a traição da junta de freguesia, que não acautelou, como lhe competia, os interesses das populações.

Se alguma coisa é nítida nestes casos é que o fim dos conselhos de vizinhos ou conselhos do povo significou, na prática, a impossibilidade de os povos discutirem entre si os seus problemas e de os resolverem. Analisando as transformações operadas na região, António Rolo Lucas (em «Cultura e Desenvolvimento nas Montanhas do Alto Tâmega») escreve que elas tiveram «como consequência a substituição do jogo de reciprocidades e relações de entreajuda por um sistema de relações monetárias que dissolve as relações económicas tradicionais e desintegra a vida de relação».

Uma regiao agredida

À estagnação, ao isolamento e à administração desajustada das realidades locais há que juntar ainda as consequências negativas das construções das barragens. As infra-estruturas que então se fizeram (telefones, estradas, circuitos económicos) serviram quase exclusivamente as obras de construção e não um desenvolvimento integrado que deixasse benefícios para o futuro. Nem sequer a luz eléctrica lá ficou a partir dessa altura.

Os dinheiros inesperados das expropriações e a destruição das aldeias centrifugaram as pessoas, as relações e a própria cultura. O Barroso é uma área profundamente agredida na diminuição dos seus efectivos pecuários, na emigração, na centralização administrativa, na diminuição das áreas agrícolas e na perda de valores ancestrais profundamente ricos ao nível das relações humanas, económicas e sociais.

Tourém, Pitões das Júnias e Vilar de Perdizes, para citar três das mais célebres aldeias de Barroso, o que são hoje? Os últimos dez anos melhoraram substancialmente as coisas? Parece que não.

J. G. B.

O forno comunitário de Meixedo, junto a Vilar das Perdizes, já não trabalha todas as semanas

PERFIL DOS CURANDEIROS

Da cura do cancro ao "dr. bruxo" de Águas Santas

Sr.ª Luísa da Assunção (curandeira)

Ano e meio de cadeia e a recusa das filhas em aprender e perpetuar os seus segredos são duas amarguras na vida da sr.ª Luisa da Assunção, de Aveleda, no concelho de Chaves. Apresentada no congresso de Vilar de Perdizes pelo pároco de Mairos, padre Delmiro, conserva, aos 74 anos, uma vivacidade e uma capacidade de comunicação espantosas.

«Meteram-me no ferrolho, às escuras 15 dias, com ladrões e gente que matou. Eu não matei ninguém» — recordou.

A prisão foi há uns 15 anos e desde então a sr.ª Luísa dá os seus conselhos, mas deixou de preparar e aplicar o seu pó milagroso. «Cheguei a curar duas ou três pessoas despedidas pelos senhores doutores. Eram cancros, quistos, coisas assim. Ficaram curadas».

«Já o meu pai lhe chamava assim» — respondeu a sr.ª Luísa quando lhe perguntaram a razão do nome (cancro) dado às feridas que tratou. «O pó suga suga, doi muito, mas a ferida começa logo a secar e cai».

Os congressitas não conseguiram mais explicações sobre o pó desta curandeira das terras do Barroso. Se tinha alguma coisa a ver com o «xarope de enxofre» do rei D. João IV, com a rezina da esteva, o cravinho trazido pelos árabes ou com qualquer poção de reminiscências celtas do seu nordeste, não o conseguiram saber. A sr.ª Luísa limitou-se a desvendar que «é um pó branco, mas não digo nem o faço aqui».

Narrou diversos casos e mostrou cartas das pessoas tratadas por si, que o padre Delmiro leu para os congressitas. Um deles foi o de uma senhora de Santarém. «Estava toda comidinha no queixo e na cara, até cheirava mal» — recordou. «Batei-lhe um bocadinho do remédio todos os dias. Em quinze dias a cara começou a puxar para fora, a puxar para fora e sarou. Ela tinha corrido os médicos todos».

Uma das cartas lidas era dessa doente. «O médico ficou admirado com o tratmento da minha boa amiga», dizia a senhora de Santarém. As outras cartas eram de Linda-a-Velha e de Vila Nova de Paiva. Anos depois as pessoas escreviam de novo. «As feridas desenganadas pelos médicos continuam saradas» - orgulhava-se a sr.ª Luísa.

«Rezas?! Rezas não! Não faço nada disso, foi só com o remédio», esclareceu ainda

Salamandras, lagartos vivos, rãs e «alacrarios» (lacraus) — «tudo em azeite, mas do bom, não desse que agora se compra», disse — entravam também

Continua na pág 4

PERFIL DOS CURANDEIROS

Uma das sessões de trabalho do 2.º Congresso de Vilar das Perdizes

Continuação da pág. 3 .

nos remédios e nos segredos da sr.ª Luísa. Para reumatismos e «equizemas».

A prisão da sr.ª Luísa deveu-se a uma queixa: uma doente tinha ficado com o nariz defeituoso. «Uns tempos depois foi mesmo o advogado dessa doente, o dr. Cabaninhas, que me veio pedir remédio para uma coisa má que tinha na cara. Pediu-me que lhe perdoasse» — acrescentou a curandeira de Aveleda.

Durante o congresso de Vilar de Perdizes, uma médica de Lisboa afirmou que «no Instituto de Oncologia está a ser testada uma pomada que doi muito durante várias horas» e cujos resultados «se parecem com os que a sr.ª Luísa referiu».

A curandeira Luísa da Assunção durante uma intervenção no Congresso de Medicina Popular

Ti Couteiro (endireita, Vilar de Perdizes)

«Para o coxo, a zipela, isso assim dá, para o resto não. Às vezes abona-se mais do que aquilo que é». Isto dizia-me o sr. José António Couteiro enquanto apanhava ervas para os coelhos no seu batatal, quase em frente da loja onde se entregam as cartas e se compram os selos em Vilar de Perdizes.

Eu tinha-lhe perguntado se acreditava nas curas do irmão, o conhecido Ti Augusto Couteiro, endireita procurado «até por gente que vem de longe». Com 76 anos (menos dois que o Ti Couteiro) e uma grande vontade de falar, cotovelo apoiado na outra mão que segurava o sacho, foi-me dizendo das batatas que se comem «três vezes ao dia» e são um velho drama das aldeias de Montalegre, do bacalhau e da carne comprados em Espanha («lá os bichos são mais baratos»), das boas relações com guardas, carabineiros e galegos («afinal somos todos **arraianos**») e da falta que fazem os jovens («o sr. vá por aí fora, só vê gente da minha idade»).

«Agora passa cá o médico duas vezes por semana, mas se dá à gente uma coisa do pé para a mão, que não espera por médico, que é que fazemos? Um médico de Chaves ou de Montalegre leva dois ou três contos para cá vir, fora os remédios» — disse-nos ainda o irmão do Ti Couteiro.

A passagem de ti Augusto Couteiro pelo congresso, este ano, confirmou o à-vontade e a confiança nas suas artes já evidenciadas há um ano, na primeira edição deste encontro promovido pelo padre António Fontes. Peçonhas, partos, ossos fora do sítio, zipelas, espinhelas caídas e engaranhos — Ti Couteiro já acudiu a tudo isso.

«À medida que a mulher ia tirando as ligaduras o sangue corria pela perna baixo», disse Ti Couteiro aos congressistas sobre um caso em que «havia peçonha de três bichos». «Coisa fácil de apanhar, vai o pintainho pisa a cobra, o sapo e a salamandra e depois caminha na roupa que está a corar», esclareceu de seguida.

Ti Couteiro não revelou ao auditório como tratou este caso, mas explicou que se a criança que vai nasceu «está voltada» põe-se a parturiente de pernas para o ar. «Andam aí os que eu ajudei a nascer e andam rijos», garantiu-me depois. No caso de hemorragia atam-se ligaduras nos braços, nas pernas e no tronco da parturiente — indicou o Ti Couteiro.

O curandeiro Ti Couteiro «endireitando» o pá de uma congressita em Vilar das Perdizes

Alfredo Roda (Meixide)

«Deus me ajude/Deus me queira ajudar/que esta ciática possa cortar/ciática de língua-/ciática de ar/ mete-te nas ondas do mar / deixa este corpo que não posso sustentar. / Com o poder do Pai / a sabedoria do Filho /este mal venha a bem /como as cinco chagas do Senhor / em louvor de Deus e da Virgem Maria / Pai Nosso, Avé Maria».

Esta reza, para «cortar as dores da ciática», é feita nove dias a fio, nove vezes por dia e com nove sinais da cruz de cada vez.

«Aprendi com a minha mãe. Foi sempre assim e é o que nos vale» — dizia-me o sr. Alfredo Roda, de 56 anos, que trabalha no campo e vive em Meixide, aldeia próxima de Vilar de Perdizes.

José Joaquim, «dr. bruxo» de Águas Santas

Na colónia portuguesa da costa Leste dos Estados Unidos há núcleos onde se mantêm vivos os hábitos e as crenças tradicionais, nomeadamente entre transmontanos, alguns deles já descendentes de emigrantes saídos dos planaltos áridos do Barroso. «O apego às tradições distingue e torna conhecidos esses núcleos de portugueses e luso-americanos» — dizia-me um transmontanto em Vilar de Perdizes.

José Joaquim, de Águas Santas (Vila Real), um dos mais conhecidos «bruxos» de Trás-os-Montes, tem visitado esses núcleos. Segundo nos disseram, o nome de «dr. bruxo», por que é conhecido, prende-se exactamente à sua actividade junto desses emigrantes. O Brasil, designadamente S. Paulo (onde teria comprado casas), é outra das zonas conhecidas de José Joaquim. Algumas das suas «artes» estariam mesmo ligadas à sua experiência brasileira.

Tinha-se criado alguma curiosidade à volta da presença de José Joaquim no 2.º Congresso de Medicina Popular. Para isso contribuiu também a referência da dr.ª Berta Nunes à capacidade deste curandeiro, ainda relativamente novo, para «mobilizar energias mais ou menos subtis, utilizando técnicas que actuam principalmente ao nível da componente subjectiva dos doentes».

Segundo esta médica do Hospital de S. João, que o conhece, José Joaquim trata sobretudo doenças psíquicas, nomeadamente «maus olhados» e problemas com os mortos, «que para as pessoas continuam vivos e a interferir na sua vida».

Nem só os bens de família e a posse da terra levantam problemas. Por vezes, o céu e o minifúndio também entram em conflito e surgem recados e sustos pelas encruzilhadas, à meia-noite... Que quere o morto? Talvez **espere** pela restituição de um caminho ou duma água, talvez alguém deva retirar um marco para os limites verdadeiros da sua propriedade...

José Joaquim não apareceu no Congresso de Vilar de Perdizes, apesar de anunciado. Foi pena, porque certamente poderia relatar experiências interessantes.

No entanto, diversas pessoas falaram nele. Um dos congressistas afirmou que em tempos o «dr. bruxo de Águas Santas» trabalhava a meias com um médico que era seu compadre. «Comiam os dois...» — acrescentou.

«Ali há truques», disse por seu turno o paróco de Mairos. «Às vezes quando o doente lá chega ele já conhece o mal dele e as suas causas, já arranjou maneira de se informar...»

DOSSIER

BERTA NUNES (médica):

"Devemos compreender a existência dos curandeiros"

Berta Nunes, médica do Hospital de S. João do Porto, tem sido um elemento dos mais dinâmicos na preparação destes congressos de Medicina Popular. Efectuou um levantamento das plantas medicinais do Barroso e disso deu conta, quer com uma comunicação quer uma exposição, devidamente catalogada, que esteve patente na Casa do Povo de Vilar de Perdizes. Berta Nunes é também uma das pessoas que melhor conhece os curandeiros e endireitas de Trás-os-Montes, alguns dos quais referiu com pormenor durante as sessões deste 2.º Congresso.

«DL» — Estes congressos estão a perder interesse ou vão continuar?

Berta Nunes — Vão continuar, mas não pode ser assim, tem que ser em novos moldes.

«DL» — Como?

BN — São precisos estudos mais aprofundados e sistemáticos sobre a medicina popular, de natureza multidisciplinar. As questões de sociologia e antropologia têm que ser tratadas por especialistas, temos que trabalhar em conjunto e isso não tem sido feito. Têm sido quase só médicos a interessar-se por isto.

«DL» — Quais os objectivos?

BN — Precisamos de conhecer como é a medicina popular em Portugal, como funciona e porquê. A partir daí poderão ser feitas propostas concretas para o seu aproveitamento ao nível dos cuidados médicos básicos, como aliás é proposto pela Organização Mundial de Saúde (recomendação de Genebra, 1967). Mas ainda não temos esse estudo, embora a medicina popular continue a ser utilizada por muita gente nas zonas mais isoladas.

«DL» — Disse-se aqui que a relação do curandeiro com os doentes é muito rica. Esse conhecimento pode corrigir a relação médico-doente, que muita gente considera fria a desumana?

BN — Seria um dos aspectos mais positivos a recolher dessas experiências, a valorização dos elementos qualitativos e espirituais da relação com os doentes. Na universidade dizem-nos isso, mas depois na prática essas coisas funcionam mal. Muitos dos nossos falhanços têm a ver com essa dificuldade.

«DL» — O que é que aprendeste nesses contactos com os curandeiros?

BN — Na medicina popular há curandeiros que são cuidadosas e há também os charlatães e os oportunistas. O José Joaquim de Águas Santas (Vila Real) é um caso muito curioso. Ele domina efectivamente certas situações e resolve-as porque quase sempre consegue uma grande sintonia com o doente. São-lhe feitas acusações, mas é importante compreender a existência dos curandeiros, a sua cultura e as suas práticas. O médico tem que trabalhar com essa realidade, com essa cultura e creio que é isto que nos traz a Vilar de Perdizes. Não se trata de os médicos ensinarem os curandeiros, trata-se de conhecer este fenómeno.

«DL» — Esse conhecimento faz falta aos médicos?

BN — É preciso um grande cuidado na aproximação com esta realidade. Devemos estudá-la, é com ela que o médico muitas vezes se confronta. Na medicina científica há coisas que também não sabemos explicar, embora funcionem. Na medicina popular sucede o mesmo, há coisas que funcionam.

«DL» — Ouvi dizer que José Joaquim, o «dr. bruxo» de Águas Santas, como lhe chamam, enriqueceu com a sua actividade de curandeiro. É verdade?

BN — Dizem que sim. Parece que tem casas no Brasil e vai aos Estados Unidos tratar portugueses emigrados. Aí está: há situações em que aquilo funciona e é isso que precisamos de entender.

Vilar das Perdizes: numa aldeia do Barroso, o sol do fim de tarde

O último plenário do Congresso presidido pelo poeta António Cabral do Centro Cultural de Trás-os-Montes, de Vila Real. No uso da palavra o antropólogo Manuel Mandiares Castro, da Universidade de Madrid

JACINTO RODRIGUES (sociólogo):

"É preciso desmedicalizar a sociedade"

O sociólogo Jacinto Rodrigues, actualmente a concluir um estudo sobre a região transmontana de Alfândega da Fé, como bolseiro do INIC, foi um dos intervenientes mais interessados nas questões levantadas por este 2.º Congresso de Medicina Popular. A necessidade de «desmedicalizar a sociedade», como refere na entrevista de que damos conta a seguir, é, no seu entender, um alerta urgente que este congresso de Vilar de Perdizes pôs também em evidência.

«Diário de Lisboa» — Que síntese farias destes debates?

Jacinto Rodrigues — Um aspecto central parece-me ser o do afrontamento de culturas, uma erudita, dominante, e outra popular e subalternizada. Esta região do Barroso é muito rica de tradições, desde a arquitectura à terapêutica popular e este congresso pode ser visto como a afirmação de uma cultura própria e uma tentativa de **descolonizar** uma áerea cujos valores têm sido desprezados.

«DL» — Como explicas a persistência dos curandeiros?

JR — Isto aqui é um reduto votado ao ostracismo e o Padre Fontes tem sabido chamar a atenção para muitas coisas. Os curandeiros estão muito alicerçados nas estruturas mentais locais e é conhecida a importância disso no tratamento dos problemas psíquicos. O curandeiro e o seu paciente têm um diálogo riquíssimo sobre a sua realidade, o doente não é reduzido a um número. Digamos que a cultura local **recebe** os problemas do doente e o curandeiro opera assim com uma lógica que por vezes é eficaz.

«DL» — Mais do que os resultados interessam aqui os valores duma cultura, é isso?

JR — Sim, esta gente tem valores que têm sido subalternizados. O património não são só as casas e as pedras, esta região é rica em plantas medicinais. A medicina oficial começa a valorizar esses tratamentos. Por outro lado, há as forças de auto-regeneração do paciente, é preciso ajudar o paciente a rearmar as suas próprias energias. Hoje há autoridades que destacam isso, o homem na sua realidade total. A medicina está num processo de evolução e este diálogo de Vilar de Perdizes é uma achega para essa procura. É preciso desmedicalizar a sociedade. As doenças estão ligadas também a novas realidades culturais e quando a medicina aceita todos os vectores e aceita a desmedicalização abrem-se novos caminhos. É sabido como grande parte dos fármacos, além de muito caros, não passam de placebos. O custo social, até pela importação de produtos, é muito elevado.

«DL» — Há soluções alternativas?

JR — Muitas vezes há e é aí que as plantas, fonte de muitos remédios, ganham importância. É preciso ter cuidado com as modas, mas a verdade é que o homem citadino sente hoje o drama do seu modo de vida e da sua dependência dos fármacos, que lhe criam outras doenças. As chamadas «medicinas doces» procuram descobrir valores ignorados e estes congressos de Vilar de Pardizes são um convite a uma reflexão sobre tudo isso.

Magia e superstição, SARL...

«Os médicos que empaleiam os doentes são tão prejudiciais como certos curandeiros», dizia uma médica do Porto em Vilar de Perdizes. Uma das questões afloradas durante o congresso, sobretudo por médicos e sociólogos, foi a de que, na prática, são por vezes imprecisas e **escorregadias** as fronteiras entre a medicina oficial, a medicina popular e a religião, sobretudo quando se trata de saber quem é que leva a melhor em passes de magia...

Alguns dos momentos do Congresso de Vilar de Perdizes documentam precisamente essa realidade. Segue-se uma recolha de afirmações.

● **A MÁQUINA** — «O senhor doutor meteu-me na máquina e viu-me todo, se eu tivesse alguma coisa ruim ele via logo». — São coisas como estas que nós ouvimos aos doentes. De facto, os aparelhos de radioscopia fizeram a fortuna de muitos médicos nestas terras do interior». (Jorge Ginja, médico em Vila Real).

● **O REGEDOR** — «Quando eu era pequeno quem é que ia ao médico aqui?! Só os amigos do regedor e da junta é que arranjavam um papel para não pagar nada. Os outros iam ao curandeiro». (Um habitante de V. de Perdizes).

● **PLACEBOS E REZAS** — «Quase oitenta por cento dos medicamentos de medicina geral são placebos, isto é, a sua acção é, praticamente, nula. E custam muito dinheiro...» (Uma médica do Porto). «A reza pode não curar, mas mal não faz». (Ti Couteiro, curandeiro).

● **OS CHÁS** — «Eu não receito chás porque não sei, não me ensinaram. É uma coisa que nós, médicos, não somos capazes de fazer, e tenho pena». (Graça Castelo Branco, médica do Porto).

● **OS FARELOS** — «Quando eu digo que ponham umas colheres de farelos no leite, as pessoas olham-me com espanto — oh, sr. dr., farelos?!!... No entanto, os farelos são um bom desobstipante e dos mais baratos. Mas depois vendem-se os comprimidos de farelos a 500 escudos o quilo, na farmácia, e é assim que a medicina trabalha». (Jorge Ginja, médico).

● **AS NOTAS** — «Se o curandeiro leva 35 contos e o médico leva outros 35 contos, se calhar são ambos exploradores. O que interessa é conhecer o poder que se esconde por trás disso e saber como é que uma comunidade pode resolver esse seu problema». (J. Ginja, médico).

● **AS PLANTAS** — «A medicina popular também é objecto de apropriação: as plantas são retiradas dum contexto e vendidas caras, em caixinhas, nas 'boutiques'». (Jacinto Rodrigues, sociólogo).

● **A RELIGIOSIDADE** — «'Ai, reze-me uma missa depressa' — pedem os crentes. Muitas vezes, por trás dessa pressa toda está o bruxo...» (Padre Delmiro Fontoura, pároco de Mairos, concelho de Chaves). «Nós também exploramos a religiosidade popular, às vezes...» (Padre António Fontes, etnólogo e promotor do congresso).

● **OS BRUXOS** — «O médico também é bruxo, a gente não entende o que ele faz...» (Um habitante de Meixide, Montalegre).

● **A MEDICINA** — «O dr. Gentil Martins continua em Lisboa quando faz críticas à medicina popular. O discurso intolerante da Ordem dos Médicos contra as medicinas alternativas é, igualmente, intolerante para connosco, os médicos. Quando nas faculdades de medicina se falar destas realidades talvez o diálogo resolva muitas coisas e nos conheçamos melhor a nós próprios». (J. Ginja, médico).

Paul McCartney: «Band on the Run», com os Wings, é um dos grandes sucessos do ano

20

O ano de 197
fulgurante regresso
balta. A surpresa
forma de uma m

Do regresso de D
sobre gelo d

O rock sinfónico continua a marcar pontos com Rick Wakeman e «The Myths and Legends of King Arthur and the Knights of the Round Table»

Dylan mudou. Assume-se como músico ambulante, com chapéu de aba larga e apresenta uma banda totalmente plural, desde o folk & country Roger McGuinn ao ex-guitarrista de David Bowie e príncipe do «gay-power», Mick Ronsons.

Com eles, estão ainda velhos amigos como Arlo Guthrie, o filho do mítico Woody Guthrie, e por quem Dylan exprime uma imensa admiração, a violinista Scarlet Rivera ou Ramblin'Jack Elliot. É uma banda electro-acústica e serve a Dylan para apresentar o seu novo álbum «Hurricane» com que o cantor volta aos temas de denúncia social, neste caso a favor do «boxeur» de cor, Robin «Hurricane» Carter, acusado de assassínio.

A Rolling Thunder dá a volta a todo o país, imediatamente depois de entrar finalmente em circulação um duplo álbum intitulado «The Basement Tapes», em que Dylan e The Band dão o melhor de si no que aqueles tempos permitiam.

Outro cantor rock que conhece o triunfo neste ano é Billy Swan com «I Can Help», um distinto seguidor de Hank Williams e do som Nashville. Embora — tal como sucedeu em 1974 — o que predomina este ano é o rock inglês e os seus espectadores «shows» cénicos. Por esta altura, já se tinha estreado em toda a parte o filme dos The Who, «Tommy», e o seu protagonista, Roger Daltrey, era solicitado por dezenas de directores cinematográficos para participar em filmes. Mas Roger já tinha na cabeça todo o papel de Liszt, oferecido pelo seu grande amigo Ken Russell.

Música no gelo

O outro protagonista deste filme, Rick Wakeman, monta no Wembley Empire Pool de Londres um espectáculo sobre gelo para apresentação da sua nova obra «The Myths and Legends of King Arthur and the Knights of the Round Table».

O ex-teclista dos Yes e a sua banda vestem enormes e compridos trajos medievais, sendo acompanhados por uma orquestra sinfónica e um coro de câmera. Mais de 150 pessoas num palco para representar uma obra de rock sinfónico, com argumento e na linha da tradição da sua anterior «Viagem ao Centro da Terra».

Ainda neste ano de 1975, os Wings de Paul McCartney firmam lugar com o seu grande êxito «Band on the Run», um dos melhores discos de um ex-Beatle a solo.

Outro grupo que regressa são os Bee Gees, transportando consigo a moda da música «disco» branca, embora de momento seja John Denver a arrebatar os lugares cimeiros. Este jovem de cabelo ruivo e óculos redondos consegue um lugar no coração das donas de casa e dos menos entusiastas do rock com o seu country-pop comercial.

No caminho da fama como solista, encontra-se ainda Rod Stewart.

Roderick David Stewart nasceu num bairro do Norte

Elton John é um dos participante
Who: um bom momento cinemat

de Londres, embora os seus pais sejam escoceses e tenham um quiosque de venda de jornais. Em 1961, o clube de futebol Brentford contrata-o como jogador, mas Rod prefere seguir a carreira dos seus velhos amigos Rau e Dave Davies, dos Kings, ocultando o seu medo em subir ao palco.

Rod Stewart a solo

A sua decisão mais acertada é tomada no dia em que integra o Jeff Beck Group, cuja fama o encorajará a formar os The Faces com o seu companheiro Ron Wood. No entanto, o maior êxito de

anos de rock:

1975

1975 é assinalado pelo sso de Bob Dylan á ri- esa radical assume a monumental digressão com o nome de «Rolling Thunder», em que Joan Baez também participa, depois de muitos anos de separação artística.

ylan aos "shows" de Wakeman

ntes em «Tommy», a ópera-rock dos matográfico

us te- da be n- as ra e s, m r- e p, a o d. e

Rod chegará em 1971 com o álbum a solo «Every Picture Tells a Story» e o tema «Maggie May».

Em 1972, The Faces realizam uma longa digressão pelos Estados Unidos conjuntamente com os Fleectwood Mac e uma montagem de circo, trapezistas e malabaristas. Rod participa ainda na versão sinfónica da ópera-rock dos The Who, «Tommy», cantando «Pinball Wizar».

A reputação como cantor solista de Stewart vai crescendo a pouco e pouco, graças aos seus discos «Sing it Again, Rod» e «Smiler». Declara estar cansado de Inglaterra e afirma querer ir viver para Espanha, justamente na altura em que grava o seu grande êxito «Sailing» no álbum «Atlantic Crossing», com que abandona os Faces e continua a solo a sua própria carreira de superestrela.

A primeira coisa que fez é adquirir uma grande granja em Los Angeles, nos Estados Unidos, e envolver-se sentimentalmente com Britt Ekland, a ex-mulher de Peter Sellers, que vê em Rod Stewart, aos 30 anos, um incalculável futuro com cantor a solo.

E, com efeito, ele está em vias de se converter na grande estrela escocesa da década de 70.

O rock andaluz

O ano de 1975 verá nascer, por outro lado, um rock andaluz como movimento compacto.

Anteriormente, já se tinham sucedido experiências solitárias, como Gualberto, ou dos Smash, mas elas nunca tinham cristalizado em grupos como os que agora surgem: Triana, Goma, Storm, etc. A fase intermédia entre 1971 e 1975 tinha sido preenchida por grupos de terceira categoria, como os Tartessos e Chicle, com músicos que iam e vinham de uns grupos para outros. Assim aconteceu com os Storm, uma banda de hard rock de Sevilha, discípulos directos dos Deep Purple, que gravam o seu primeiro LP para uma etiqueta catalã e triunfam no Festival de Burgos com canções poderosas interpretadas em inglês.

Mas o serviço militar vai acabar com o grupo.

É evidente que o que surge em Sevilha é um rock com raízes locais, deixando de lado a cópia dos temas anglo-saxónicos. Por detrás deste fenómeno, está Gonzalo Garcia Pelayo, antigo «manager» dos Smash, que grava para a Movieplay quatro álbuns considerados as pedras filosofais do denominado rock andaluz: «A la Vida, al Dolor», de Gualberto, «14 de Abril» dos Goma, «Nuevo Dia», de Lole y Manuel e «El Patio», dos Triana.

Na etiqueta Gong — em honra do antigo grupo sevilhano do mesmo nome — estes grupos são os autênticos criadores de um estilo que mistura o rock com o flamengo, o acústico com o eléctrico, as raízes com a experimentação, o mais novo com o mais profundamente antigo. Gualberto associa a voz de um cantor como Enrique Morente com a de um solita vocal americano de blues, e os Triana inventam um trio em que só existem guitarras espanholas bateria e teclados.

Do que não restam dúvidas, é que todo este movimento está trespassado de uma evidente naturalidade, arte e originalidade, e que renova a ilusão de um povo que sempre esteve atravessado pela dor e pela angústia, utilizando a música e o canto como uma saída para as suas frustrações e lamentos.

O caminho da fama para o solista Rod Stewart confirma-se neste ano de 1975

O pulsar do mundo

- Morte de Francisco Franco. A Monarquia regressa a Espanha com Juan Carlos de Burbon, proclamado Rei de Espanha.
- O direito legal à greve é reconhecido no país vizinho, no quadro da liberalização política que o país conhece.
- Marcha Verde no Sara.
- Prémio Nobel para Sakarov.
- Fim da Guerra do Vietname.
- Morte de Onassis, o multimilionário grego.
- Chang Kai-Check, o líder da China tradicionalista, morre.
- Cinema: «Lisztomania» e «The Rocky Horror Picture Show».

PRINCE

O rival de Michael Jackson

Por maiores que sejam as «mega-estrelas», por mais poderosas que sejam as máquinas publicitárias, por mais que se esforcem para conservar o lugar no topo, a verdade é que, mais tarde ou mais cedo, todas acabam por cair.

Michael Jackson tem agora a seu lado, na constelação dos «pop-stars», uma outra estrela de primeira grandeza — PRINCE!

Malgrado tudo aquilo que se tem escrito acerca das suas actuações ao vivo, sempre controversas mas sem dúvida espectaculares, Prince está a subir não apenas nos «hits» como também nas listas dos melhores filmes musicais de 1984 com o seu trabalho em «Purple Rain».

Segundo os críticos, apesar de toda a espectacularidade dos seus gestos e das suas interpretações demasiado eróticas, esta nova estrela é realmente um valor importante: a sua música é diferente e Prince está a virar mais uma página da história da canção popular norte-americana.

Aos 25 anos, a mesma idade de Michael Jackson, Prince resolveu fazer um filme musical: «Purple Rain», a história de como um garoto ambicioso passa por cima de tudo e todos para chegar ao topo da carreira como cantor, as suas lutas e as suas derrotas, as suas vitórias e a espantosa descoberta do mundo do amor, do império dos sentidos e do universo do sucesso, com tudo o que cada um desses lugares implica.

Paralelamente a este filme, o seu LP está a obter tal êxito que já vendeu milhões, não só nos States como também na Europa, onde só a partir de Setembro/84 Prince começou a ser apreciado e a fazer «sombra» a Michael Jackson.

Harry Dean Stanton e Dean Stockwell em «Paris, Texas»: **o tema da amizade masculina sempre presente no cinema de Wenders**

Presença francesa no elenco de «Paris, Texas»: **Aurore Clément**

"PARIS, TEXAS":

O vencedor de Cannes vem aí

Sete semanas e meia de filmagens, produção europeia, rodagem americana, elenco internacional: Wim Wenders faz a sua primeira ficção americana em inteira liberdade , «Paris, Texas».

Vencedor em Cannes/84, o filme tem sido um sucesso por todo o lado e desembarca, em Lisboa, já para a semana.

Um homem vem do deserto em procura da origem (na foto: Harry Dean Stanton em «Paris, Texas»)

A América tem sido, pelo menos desde **«Alice nas Cidades»,** uma obsessão que não tem cessado de penetrar nos filmes de Wim Wenders. Espécie de espaço paterno, com o qual qualquer cineasta tem, um dia de defrontar-se, lugar de atracção e de repulsa, a seduzir, a liquidar, a usurpar. O cinema de Wenders deu muitas voltas antes de chegar à fala com esse território cinematográfico, inclusive o da raiva e do bloqueio (que outra coisa é **O Estado das Coisas,** filmado em Portugal, no ponto da Europa mais perto da América?), o do mal-entendido, o da constatação de que a idade de ouro do cinema americano, os seus códigos, os seus métodos de produção, morreram (e disso fala **Hammett,** sem embargos). Passou mesmo pela física morte do pai-Nick Ray (nesse ponto eticamente limite do cinema que é **«Lightning over water»**). A história recente do cineasta europeu que melhor tem espelhado as relações edipianas e de conflito entre as ideias cinematográficas europeias e americanas é feita de desencontros. Produtivos e nunca actos falhados, mas desencontros.

A história não terminou, é de crer em sequelas. Mas **«Paris, Texas»** (título que é o nome de uma localidade americana mas que em si espelha a ponte entre dois espaços que o cinema de Wenders vem sendo) é o primeiro filme completamente americano e completamente europeu do seu autor. A América deu o espaço, o travo, a trama, a história (escrita por Sam Shepard, um homem de que ainda muito se falará no futuro do cinema), a Europa deu os capitais, a produção, os técnicos principais, os actores foram colhidos entre os dois continentes (Harry Dean Stanton, Dean Stockwell, Aurore Clément, Nastassja Kinski...) em, pelo menos, quatro países.

A história é uma história de família, desencontro, aprendizagem, desvio. O «herói» é, como em todo o espaço americano, um solitário. E o filme, tido como um dos mais belos da carreira de Wim Wenders, vem conhecendo o êxito — pelo menos na Europa. O triunfo no último festival de Cannes não foi, é claro, alheio a esse facto.

Em Portugal o filme está prestes a estrear e dele se pode bem dizer que é um dos acontecimentos cinematográficos mais aguardados do ano. E não há dúvida que não faltam as boas razões para tanto.

Nastassja Kinski (na foto com Hunter Carson) volta a filmar com Wenders, o cineasta que a lançou, dez anos atrás

Panorâmica

• **Lauro António** faz as misturas de som do seu filme **O vestido cor-de-fogo** mas a fita não deve chegar aos écrãs antes da Primavera de 1985. Adaptação de um conto de José Régio, este filme tem Jorge Vale e Acácia Thièle nos principais papéis.

•**Elena Solovei,** atctriz soviética pouco conhecida fora do seu país mas com prestígio firmado no cinema da URSS, está em Lisboa. O pretexto

Elena Solovei

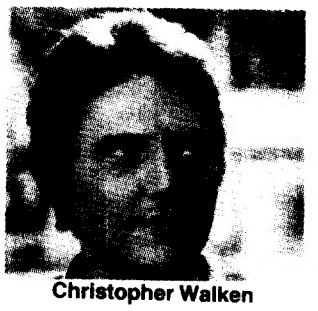
para esta visita é a Semana de Cinema Soviético em curso no Apolo 70 que inclui um filme onde Elena Solovei é protagonista, **Peça incompleta para piano mecânico** de Nikita Mikhalkov.

•**Nagiza Oshima** vai voltar a pisar os estúdios. Após o êxitro de **Feliz Natal, Mr. Lawrence,** Oshima prepara **A Better Man,** um argumento seu e de Jean Clade Carrière, uma produção franco-japonesa.

•**Sam Shepard,** não para. Depois de **Os Eleitos** (em exibição em Lisboa) e de **Country** (uma produção Disney) roda **Fever** sob a direcção de Richard Brooks.

• **Sydney Pollack,** Robert Redford, Meryl Streep: o Tandem é de monta e aprontase para rodar, a partir de Janeiro de 85, **Out of África.**

• **Christopher Walken** é o vilão do próximo filme de James Bond, onde Roger Moore é, de novo o agente secreto 007.



Christopher Walken

A fita chama-se **A view to a Kill** e está em plena fase de filmagens.

• **Steven Spielberg** é o nome que não pára de andar nas bocas do mundo. Será mero boato ou haverá fumos de verdade no rumor que corre que será ele a realizar o próximo filme da série **Star Wars** de George Lucas?

• **Valerie Kaprisky** que o público português conhece de **Breathless** e conhecerá melhor quando estrear **La Femme Publique,** acaba de rodar um novo filme em França: **L'année des Méduses,** escrito e realizado por Christopher Frank.

• **Steve Wonder** vende, no mercado português, as canções que fez para **The woman in red,** com um sucesso mais que estimável. O filme, uma comédia escrita, realizada e protagonizada por Gene Wilder, vai ter semelhante destino?

LIVERPOOL EXPRESS, SMITHS, JONATHAN RICHMAN E DREAM SYHDICATE

Cenas do rock britânico e americano

Os grupos «Liverpool Express» e «Smiths», cujos discos recentemente editados no nosso país se encontram quase esgotados, são o reflexo de uma nova corrente musical britânica, de regresso a formas mais puras de música popular, enquanto formações como «Dream Syndicate» ou Jonathan Richman marcam a reaparição em força do rock americano.

A primeira edição do 'single' «So What» do grupo britânico 'Liverpool Express' esgotou no mercado português, conquistando rapidamente os espaços radiofónicos e as pistas de dança nacionais. Trata-se do primeiro trabalho editrado em Portugal da banda que já passou por quase todos os géneros da música popular ao longo dos últimos vinte anos.

Os Liverpool Express são Billy Kingsley, na voz e guitarra baixo, que originalmente fez parte do grupo dos anos 60 «Merseybeats», Dave Goldberg, nas teclas, voz e letras, Ken Parry e Brian Rawling.

Billy Kingsley, incluído nos «Merseybeats» da década de 60, acompanhou o sucesso dos Beatles, tendo o grupo feito parte do «boom» de Mersey e atraído a atenção do mundo, alcançando êxitos e classificações nas tabelas dos tops 10 mundiais. Em 1966 Billy e o seu companheiro de grupo Tony Crane associaram-se e formaram o duo 'The Merseys', cujo maior êxito, a balada «Sorrow», foi mais tarde interpretada por David Bowie. Em 1969, desfez-se este agrupamento e o baixista juntou-se à 'Jackie Lomax Band' que se tornou a banda privativa de George Harrison e Paul McCartney. Em 1975 nasceram os Liverpool Express.

Quanto ao teclista, Dave Goldberg, a sua aprendizagem musical foi essencialmente feita através de espectáculos dados em universidades, nos finais dos anos 60 e princípios de 70, integrando grupos como os 'The Incidents', 'Perfumed Garden' e 'Pleasure'. Seguiram-se intervenções em trabalhos de Bobby Sox And The Prizeguys.

Além dos mais variados trabalhos em estúdio, trabalhou durante muito tempo em teatro. Envolveu-se também na realização musical das produções de West End, como «ducating Rita» e «Blood Brothers». Em 1982 juntou-se ao Liverpool Express.

SMITHS: 4.º LUGAR

Também o grupo britânico Smiths, esgotou a primeira edição do seu primeiro álbum editado entre nós, atingindo o quarto lugar nos tops de vendas nacionais. Não são raras as vezes em que um grupo desconhecido se instala directamente no segundo lugar das tabelas de vendas de álbuns, em Londres, num espaço de seis meses. O que é curioso é que este resultado seja alcançado sem investimentos na promoção ou no corte de cabelo do cantor ou mesmo no vídeo.

Em finais de 82 Johnny Marr, jovem guitarrista de 17 anos, decidiu fundar um grupo e nesse intuito deslocou-se a Manchester, onde conheceu Paul Morrissey, o baixista Andy Rowike e o baterista Mike Joyce.

A explicação da carreira vertiginosa e fulgurante deste quarteto reside em vários factores, para além da personalidade carismática de Morrissey. Os Smiths são a ilustração mais simbólica da nova corrente britânica, saturada de tecno-pop e de efeitos electrónicos abusivos, reivindicando um «regresso a formas mais tradicionais e puras da música popular».

De si próprios dizem: «Somos quatro almas a nu, frente ao universo. Somos reais, simplesmente. Ninguém nos manipula. Os nossos textos são uma conversa directa com o público (...) A nossa mensagem: se ao acordar é incapaz de dizer algo de forte sem ser assistido pela tecnologia, então é porque não vale nada».

Talvez o segredo do êxito desta banda seja a autenticidade, e simplicidade, o grande poder de comunicabilidade e espontaneidade. «Hand in Glove» foi o primeiro 'single' lançado em 83, no mesmo ano saiu «This Cherming Man» que, em duas semanas, atingiu o primeiro lugar nas tabelas das marcas independentes. Editado no princípio deste ano o 'single' «What Difference Does It Make» sobe para o primeiro lugar na mesma tabela, enquanto o 33 rotações «The Smiths» alcança o segundo lugar nas vendas de álbuns na Grã-Bretanha.

O ROCK AMERICANO

Jonathan Richman and The Modern Lovers lançaram recentemente o máxi-single «That Summer Feeling». Os 'Modern Lovers' obtiveram um dos seus maiores êxitos em pleno apogeu do movimento punk com «Rodrunner», «Egyptian Reggae» e «Morning Of Our Lives», após o que se seguiu um período de esquecimento, mas não quanto a Jonathan, que no seu recente regresso aos palcos recebeu uma estrondosa ovação.

Acompanham Jonathan, os três 'Modern Lovers', Curly Keranen, no baixo, Ellis Marshall, na voz e Michael Gardabadcio, na percussão. O músico nasciuo em Boston cita influências que vão desde Connie Stevens aos Velvet Underground e declara que não lhe desagradaria ver os seus discos classificados nas lojas da especialidade entre os de Charles Aznavour e Maurice Chevalier.

Os «Dreem Syndicate» lançaram o disco «The Days Of Wine aond Roses», considerado um dos «álbuns mais prestigiosos do rock americano de 83». A formação é constituída por Steve Wynn, na guitarra e voz, Karlo Precada, na guitarra, Kewdra Smith, no baixo e voz e Dennis Duck, na bateria.

Entre os factos mais relevantes dos dois últimos anos no panorama musical internacional, destaca-se a reaparição em força do rock americano, após um período essencialmente dominado pelos artistas britânicos. Os 'Dream Syndicate' estão incluídos nesta nova «cena» musical.

EMC

FAÇA VOCÊ MESMO

Como substituir o vidro de uma janela

Substituir um vidro que se partiu numa janela é uma tarefa bastante fácil e que você mesmo poderá realizar sem grande dificuldade, e poupando muito dinheiro. Se pelo contrário optar por mandar substituir o vidro por uma pessoa especializada certamente que ficará muito mais caro e nem por isso ficará um trabalho muito mais bem feito, do que realizado por si.

Com a ajuda de um cinzel e de um martelo retire toda a massa que está segurando os bocados de vidro. Retire igualmente os pregos que seguravam o vidro e todos os bocados que ainda permanecem presos ao caixilho. Raspe de maneira que não fiquem nenhuns resíduos de massa de vidraceiro ou algum bocado de vidro.

Meça o sítio onde irá colocar o vidro. Deixe uma pequena folga, para o vidro depois entrar sem grande dificuldade. Essa folga pode ser de uns 3 mm tanto na vertical como na horizontal. Compre o vidro assim como a massa de vidraceiro numa casa da especialidade.

Prenda o vidro ao caixilho da janela por intermédio de pregos finos como pode observar na figura 2. Cuidado ao pregar os pregos para não partir o vidro.

Coloque a massa de vidraceiro no caixilho carregando bem com o dedo de maneira que fique compacta. Com uma espátula alise a massa como pode observar na figura 3. Retire os resíduos e deixe secar. Quando estiver bem seca passe um pouco de tinta da mesma cor da janela.

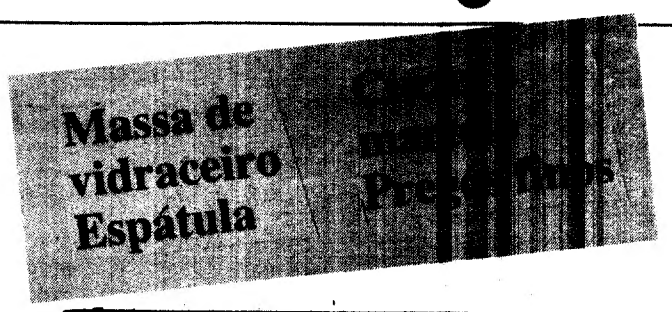


FIG.1

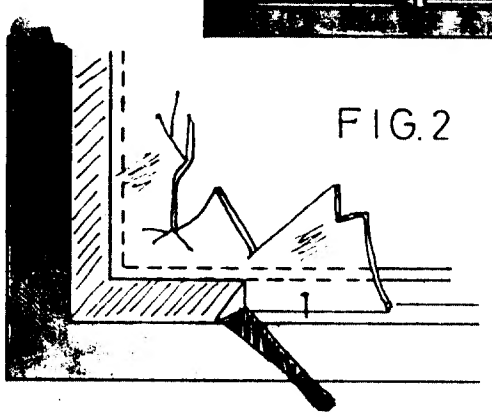


FIG.2

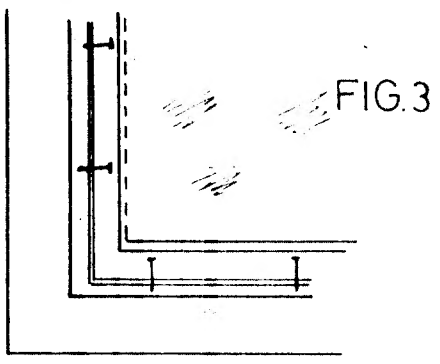


FIG.3

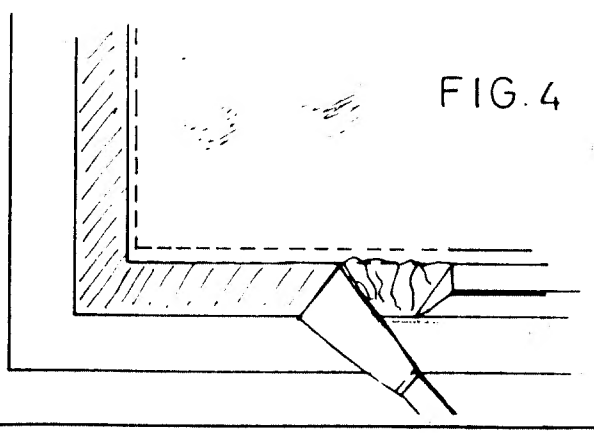
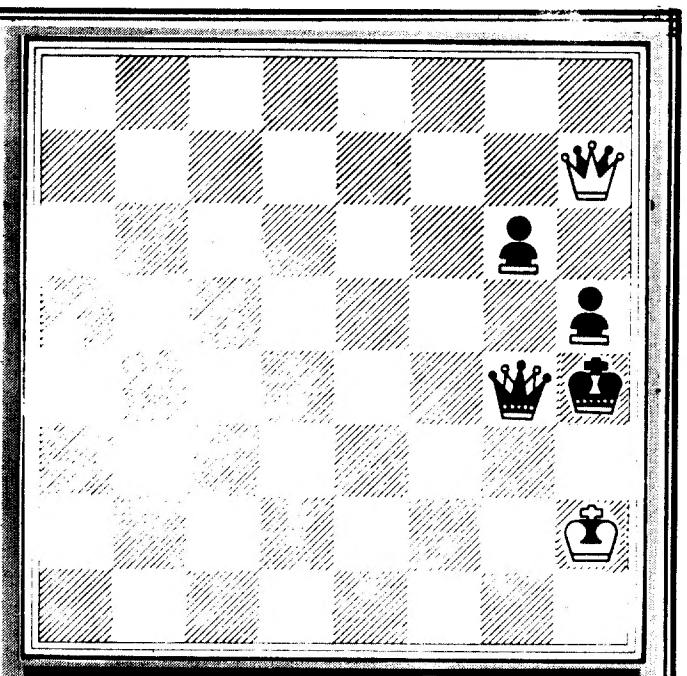


FIG.4



Xadrez

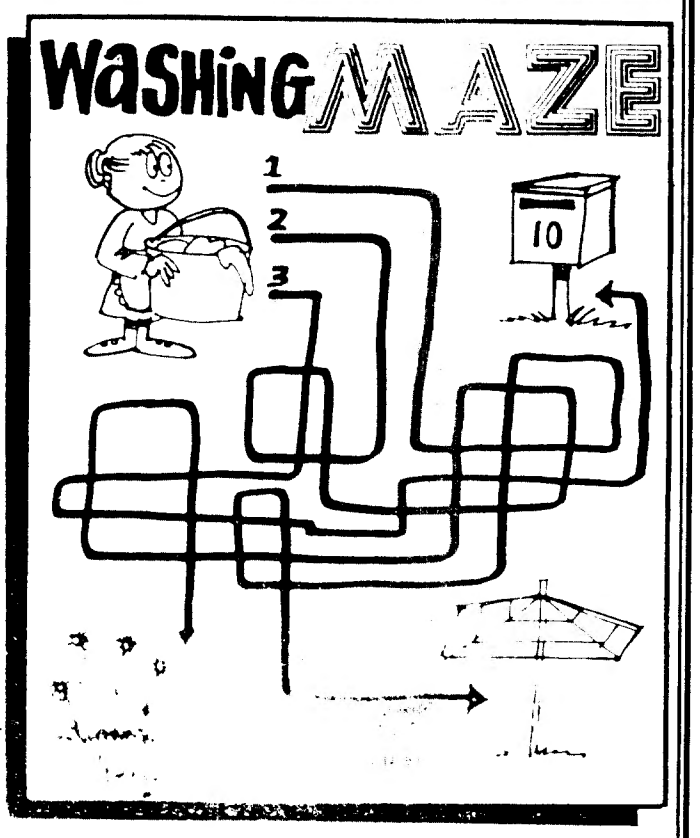
O mestre holandês Cortlever chegou a esta posição aparentemente perdida, tendo as peças brancas.

Mas já dizia o grande mestre Tartakower: nunca ninguém ganhou uma partida, abandonando.

E Cortlever tirou partido da posição aglomerada do inimigo.

Soluções

1 D e7+, D g5 2 D e4+, D g4 3 D e 3! finíssimo lance de espera, e agora 3... D g5 4 D h3++, ou 3... Df5/c8 4 D g3++, e se 3... g5 4 D f2+, D g3 + 5 Dxg3 ++.



Puzzle

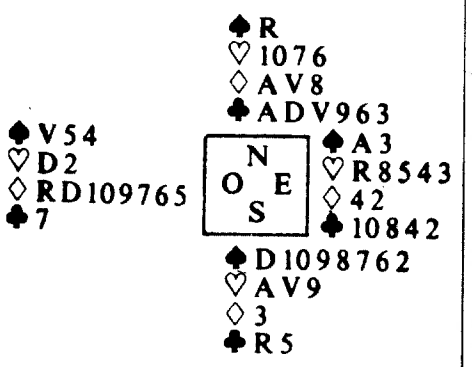
Que caminho deve tomar a dona de casa para chegar à «aranha» para estender a roupa?

BRIDGE

Oscampeões também se enganam

Philippe Brugnon

Até os campeões se esquecem, por vezes, de tomar certas precauções, essenciais para ganhar um contrato, e aqui o caso é típico, pois o jogo cabidou nas três mesas em que Oeste abriu com a sua carta seca de Paus. Resta saber se seria possível encontrar a linha de jogo vencedora sem ver as mãos de Este-Oeste, pois parecia lógico (mas não era...) puxar trunfo, uma vez que o declarante sabe que o defensor vai cortar.



Vozes: Sul a dar, todos vulneráveis

SUL	OESTE	NORTE	ESTE
Meckst.	Pavlicek	Rodwell	Root
1 Espadas	3 Ouros	3 ST	passo
4 Espadas	passo	passo	passo

Oeste abriu com o 7 de Paus (seco), **como é que Meckstroth, em Sul, deveria ter jogado** para cumprir QUATRO ESPADAS contra qualquer defesa?

NOTA SOBRE AS VOZES

A maior parte dos peritos de hoje usam **como barragem** as intervenções em salto. Assim, a voz de «3 Ouros» correspondia a uma abertura de barragem em Ouros. Com uma mão mais forte em pontos de honra, por exemplo com mais o Às de Espadas, Oeste teria simplesmente declarado «2 Ouros». Uma vez que Oeste é barrado com «3 Ouros», o declarante deve supor que o Às de Espadas e uma honra em Copas estarão certamente em Este.

É divertido constatar que Culbertson, há cinquenta anos, tinha adoptado o princípio da «subida em salto em barragem» numa das edições do seu famoso «Blue Book», mas renunciou a ele mais tarde, pois a maioria dos jogadores tinha dificuldade em se adaptar.

RESPOSTA

Suponhamos que o declarante joga imediatamente trunfo como fez Meckstroth: Este, que tem o Às (o que era previsível), voltou a jogar Paus para o corte de Oeste, que contra-atacou com o Rei de Ouros. O declarante tomou-o com o Às do morto, jogou depois Copas do morto e fez a passagem dupla, mas Este (que tinha apenas uma honra em Copas) forneceu uma carta pequena, e Oeste apanhou com a Dama. Jogou em seguida a Dama de Ouros, cortada por Sul, que puxou a Dama de Espadas sobre a qual caiu o valete de Espadas. Mas **o declarante teve de conceder uma outra Copa**, e Meckstroth perdeu ao todo o Às de Espadas, um corte de Paus e duas Copas...

Ora, se o declarante tivesse tomado a precaução, depois de ter apanhado a carta de abertura com a Dama de Paus, **de jogar imediatamente Copas**, teria cumprido o seu contrato! A condição necessária era muito simplesmente que o Valete de Espadas caísse — quando Sul puxasse a Dama de Espadas depois de ter cortado em Paus, como no caso precedente — e que Este tivesse pelo menos uma honra em Copas a fim de perder só **uma** Copa.

Nas outras duas mesas desta Taça Vanderbilt, o contrato foi igualmente cabidado.

Profissão perigosa

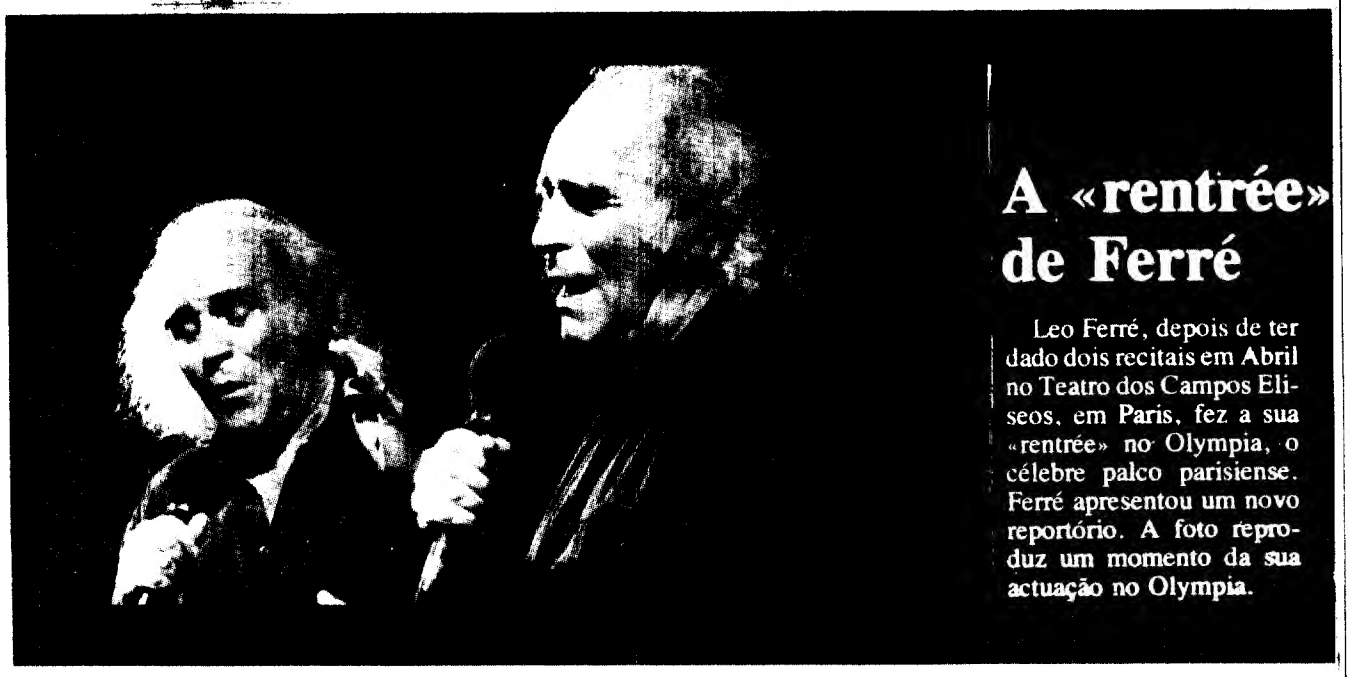
Pat Purcull, 26 anos, é a primeira mulher a passar nos testes da RAF destinados a especialistas em despoletar explosivos. Pat trocou a actividade de empregada doméstica por esta perigosa profissão. Na foto, a jovem inglesa manipula uma bomba inofensiva, utilizada nos exercícios de aprendizagem.

O «Bolero» de Derek

Bo Derek promove actualmente o seu novo filme, «Bolero». E a bela actriz tem tido enormes dificuldades pois toda a crítica americana vem atacando o seu trabalho, classificado como «pornográfico». Derek, agora com 27 anos, riposta: «Quem pensa isso é estúpido».

Petula Clark regressa a Paris

A cantora britânica Petula Clark regressou a Paris para participar numa emissão de televisão. A presença na TV terá sido, no entanto, mais um pretexto para visitar a capital francesa pois Petula confessa que não pode estar demasiado tempo ausente de Paris sem sentir uma enorme nostalgia.



A «rentrée» de Ferré

Leo Ferré, depois de ter dado dois recitais em Abril no Teatro dos Campos Eliseos, em Paris, fez a sua «rentrée» no Olympia, o célebre palco parisiense. Ferré apresentou um novo reportório. A foto reproduz um momento da sua actuação no Olympia.

«Allez-OOp»

Não é fácil com um camião, mas Gilbert Bottille inventou um novo ballet motorizado que parece inventado pelo próprio diabo.

O punk e o polícia

Palavras para quê? A gravura reproduz um momento de um encontro com polícia, travado durante uma manif. punk em Londres.

Um barco diferente

A foto mostra o inventor inglês Rock Townsend experimentando o seu barco-pedal. Townsend, arquitecto de profissão, considera que o seu invento pode resolver os problemas de trânsito em Londres: em vez das avenidas e ruas, utilizar o rio para chegar ao emprego.

Televisão no Metro

A imagem reporta-se à estação da Bastilha, no metropolitano parisiense, que acaba de ser dotado de um sistema de televisão através do qual a população pode manter-se informada sobre os últimos acontecimentos nacionais e internacionais.